



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

PROGRAMA DE DOUTORADO EM GEOGRAFIA

**COMUNIDADE BARRA DO BENTO – CANINDÉ (CE) E AS
INTERVENÇÕES DA IGREJA BATISTA CENTRAL E DO PODER
PÚBLICO: TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS E SUAS
REPRESENTAÇÕES**

Angela Quezado de Figueiredo Cavalcante

Rio Claro-SP
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

**COMUNIDADE BARRA DO BENTO – CANINDÉ (CE) E AS INTERVENÇÕES DA
IGREJA BATISTA CENTRAL E DO PODER PÚBLICO: TRANSFORMAÇÕES
SOCIOESPACIAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES**

Angela Quezado de Figueiredo Cavalcante

Tese apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Rio Claro, Programa de Pós Graduação em Geografia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Enéas Rente Ferreira.

Rio Claro – SP
2013

C376c Cavalcante, Angela Quezado Figueiredo

Comunidade Barra do Bento-Canindé (CE) e as intervenções da Igreja Batista Central e do poder público: transformações socioespaciais e suas representações./Angela Quezado Figueiredo Cavalcante. – Rio Claro - SP : UNESP, 2013.

185f. : il.

TESE (GEOGRAFIA)
Profº. Dr. Enéas Rente Ferreira.

1. ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS (CANINDÉ-CE)
2.INTERVENÇÃO SOCIAL PÚBLICA 3. INTERVENÇÃO
RELIGIOSA(IGREJA BATISTA) 4.COMUNIDADE BARRA DO
BENTO I. Título

CDD 711.4

Catálogo na Fonte: Tatiana Apolinário Camurça (CRB 3 – Nº917)

ANGELA QUEZADO DE FIGUEIREDO CAVALCANTE

**COMUNIDADE BARRA DO BENTO – CANINDÉ (CE) E AS INTERVENÇÕES DA
IGREJA BATISTA CENTRAL E DO PODER PÚBLICO: TRANSFORMAÇÕES
SOCIOESPACIAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geociências e Ciências Exatas- IGCE da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Enéas Rente Ferreira (Orientador)
UNESP/IGCE – Rio Claro/SP.

Prof. Dr. Fadel David Antonio Tuma Filho
UNESP/IGCE – Rio Claro/SP.

Prof^a. Dra. Ana Tereza Caceres Cortez
UNESP/IGCE – Rio Claro/SP.

Prof^a. Dra. Maria de Fátima Veras Vilanova
UECE – Universidade Estadual do Ceará.

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves
Universidade Federal de Alfenas – Minas Gerais.

Rio Claro/SP, 24 de Outubro de 2013.

DEDICO ESTE TRABALHO

*Ao meu pai **Joade** - homem tranquilo, que nunca desistiu diante das adversidades da vida - **Meu Herói**.*

*À minha mãe, **Maria Quezado** - que me ensinou que o conhecimento nos dá consciência de Ser no Mundo - **minha eterna referência de vida**.*

*Ao meu esposo e companheiro, **William**.*

*Aos meus filhos **Meysa, Ricardo e William**, presentes dados por Deus.*

*As queridas noras, **Camilly e Marcela**.*

*À **Giovanna** e ao **Lucas**, os mais novos integrantes da família.*

*À **Ana**, à **Diana** e ao **Marcos** - irmãos, amigos e companheiros.*

Amo a todos!

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus e Cristo Jesus, pelo amor e auxílio sempre presentes nos momentos de luta e vitória, que proporcionaram meu encontro com pessoas especiais.

Ao meu marido William, por toda a compreensão.

Ao meu amado filho William, por todo o apoio na coleta dos dados e por estar todo tempo presente nessa minha caminhada.

Aos meus filhos Ricardo e Meyssa, pelo carinho e palavras de motivação.

Às minhas irmãs Ana e Diana, pela presença e contribuição constantes.

Em especial ao professor Dr. Enéas Rente Ferreira, meu orientador, pessoa maravilhosa, com quem tive o privilégio de conviver e aprender.

À Professora Doutora Isolda Machado Evangelista, por toda a atenção e presteza com que me apoiou, lendo e relendo exaustivamente meus escritos e contribuindo com importantes comentários que em muito enriqueceram o resultado final da presente Tese.

À Professora Doutora Solange Terezinha Lima Guimarães, pelas preciosas informações.

Aos Professores Doutores, que compuseram a banca de defesa, Fadel David Antonio Tuma Filho, Maria de Fátima Veras Vilanova, Ana Tereza Caceres Cortez e Flamarion Dutra Alves.

Aos Professores Doutores Fadel David Antonio Tuma Filho e Paulo Godoy, que integraram a banca de qualificação, pelas importantes contribuições.

A todos os demais professores do Doutorado.

À Universidade Estadual Paulista e ao programa de Pós-Graduação em Geografia.

Ao IFCE pela oportunidade que me foi dada de crescimento acadêmico.

À querida amiga Socorro Figueiredo, pelo incentivo nos momentos difíceis e apoio constante.

À minha querida Aparecida Silva, pela companhia e apoio quando eu mais precisei.

À minha estimada Chaguinha Nascimento, pelo refúgio nos momentos de cansaço e desânimo.

Às queridas colegas Severina Gadelha, Izaira Machado, Keila Mota e Inez Ibarгойen, pelas preciosas observações.

Ao estimado colega Solon Sales, por me substituir nas aulas, para que eu pudesse

me licenciar para confecção final da tese.

Ao querido colega Júlio César F. Lima pela versão do Resumo para o inglês.

À Marisa Aparecida Merli Antonio, pela revisão da língua portuguesa.

Ao Sr. José Cleiton Nogueira, pelo apoio e preciosas informações sobre a comunidade e o Projeto Barra do Bento.

Ao Sr. João Barbosa de Vasconcelos, pela disponibilidade em me auxiliar no transporte até a comunidade de Barra do Bento, através de seu veículo 4x4.

Aos moradores de Barra do Bento, que me receberam e permitiram que eu adentrasse em suas casas, suas vidas e intimidade familiar, pela especial contribuição.

Em especial ao Raimundo Rodrigues de Sousa, à Raimunda de Sousa “a Sandra” e à Maria Rodrigues de Sousa a “Pipia”.

A todos minha gratidão.

Devo aprender com as árvores do sertão,
que se deixam perder as folhas para,
resistindo às intempéries,
brotarem com a primeira gota
que caia do céu no próximo inverno.
E nem por isso morrem, mas, superam a
adversidade e floram para enfeitar o campo
novamente.
Sempre mais uma vez...

(Ana Zenaide Quezado de Figueiredo, agrônoma, irmã maravilhosa).

RESUMO

A compreensão do homem sobre seu meio ambiente varia de acordo com sua vivência e valores atribuídos aos acontecimentos, sendo única em razão das diferentes realidades que coexistem. O espaço geográfico no qual este homem se encontra inserido possui grande significado para si, pois é neste espaço, repleto de memórias e emoções, que acontece a relação homem/meio. Este é o seu espaço vivido. A presente tese tem como objetivo entender, através da Fenomenologia, a compreensão dos moradores da Comunidade Barra do Bento, que pertence ao distrito de Monte Alegre no município de Canindé-Ceará, sobre as intervenções realizadas pela instituição religiosa Igreja Batista Central (IBC) – Fortaleza/Ceará e Poder Público, em seu espaço geográfico, social, cultural e religioso. A comunidade de 160 habitantes, que dista 145 Km da capital, Fortaleza, viveu décadas de forma completamente isolada e sem condições mínimas de vida, como água, moradia digna e energia elétrica. A partir da intervenção da Igreja Batista Central (IBC), seguida do apoio do Poder Público, a pequena comunidade conquistou, em poucos anos, diversos direitos básicos à dignidade humana. Seu lugar transformou-se fisicamente com a construção de um açude, escola, casas em alvenaria, instalação de água encanadas para as residências, de energia elétrica e telefone público dentre outros benefícios. Nova visão do espaço, novos hábitos culturais, novos aspectos ligados à religião foram introjetados através da interferência da igreja evangélica, assim como ocorreram mudanças em aspectos da cidadania e na visão de mundo pelos moradores. Os instrumentos de investigação utilizados foram a entrevista e a observação, realizadas com 15 famílias da comunidade, a partir de um universo de 30 famílias. Identificaram-se mudanças na concepção dos moradores da comunidade a respeito da natureza e do seu lugar, com a revalorização da sua própria terra, através das melhores condições de vida advindas da intervenção da IBC e do Poder Público.

Palavras-chave: Espaço Vivido, Compreensão do Espaço, Meio Ambiente, Religião.

ABSTRACT

Human beings understand the environment they live in according to their experience and values assigned to events, being unique because of the different realities that coexist. The geographical area in which this man is inserted has great meaning to him, because it is within this space, filled with memories and emotions, which happens the relationship between humanity and the environment. This is man`s lived space. This thesis aims to use Phenomenology to understanding the residents from the community Barra do Bento in the district Monte Alegre in Canindé-Ceará, on the interventions by the religious institution Igreja Batista Central (IBC) - Fortaleza/Ceará and the government, in its geographical, social, cultural and religious space. The small community, distant 145 km from the capital, Fortaleza, went through decades of complete isolation and without minimal living conditions, such as water, electricity and decent housing. Following the intervention of the Igreja Batista Central (IBC) and the support of the Government, the small community achieved in a few years, many basic rights to human dignity. The place changed physically with the construction of a dam, a school and the installation of electricity, among other benefits. New vision of space, new cultural practices and new aspects of religion were internalized through the interference of the evangelical church, as well as changes in some aspects of citizenship and the worldview of the residents occurred. The research instrument used was the interview and observation, which was conducted with 15 families in the community, from a universe of 30 families. Changes were identified in the design of the community residents about nature and the place, with the revaluation of its own land, through better living conditions arising from the intervention by IBC and the government.

Keywords: Lived Space, Understanding of Space, Environment, Religion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Distritos de Canindé com respectivo ano de criação	41
Quadro 02 - Classificação de Köppen adaptada para o Brasil	49
Quadro 03 - Fluxograma - Sistema Integrado de Gestão de Recursos Hídricos - SIGERH	57
Quadro 04 - Percentual da Renda Apropriada por Extrato da População de Canindé/ CE	79

LISTA DE FIGURAS

01 - O olhar curioso da criança da Barra do.....	38
02 - Mapa do município de Canindé-Ceará	42
03 - Vista parcial do distrito sede, Canindé	43
04 - Galo-campina, ave característica do sertão	44
05 - Caatinga na Região de Canindé, Ceará	45
06 - Árvore Carnaubeira	46
07 - Barra do Bento em época de inverno (época de chuva na região)	48
08 - Barra do Bento em época de estiagem e grande calor	48
09 - Mapa do Ceará com precipitações pluviométricas no ano de 2009	51
10 - Vítimas das secas de 1877/1878, Ceará – Brasil	52
11 - Bacias Hidrográficas do Estado do Ceará	59
12 - Riacho Atanázio - Barra do Bento	60
13 - Primeira Igreja de São Francisco, concluída em 1796	62
14 - Presença franciscana no sertão de Canindé	63
15 - Basílica de São Francisco das Chagas em Canindé/CE	66
16 - Romeiros em frente à Basílica durante uma missa campal	67
17 - Estátua de São Francisco das Chagas, vista da BR 020.....	67
18 - Exposição de ex-votos na Sala dos Milagres	68
19 - Os romeiros chegando a Canindé em “pau-de-arara”	69
20 - Alojamento dos romeiros em Canindé/CE	70
21 - Romeiro e filho vestidos com hábitos dos frades franciscanos	70
22 - Romaria dos Vaqueiros	71
23 - Mulheres e crianças pedintes na estrada de Canindé/CE	72
24 - Corpo da estátua no alto do monte	73
25 - Cabeça da estátua do “Santo da Cabeça” na cidade de Caridade/CE	73
26 - Travessia de voluntários no riacho Atanázio, época chuvosa	75
27 - Barra do Bento e sua paisagem basicamente natural.....	75
28- Barra do Bento e sua paisagem	76
29 - Água de má qualidade era transportada em jumentos.....	78
30 – Casa de taipa construída há mais de 70 anos	81
31 - Moradora da comunidade Barra do Bento pilando milho	82

32- Potes de barro para armazenamento de água para beber e cozinhar	83
33 - Fogareiro a céu aberto na comunidade Barra do Bento	83
34 - Fogão a lenha utilizado pelos moradores da Barra do Bento	84
35 - Gerimum plantado no quintal das casas	85
36 - Tomates plantados no quintal	86
37 - Plantação em encostas dos morros na Barra do Bento	87
38 - Criação extensiva de caprinos na Barra do Bento.....	88
39 - Jumento – animal símbolo da região do Semiárido	88
40 - Cercado para criação de porcos na Barra do Bento	90
41 - “Pé do trabalhador” e o chão rachado do sertão no período de seca.....	92
42 - Tenda da Igreja Batista Central de Fortaleza.	96
43 - <i>Rally</i> realizado pelo grupo Stauros 4X4 da IBC.....	101
44 - Voluntárias da IBC em atividade pedagógica com as crianças	103
45 - Voluntárias pintando as paredes do prédio da escola e igreja.....	104
46 - Multirão de voluntários na Comunidade de Barra do Bento	106
47 - Projeto de vila rural para a Barra do Bento, elaborado no ano de 2001	107
48 - Açude em construção por iniciativa da IBC/apoio Governo do Estado.....	110
49 - Açude concluído em fevereiro de 2008.....	110
50- Cisterna instalada na comunidade Barra do Bento	111
51 - Detalhe da abertura da cisterna para retirada de água	111
52 - Placa de identificação de cada cisterna	112
53 - Imagens por satélite da Barra do Bento e principais obras recebidas	113
54 - Sr. Raimundo Rodrigues e seu filho Jacó	115
55 - Horta no quintal da casa do morador da Barra do Bento.	124
56- Escola/Igreja construída pela IBC na comunidade Barra do Bento.....	136
57 - Estilo de casa construída pela IBC, para moradores da Barra do Bento.....	138
58 - Central de tratamento de água construída pela IBC na Barra do Bento.....	140
59 - Um sonho - a geladeira de M ^a Rodrigues de Sousa “Pipia”	143
60 - Um sertanejo de Barra do Bento.....	145
61 - Emília, criança de Barra do Bento, com sua boneca Emília.....	154
62 - Sr. Cleiton e morador da Barra do Bento.....	162

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro.

CGERH – Campanha de Gestão de Recursos hídricos.

COMIRH – Comitê estadual de Recursos Hídricos.

CONERH – Conselho de Recursos Hídricos do Estado do Ceará.

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

EMATERCE – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará.

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos.

FUNCEME – Fundação Cearense de Meteorologia.

Ha – Hectares.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBC – Igreja Batista Central de Fortaleza.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDACE – Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

INESP – Instituto de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Estado do Ceará.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

P1MC – Projeto 1 Milhão de Cisternas.

Planerh – Plano Estadual de Recursos Hídricos.

PMC – Prefeitura Municipal de Canindé.

PROGERIRH – Programa de Gerenciamento e Integração dos Recursos Hídricos.

PSJ – Projeto São José.

RMF – Região Metropolitana de Fortaleza.

SEMACE – Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará.

SEPLAN – Secretaria do Planejamento e Coordenação.

SIGERH – Sistema Integrado de Gestão de Recursos Hídricos.

SOHIDRA – Superintendência de Obras Hidráulicas.

SRH – Secretaria de Recursos Hídricos do Ceará.

UEC – Universidade Estadual do Ceará.

UFC – Universidade Federal do Ceará.

UFG – Universidade Federal de Goiás.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	16
1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	23
1.1 Abordagem Metodológica Aspectos teóricos do método de abordagem...	26
1.2 Sujeitos da Pesquisa.....	31
1.3 Pesquisa e Levantamento dos Dados	32
1.4 Análise dos dados.....	36
2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL: CANINDÉ(CE) E COMUNIDADE BARRA DO BENTO	40
2.1 Aspectos Físicos e Ambientais	41
2.2 Caracterização Socioeconômica e Cultural: Uma viagem pela história	61
2.3 Barra do Bento: Uma História, Muitas Vidas	74
3 RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NA COMUNIDADE BARRA DO BENTO.....	93
3.1 Religião e Dinâmica do Espaço Social.....	97
3.2 Igreja Batista Central e sua Atuação na Comunidade Barra do Bento.....	100
3.3 Projetos Executados pela IBC e Poder Público na Comunidade Barra do Bento.....	107
4 O HOMEM, O ESPAÇO E A PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO NA COMUNIDADE BARRA DO BENTO	117
4.1 Perfil socioeconômico e cultural	118
4.2 Perfil Religioso: mudança de religião na comunidade Barra do Bento.....	125

4.3 A compreensão de espaço, paisagem e lugar, antes e depois das mudanças.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICE	175
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

Não podemos menosprezar os espaços simbólicos da mente, nem deixar a humanidade vivendo apenas no espaço físico e geográfico desses sistemas objetivos naturais, desvinculado do compromisso com o mundo e com todos os outros organismos vivos (BUSSOLOTI, 2011: 20).

A presente pesquisa buscou compreender a visão dos habitantes¹ da comunidade² Barra do Bento, no tocante às transformações socioespaciais ocorridas na paisagem, ao longo dos últimos anos. Tais mudanças aconteceram em decorrência, principalmente, das transformações promovidas pela Igreja Batista Central de Fortaleza e poder público³.

A partir da ação da Igreja Batista Central, ocorreram mudanças nas condições sociais, religiosas, econômicas e culturais da comunidade, advindas dessas intervenções. De acordo com Malvezzi (2007), o ambiente em que essa comunidade está inserida deve ser olhado por vários ângulos, pois não é apenas clima, vegetação, solo e água, é muito mais que isso, é um povo com sua história, arte, política, religião e sociedade.

A escolha da temática se deu pela motivação da autora em compreender como ocorreram as interferências da Igreja Batista Central – IBC e como os moradores da comunidade de Barra do Bento apreenderam tais eventos, com o intuito de entender tais alterações na dinâmica física e social da comunidade. Isto surgiu quando a autora tomou conhecimento, logo no início, do Projeto Barra do Bento⁴, da instituição Igreja Batista Central (IBC), cuja intenção era auxiliar no desenvolvimento⁵ socioespacial, bem como na melhoria da “qualidade de vida”⁶

¹ Os habitantes da Barra do Bento serão tratados, em vários momentos, por moradores, nativos ou sertanejos.

² O termo comunidade remete à ideia de um grupo ou agrupamento de indivíduos formando uma sociedade, interagindo entre si de modo organizado, com iguais finalidades; habitando em área geográfica específica. (BAUMAN, 2003).

³ Poder público nas três esferas: Federal, Estadual e Municipal.

⁴ O projeto Barra do Bento é um trabalho da instituição Igreja Batista Central de Fortaleza-IBC, mantido por voluntários membros da IBC e posterior apoio financeiro do poder público. IBC, 2011.

⁵ Falar em desenvolvimento é “pensá-lo e planejá-lo como um processo dotado de um caráter mais humano, no sentido de se considerar o homem, simultaneamente, como sujeito e beneficiário deste processo. [...] que resulta na melhoria da qualidade de vida da população, sendo que, nesse nível de entendimento, não se pode separar analiticamente qualidade ambiental e de vida da população” (FERRAZ & ORTIGOSA 2008: 224-5).

dessa comunidade, com o incremento da tecnologia, apoio médico, atendendo às necessidades dos habitantes, com melhorias em suas moradias, infraestrutura e educação.

Como tese, defende-se que o planejamento e ações em educação e melhoria de infra-estrutura no combate aos efeitos da seca no semi-árido brasileiro são percebidos, por seus habitantes, como positivos para o seu desenvolvimento econômico, social e cultural, levando-os a uma melhor qualidade de vida.

Essa busca vai além do entendimento da construção do espaço. O desenvolvimento socioespacial, aqui, é mais que simplesmente um conceito físico e econômico. É o desenvolvimento social com acréscimos positivos e melhoria na qualidade de vida dos sujeitos, o que, segundo Souza (2005), é a transformação para melhor. Alterações no espaço, como a construção de açude, em geral, para o sertanejo é um acréscimo positivo que resulta na melhoria de qualidade de vida.

Os conceitos de qualidade ambiental e qualidade de vida começaram a ser mais profundamente estudados cientificamente após 1980, sendo estes fundamentais à ampliação social e econômica (GUIMARÃES, 2005). Segundo Chauí (1982), para se apreender um determinado fato social é necessário conhecê-lo em profundidade, tendo domínio do fenômeno ocorrido. A Geografia busca entender a importância deste para a análise e reflexão sobre os fenômenos sociais, culturais e naturais, dentre outros, através do estudo do espaço. Contudo, há a necessidade de aprofundar sempre mais a discussão sobre a Geografia, na tentativa de melhor entender os conceitos e as novas concepções advindas de estudos contemporâneos.

Esta é reconhecidamente uma Ciência Social, pois objetiva entender o homem em relação ao tipo de produção de seu espaço, e propõe avaliar e entender a sociedade através da análise desse homem (CAMARGO e ELESBÃO, 2004). A Geografia Humanística busca mostrar como se dá a relação entre homem/lugar/espaço e, segundo Andrade (1987), ela procura investigar a experiência vivida pelo sujeito, na intenção de compreender seu comportamento,

⁶ Por qualidade de vida, entende-se como o viver em maior e plena realização pessoal, ter uma moradia digna com conforto, viver com saúde, usufruir de lazer, ter atendidas suas necessidades básicas e financeiras, ter boa educação formal, dentre outras; o que deveria ser definido como algo essencial à vida humana, como capital para se viver bem, assim sendo, a qualidade de vida é algo que exclusivamente aquele que vivencia o fato pode aferir. Sendo qualidade de vida definida como: “sensação íntima de conforto, bem-estar ou felicidade no desempenho de funções físicas, intelectuais e psíquicas dentro da realidade da sua família, do seu trabalho e dos valores da comunidade à qual pertence” (NOBRE, 1995: 299).

percepção de mundo vivido e aspectos inerentes à raça humana, como: significações, valores, metas e propósitos. O sentido de mundo é pessoal e se faz conhecer através de costumes, valores e da relação do homem com o espaço.

O homem vive numa complexa relação entre os acontecimentos em si e os sentimentos e ideias formados ao longo de sua vida, que o levam a uma percepção individual sobre sua vida e seu entorno, não esquecendo, entretanto, que essa percepção é calcada numa visão de mundo coletivo. Para Tuan (1980), a compreensão é lida através dos cinco (5) sentidos humanos, os quais respondem aos estímulos ambientais, sendo essa a percepção sensorial e cognitiva, que é o resultado da relação do homem com seu meio. Através da cognição, as sensações são selecionadas e armazenadas, portanto, dando um significado próprio com um valor relativo (LIMA, 2003).

Com base em Lowenthal (1982), argumenta-se que cada indivíduo tem um modo particular de ver o espaço partilhado por todos, este é o seu 'mundo vivido'. Busca-se a experiência vivida pelo homem em seu mundo, através da construção de sua consciência, decorrente da relação com suas experiências e conflitos, o que o leva à sua própria visão do mundo. Entretanto para Goldmann (1979) tais experiências e conflitos, bem como, aspirações e sentimentos são vivenciados dentro do grupo social ao qual pertence, conseqüentemente,

É precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente de uma classe social) e os opõem aos outros grupos (GOLDIMANN, 1979: 19).

Portanto, a "visão do mundo" é também uma criação coletiva.

Dentro desta visão de mundo, para se compreender o espaço geográfico, busca-se o conhecimento da sua ocupação e a atribuição de valores a sua dinâmica de transformação, mediante a produção humana, dinâmica esta que vai além da materialidade, levando à subjetividade do imaginário humano, que atua sobre seu próprio espaço. O homem possui diversas formas de viver seu espaço e experienciá-lo, sempre vinculadas aos valores, conceitos, sentimentos, aspirações e ambições, que compõem a ideologia do seu grupo social.

Direciona-se o sujeito ao mundo vivido e à relação espaço-tempo, priorizando sua visão do fato, entendendo que o comportamento humano está apoiado na subjetividade, na compreensão, na intuição, emoção, tendo a habilidade

de entender bem as coisas do mundo real (CORRÊA, 2001; LENCIONI, 2003).

O homem julga o que acontece ao seu entorno, “organiza e cria espaços, arrumando e desarrumando de acordo com sua cultura e seus objetivos” (DUARTE e MATIAS, 2005: 190), e desse modo organiza o seu lugar, mostrando-se um homem livre que, por meio de seu entendimento, imaginário e conhecimento, cria sua própria consciência.

O imaginário do sujeito é permeado pelo espaço geográfico, sendo ora romântico ou poético, ora dolorido, formando em sua mente uma paisagem física, humana, psicológica e social próprias. A produção do espaço, bem como seu modo de vida e apropriações, são motivadas de acordo com a função social, anseios e idealizações de cada sociedade.

O estudo espacial da Barra do Bento possui, também, caráter social, pois, além da paisagem, envolve elementos afetivos e cognitivos de seus habitantes. Portanto, no estudo da paisagem devem ser consideradas as imagens subjetivas do homem para com seu ambiente.

Cabe enfatizar que a essência da própria Geografia é o mundo, o espaço, sua dinâmica contínua e suas mudanças. O espaço é o que nele se vivencia, as ações e emoções sentidas. O espaço é onde se vivenciam os sentimentos, onde se produz, onde se fala e onde se vive. Bettanini (1982: 29) enfatiza que “o espaço é o que nele acontece”, e assim, apesar do espaço ser um lugar comum, nele estão contidas a cultura de seu habitante, suas memórias e histórias de vida. A linguagem também “está repleta de espaço, porque não teríamos condições de falar nem de escrever sem múltiplas referências a alguma forma de espacialidade” (BETTANINI, 1982: 29).

Os moradores da comunidade de Barra do Bento têm suas particularidades, e, no seu espaço, habitam e vivem de modo diferente ao que se está acostumado a ver nos grandes centros urbanos. Esta forma de vivenciar o espaço está vinculada aos seus valores sociais e culturais. A existência deste homem inserido no espaço é marcada pelo modo como ele se apropria e dá significado aos objetos e aos fatos vivenciados, através da construção de seu imaginário. O homem apreende o mundo de acordo com suas vivências, recordações, cultura e valores.

Tomando-se a comunidade de Barra do Bento como base de estudo e entendendo que o meio ambiente é percebido de modo distinto, dependendo da realidade vivida pelo sujeito, surge a seguinte indagação: Qual a mudança intuída

pelos habitantes de Barra do Bento em sua vida e em sua comunidade após a intervenção da Igreja Batista Central em seu meio?

A procura por uma melhor compreensão da vivência e da relação dos moradores da Barra do Bento com o ambiente e com sua sociedade deve passar, primeiramente, pelo estudo de sua percepção espacial.

Merleau-Ponty (1971), citando Husserl, assevera que, para se chegar à compreensão humana, é preciso entender que “os corpos humanos possuem um ‘outro lado’, um lado espiritual”, destarte, um corpo psicofísico, que vê, reflete e percebe o mundo em que vive (*Op. cit.*: 165). E conclui: “a alma é o vazio do corpo, o corpo é o preenchimento da alma” (*id*, 1971: 213).

Para Heidegger (1994) e Merleau-Ponty (1971), o mundo subjetivo da compreensão humana é mais do que qualquer palavra ou atitude. Nesse sentido, pode-se dizer que, para os moradores da Barra do Bento conceberem a paisagem é necessário sentirem-se como parte desta, como algo seu, das suas lembranças, suas experiências, suas vivências.

Compete salientar que qualquer situação ou vivência, é sentida e compreendida de modo pessoal de acordo com a visão de cada sujeito e, o que o sujeito vê e percebe deixa de ser simplesmente uma coisa ou algo, passando a ter um significado próprio e pessoal, afetivo. Como afirma Merleau-Ponty (1971: 20), o mundo é aquilo que se concebe, e essa concepção:

[...] é mutável e somente provável; isto, se quisermos, não passa de uma opinião; mas o que não o é, o que cada percepção mesmo falsa verifica é a pertencença de cada experiência ao mesmo mundo, seu poder igual de manifestá-lo, a título de possibilidades do mesmo mundo (*Op.cit*, 1971: 49).

Qualquer fenômeno que venha a acontecer, mesmo sendo único, pôde ser visto de modo igual ou diferente por cada sujeito. Ademais, o homem, ao constituir uma relação com seu meio, reconhecendo-o e entendendo seus fenômenos, terá a compreensão do ambiente ao qual pertence (TUAN, 1980).

Cabe aqui o pensamento de Chauí (1998), que diz ser no olhar e trazer para dentro de si o mundo que se têm na memória as imagens lançadas ao subconsciente através da visão, porém, não é o que se tem na primeira visada, mas o apreendido no interior do próprio objeto. Conclui-se que o objeto estará sujeito ao modo como é concebido e vivenciado e de acordo com os interesses de cada um.

O estudo das diferentes compreensões entre os moradores da Barra do

Bento recai na investigação humanística conjuntamente com a investigação científica. Fazendo menção a Buttimer (1982), Evangelista (2013: 37) afirma: “Isto porque o estudo da dimensão simbólica pessoal e coletiva (dilemas, afeições, dramas, paradoxos) não é tarefa fácil de ser realizada”. É investigar, ouvir e, acima de tudo, buscar compreender a subjetividade do homem diante de tudo que o cerca, do seu cotidiano, com todos os seus males e benefícios, com o que lhe agrada ou não.

Há uma relação afetiva entre o homem e o lugar, como resultado de suas vivências afetivas e suas experiências naquele espaço geográfico, dando um significado próprio àquele lugar (TUAN, 1982). É um lugar de reciprocidade na relação homem/meio, onde o homem recebe e doa ao meio e vice-versa. A compreensão deste, assim como também os sentimentos do homem pelo ‘seu lugar’, são objeto de estudo da Geografia Humanística.

Poder-se-ia referir aos acontecimentos ocorridos no meio e com os nativos da Barra do Bento como sendo somente um fato meramente externo, físico e ambiental, porém a realidade não se apresenta assim, visto que os fatos são percebidos de modo pessoal, de acordo com as pressões emocionais, preferências e experiências subjetivas e os elementos valorativos de cada um, embasados nas concepções, valores, ideias e aspirações do seu grupo social. Portanto, este fato deixa de ser meramente exterior ou neutro, sendo agora intrínseco ao homem, representando algo de seu próprio interesse (DEMO, 1985).

Visando à interpretação do mundo vivido pelo morador de Barra do Bento, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar e compreender como os moradores da Barra do Bento apreendem e vivenciam as mudanças em seu espaço geográfico e em suas relações sociais e ambientais, mediante as intervenções da Igreja Batista Central (IBC).

Como objetivos específicos, apontam-se: I) refletir sobre a relação indivíduo/espaço com base na compreensão dos moradores da Barra do Bento sobre seu meio; II) conhecer a história, os hábitos culturais e religiosos da comunidade de Barra do Bento; III) identificar as mudanças de ordem social, cultural, econômica e religiosa que ocorreram na comunidade Barra do Bento, mediante a intervenção da Igreja Batista Central; IV) identificar elementos que possam colaborar com as discussões a respeito do tema indivíduo/espaço, levando em consideração o modo de vida dessa população e sua visão do espaço.

Para embasamento da investigação, foram utilizadas referências bibliográficas, estudos e pesquisa de campo. Para tanto, foram consultadas obras e textos fundamentais para a construção do referencial teórico sobre a Geografia, a paisagem, o espaço geográfico, a cultura, metodologia e técnicas de pesquisa. Para pesquisa de campo utilizou-se de metodologia e métodos apropriados, a fim de captar informações legítimas acerca do objeto investigado (MARCONI e LAKATOS, 2002; MINAYO, 1993, DEMO, 1987).

Para um melhor entendimento da temática abordada, este trabalho se estruturou da seguinte forma: inicialmente, tem-se a Introdução, com explicações sobre o tema, a motivação para elaboração deste estudo, seus objetivos. No Capítulo 1: Metodologia – Abordagem metodológica, apresentam-se conceitos teóricos e os procedimentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

O segundo capítulo versa sobre a caracterização da área de pesquisa, abrangendo a parte da região de Canindé, onde está localizada a comunidade Barra do Bento, com destaque para a caracterização geoambiental, socioeconômica, e aspectos da cultura e da religiosidade.

O terceiro capítulo aborda as transformações do espaço religioso e a dinâmica do espaço social da comunidade Barra do Bento, a formação religiosa brasileira, a atuação da Igreja Batista Central na comunidade e os projetos executados pela IBC e poder público na Barra do Bento.

No capítulo quatro, discorre-se sobre o impacto que as transformações trouxeram para os moradores da comunidade, abordando a visão e opinião que possuem sobre seu espaço e lugar. Através da análise das entrevistas, buscou-se identificar novos hábitos e valores, além de avaliar a visão dos moradores sobre o meio e o lugar e, sobre aspectos sociais e religiosos.

E, por último, são apresentadas as Considerações Finais, as quais se apresentam as reflexões sobre a ideia geradora dessa pesquisa, o atendimento aos objetivos propostos, o desenvolvimento e as possíveis contribuições científicas do presente estudo, como também as perspectivas de continuidade e recomendações acerca do estudo em tela.

CAPÍTULO I - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser.” (DARDEL, 2011: 6).

A finalidade deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa e nortearam a consecução dos objetivos. A pesquisa buscou analisar e compreender como os sertanejos, moradores da comunidade de Barra do Bento - Distrito de Monte Alegre - Município de Canindé-Ceará, entendem e vivenciam as mudanças em seu espaço geográfico e em suas relações, mediante a atuação e interferência⁷ de uma instituição religiosa – Igreja Batista Central de Fortaleza (IBC) – e do poder público. Pretendeu-se conhecer o entendimento dos habitantes sobre as transformações espaciais a que foram submetidos, sua relação com a paisagem, na tentativa de compreender qual imaginário coletivo havia se formatado nos moradores dessa localidade, após as intervenções executadas pela Igreja Batista Central.

Para tanto, buscou-se compreender o espaço geográfico que alude ao conhecimento da sua ocupação e à atribuição de valores à sua dinâmica de transformação, ante a atuação da Igreja Batista Central, que vai além da materialidade, penetrando na subjetividade e no imaginário dos moradores da Barra do Bento. Na busca desta visão de mundo, utilizou-se da fenomenologia, procurando compreender o que pensam e sentem os moradores dessa comunidade, e quais significados atribuem a essa realidade geográfica, tendo-os, não como objeto que se investiga, mas como sujeito da pesquisa.

Para Claval (1978), são muitos os elementos que compõem o espaço e estão presentes no imaginário do homem, formando em sua mente uma paisagem física, humana e social própria; o imaginário humano se coloca entre o vivido e o modo de apreender o fato vivenciado, formando assim a realidade socioespacial. A

⁷ Os moradores de Barra do Bento viviam quase alheios ao mundo “lá fora”. Com a chegada do projeto voluntário da IBC, tiveram muitos dos seus hábitos de vida modificados, tanto no trabalho quanto na própria vivência do cotidiano. Esta situação despertou na autora a curiosidade de compreender como tais indivíduos perceberam as mudanças ocorridas em seu lugar e em suas vidas.

Geografia Humanística, no estudo do espaço, leva em conta o sentido do vivido e busca conhecer o modo como os sujeitos sentem seu meio e se transportam na subjetividade, e “é na profundidade dos laços íntimos que ligam o homem ao meio que eles procuram penetrar” (CLAVAL, 1978: 150), sendo exatamente esta a busca da presente pesquisa.

As informações contidas no espaço geográfico, dão ao lugar uma característica ímpar, unicamente sua, moldada por experiências pessoais e sociais. Nesse sentido, Eric Dardel (2011: 6) aponta que “a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção”.

O estudo do entendimento dos moradores de Barra do Bento sobre as alterações em seu espaço geográfico teve como suporte a pesquisa de campo, com coleta de dados junto à comunidade, além do estudo da literatura pertinente ao objeto de investigação. Para isso foram utilizadas entrevistas semiestruturadas⁸ (APÊNDICE 1) e observação do pesquisador. Nesta etapa foram utilizados, também, registros fotográficos para visualização e melhor compreensão do espaço e sua ocupação.

Para obtenção de dados relativos à localização geográfica da área, que permitissem a espacialização das informações, fez-se uso do geoprocessamento. Para complementação e melhor compreensão, foram utilizados mapas e imagens de satélite do *Google Maps* da localidade, adaptadas pela autora, onde se visualizam pontos referentes às benfeitorias executadas pelo Projeto Barra do Bento, da Igreja Batista Central (IBC) e poder público.

O intuito primeiro da presente pesquisa foi conhecer e compreender todo o processo de transformação socioespacial ocorrido na comunidade de Barra do Bento. Além disso, buscou-se analisar o entendimento e a vivência dos residentes diante das intervenções ocorridas mediante as intervenções realizadas.

As representações sociais têm por objetivo trazer ao conhecimento e à familiaridade o que antes era estranho e desconhecido. Este processo ocorre através da formação de ideias sobre vivências reais do grupo, envolvendo aspectos econômicos, sociais e políticos.

Evangelista (2013: 31) enfatiza que “as representações sociais significam a

⁸ Aproveitando-se da riqueza das respostas que trazem as questões abertas, mesmo com a desvantagem de serem mais demoradas, incorrendo no risco de se tornarem cansativas e desgastantes na aplicação e mais demorada a análise dos resultados (ABRAMO *in*: HIRANO, 1979).

reprodução de uma percepção que ocorre anteriormente ao conteúdo do pensamento”, dando acesso à compreensão de seus sentimentos e ao conhecimento e interpretação de seu mundo. Esta análise, porém, deve ser centrada na totalidade, no grupo (EVANGELISTA, 2013).

Para esta pesquisa, estudaram-se os fenômenos ocorridos na Barra do Bento e como estas intervenções foram vivenciadas, sentidas e entendidas pelos moradores como um todo. Segundo Corrêa (1999), este entendimento manifesta qual tipo de relação este grupo tem com seu meio. Segundo Evangelista (2013), o homem, dentro do seu entendimento, em um momento ou outro manifesta a busca do sentido e significado de sua existência.

Este foi um estudo que envolveu grande esforço para captar o entendimento dos sujeitos investigados, o que só pôde ser concretizado com a realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa, mediada por um método de investigação que assegurasse a captação, a análise e a interpretação dos fenômenos da subjetividade humana, em seu próprio contexto.

Tal abordagem trouxe o entendimento particular do objeto pesquisado, evitando generalizações de conceitos pré-concebidos (MARTINS e BICUDO, 1994). Dessa forma, teve-se a certeza de que este foi o caminho que propiciou ferramentas para se chegar ao conhecimento e compreensão do objeto da pesquisa.

A pesquisa referiu-se aos aspectos subjetivos dos moradores da Barra do Bento, como suas recordações, emoções, reconhecendo cada sujeito como único, possuidor de sentimentos também únicos. Para tanto, o investigador tratou de conquistar a confiança e aceitação do sujeito investigado.

Sob este ponto de vista, a coleta de informações aconteceu mais por uma relação amistosa e de confiança mútua, conquistada entre pesquisadora e moradores da Barra do Bento. Não se nega a importância dos métodos e técnicas utilizados, mas entende-se que uma relação baseada na confiança e respeito é fundamental para que os objetivos sejam alcançados. Esta situação é vista por Minayo (1993), não como uma falha ou um risco que possa comprometer a objetividade da pesquisa, mas como uma “condição de aprofundamento de uma relação intersubjetiva” (MINAYO, 1993:124).

Os princípios dessa corrente filosófica permitiram a adoção da metodologia através da qual se pôde captar dos habitantes da Barra do Bento o que os mesmos teriam a expressar acerca de suas experiências, bem como a atribuição de

significados aos objetos, às pessoas, aos fatos e aos fenômenos. Foi utilizada, portanto, uma metodologia compatível com a investigação qualitativa, que, na concepção de Bogdan e Biklen (1994), utiliza-se de múltiplas táticas de averiguação que compartilham determinados propósitos. Conforme sugerem os mesmos autores, na descrição a seguir:

I) Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico; II) As questões a investigar mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural; III) As questões privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação; IV) As causas exteriores são consideradas de importância secundária. V) Recolhem normalmente os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais (BOGDAN e BIKLEN 1994:16).

Assim sendo, a integração entre a abordagem teórica escolhida e a pesquisa de campo foi determinante para o alcance dos objetivos da pesquisa.

1.1 Abordagem Metodológica: Aspectos teóricos do método de abordagem

Os fundamentos da fenomenologia auxiliaram na compreensão e aprofundamento dos aspectos conceituais, envolvendo o estudo da subjetividade que, na pesquisa em questão, esteve focado no subjetivismo que permeia a mente e o comportamento do sertanejo da Barra do Bento, para então compreender como e qual visão este homem tem sobre os acontecimentos, as interferências e as modificações nas relações sociais cotidianas. Assim, amparada na fenomenologia, esta pesquisa se assenta na experiência subjetiva destes sujeitos.

A base epistemológica da fenomenologia deu o suporte necessário para uma melhor clareza sobre o fenômeno vivenciado através da experiência presente e passada dos habitantes da Barra do Bento. Defendendo que a experiência humana é mediada por sua interpretação do vivido, a pesquisa fenomenológica, neste estudo, buscou fazer uma leitura do significado e da visão do pesquisado sobre o que a intervenção da IBC trouxe de mudanças para o lugar e suas implicações nos aspectos geográficos, sociais e religiosos.

Baseado no estudo de Forghieri (1984), o método indutivo escolhido para esta pesquisa, procurou captar a própria vivência do morador da Barra do Bento, em seu modo de ser, perceber e experienciar o espaço e o tempo.

Na busca do caminho para o conhecimento da realidade local, utilizou-se da compreensão das relações do sujeito, do seu modo de *ser* e estar no mundo, entendendo que os homens só se realizam no plano da vivência mediada pela cultura e pela história, produzidas a partir de uma série de significados. A cultura, as lembranças e os significados fazem com que o sujeito se identifique com o lugar; ali tem suas impressões e apropriações do “seu” espaço, expressas por todos que nele habitam (MERLEAU-PONTY, 2006). Daí dizer-se que, tudo o que o homem da Barra do Bento apreendeu do mundo aconteceu a partir de uma visão própria, através das suas experiências.

Estudar os fenômenos e a essência das coisas, das pessoas e ambientes, é o propósito da fenomenologia. Para tanto, deverá acontecer uma exposição real dos acontecimentos do cotidiano do morador da Barra do Bento no seu espaço e no tempo, enfim, as experiências por ele vividas. Primeiramente, o homem deverá se “sentir” e se “experienciar” como pessoa que vive determinada ação, para compreendê-la e, a partir de então, apreendê-la como fenômeno “existente” (MERLEAU-PONTY, 2006).

O homem da comunidade Barra do Bento vivencia uma ação interferência pela IBC e Poder Público em sua comunidade, sendo esta, percebida e interpretada de um modo próprio e único, de acordo com sua consciência, e que apenas ele pode explicar. Segundo Buttimer (1985), essa consciência se manifesta através dos valores e bens do ‘hoje’ num mundo real, fundado no passado, com visão para o futuro, numa escala de influências mútuas e propriedades espaciais provenientes das experiências vividas e compartilhadas.

A interpretação das coisas e dos fatos ocorridos na Barra do Bento, o que eles são e como são, está no modo como este homem lida com os sentimentos do passado e, vivencia o tempo presente e a nova realidade, de acordo com sua interpretação e consciência.

Cabe considerar que, segundo Merleau-Ponty (2006), antes mesmo que o homem estivesse alí em convívio com seu meio e interpretasse os fatos e suas experiências, o mundo já existia, independentemente do sujeito. A busca do conhecer-se leva o indivíduo ao mais profundo do ‘ser’ no mundo e no tempo,

assim, o homem sente e vive este mundo. É em seu mundo que acontecem os fatos e o pensamento de 'ser no mundo', levando-o à compreensão do próprio pensamento e colocando-o como 'ser no mundo'; o mundo é real, nele se vive e se experienciam fatos reais, porém, carregados de valores e imaginário (MERLEAU-PONTY 2006).

Compreender a "vida vivida" pelo homem da Barra do Bento é uma questão *sine qua non* para se chegar à conclusão da pesquisa sobre sua visão a respeito das alterações ocorridas em sua comunidade. Segundo Tuan (1983), a experiência está no modo como o indivíduo constrói sua realidade e reconhece cada fato vivido, sendo a capacidade de vivenciar e aprender com cada fato vivido, estando sempre ligadas teoria e experiência. Esta é a lógica da fenomenologia.

É neste sentido, a fenomenologia busca o conhecer e interpretar a experiência do vivido pelo sujeito. O homem e o espaço vivem constantes experiências, num relacionamento de trocas contínuas (FRÉMONT, 1980). A fenomenologia considera intrínseco o binômio sujeito-objeto e, assim, leva em conta a vivência cotidiana do homem da Barra do Bento, investiga o modo real como foram produzidas as alterações em seu espaço, sua cultura, decifra sua apreensão e averigua suas ações e percepção sobre o mundo vivido (BUTTNER, 1985).

A compreensão do significado de suas ações requer a adoção de uma abordagem hermenêutica. Assim foi feita a reflexão sobre a realidade da comunidade de Barra do Bento. Hermenêutica – "hermeneia", palavra de raiz grega. Para Alberti (1996), o verbo hermeneuein possui três distinções: "no antigo uso: dizer (*to say*), no sentido do "exprimir em voz alta", explicar (*explain*), e traduzir (*to translate*), [...] traduzir "historicamente"" (ALBERTI, 1996:3). Nesse sentido, a hermenêutica vai buscar no sertanejo da Barra do Bento aquilo que se encontra na sua compreensão e a interpretação do que há no seu íntimo.

É através da hermenêutica que se pode revelar algo que apenas a compreensão pode alcançar, tornando claro o sentido, ponderando o intento e revelando sentimentos (ALBERTI, 1996). A hermenêutica contemporânea, para Heidegger (1994) e Gadamer (2005), faz alusão ao mundo experienciado pelo sujeito que se compreende como ser participante e, também, responsável pelo todo. "A compreensão é ligada ao contexto do existente humano e o ato de abranger é uma realidade existencial. A interpretação não é uma questão de método, mas uma questão relativa à existência do intérprete" (GADAMER, 2005: 360).

Para Santos Filho e Gamboa (1997), obtém-se uma interpretação significativa mediante uma relação homem e meio, através da compreensão da visão e percepção do fato, o que se dá por intermédio do estudo fenomenológico, que permite a descrição, a recuperação do sentido de um fenômeno e a interpretação do contexto.

Assim, observa-se que nos estudos fenomenológicos a atenção é dada ao sujeito e às experiências vivenciadas, ao grau de importância e significados dados aos fatos, enfim, sua visão do mundo. Desta forma, o estudo do imaginário e da subjetividade humana, remete ao conhecimento da sua realidade e à compreensão do valor atribuído aos acontecimentos e às relações sociais.

O sentido atribuído à relação entre o homem, suas vivências e experiências, é, segundo Freire (1987), a significação da existência humana, seu “pensar o mundo”, que o induz ao seu próprio encontro. Para André (2008: 18), na visão fenomenológica “é o sentido dado a essas experiências que constitui a realidade, portanto, a realidade é “socialmente construída”.

Para Dartigues (2010: 89), “paralelamente à construção social, se dá a concepção do *Eu*, que, apesar de interior e subjetiva, é vista como tendo a mesma acessibilidade à reflexão tanto quanto aos fenômenos externos e à visão do objeto repleto de sentimentos”. (DARTIGUES, 2010: 90). Consequentemente, o *Eu* subjetivo está no mundo juntamente com o *Eu* físico, incidindo aí o entendimento do essencial à fenomenologia

Na abordagem da fenomenologia, portanto, buscou-se o entendimento de “estar no mundo” e de lugar.

É no lugar que são agregados ao homem padrões comportamentais singulares que, através da interação com a natureza e com outros homens, produzem e reproduzem seu modo de vida e sua identidade. Assim, o sertanejo da vive em um sertão carregado de vivências e sentimentos presentes em sua vida e em sua memória, fazendo parte de sua subjetividade.

No entanto, este sertão não está em um lugar específico, o sertão está no íntimo do sertanejo, há nele um apego à terra e às lembranças, o que faz com que queiram permanecer ali e sintam que aquele “é o seu lugar”.

Constata-se, então, que o sentimento de pertencer é fundamental para que o homem se sinta parte do lugar onde vive. Assim, o homem pode estar fisicamente em determinado local, habitando aquele espaço, porém seu íntimo é habitado por

lembranças de um espaço e um tempo passado que continuam vivos e presentes em sua memória, e é este espaço que lhe transmite esse sentimento de pertencimento (SARAMAGO, 2006).

Isto posto, pode-se afirmar que existe um pertencimento mútuo, há consenso na relação paisagem/homem, numa relação direta, em que os elementos interagem modificando o homem, assim como são por ele modificados.

O interesse em conhecer este homem, compreender seu meio e sua paisagem nasceu logo no início do Projeto Barra do Bento, um projeto feito por voluntários da Igreja Batista Central junto à carente comunidade Barra do Bento. Enquanto muitos voluntários se doavam ao projeto, a fim de trazer “melhoria da “qualidade de vida” daquela população, a proponente da pesquisa passou a indagar-se sobre o que, para estes voluntários, era considerado “melhoria na qualidade de vida”. Seria o mesmo na concepção dos habitantes da comunidade? O que aconteceu com seus costumes e hábitos culturais? E o mais importante, como essas pessoas apreenderam tais alterações em seu espaço com a “intervenção” da Igreja Batista Central? A partir dessa inquietação, empenhamo-nos neste estudo, buscando entender qual a visão dos moradores sobre seu espaço e seu nível de satisfação, diante desse desenvolvimento e do que se chama qualidade de vida.

Guimarães (2005) assevera que há diversificados ‘filtros perceptivos’ influenciando a percepção e interpretação dos fatos, de acordo com a cultura de cada sociedade humana, e que a falta de qualidade ambiental interfere no nível de qualidade de vida, comprometendo, portanto, a representação social do espaço vivido. Assim, de acordo com esse pensamento, o habitante da Barra do Bento, que vivia em condições ambientais inóspitas, sem o mínimo necessário, como a água, conseqüentemente era possuidor de uma péssima qualidade de vida.

Para que aconteça a melhoria na “qualidade de vida”, não é necessária a saída deste sertanejo de seu torrão natal. O sertanejo ama sua terra e só a deixa em caso de extrema necessidade; luta ao máximo para sobreviver em seu “lugar” , junto à sua família. Tal como o homem da zona da mata mineira, descrito por Reis (2000), assim, também, é o homem do sertão – simples, forte, lutador e cheio de esperanças, resistente às dificuldades, que “[...] supera desafios, não desiste frente à miséria e que, apesar das inúmeras dificuldades, mantém um semblante alegre e alimenta a esperança, confiante numa vida melhor, repleta de realizações” (REIS, 2000: 24).

O homem se sente parte integrante do meio e este meio também está no homem, no seu presente, nas suas emoções e lembranças, relação esta importante para a compreensão do complexo ser/mundo. É necessário que se conheçam os processos ambientais, desde as questões psicoafetivas nas relações e interações homem/meio, até os impactos causados pelo homem sobre a natureza e a influência do ambiente sobre o homem, numa relação de reciprocidade entre a inseparabilidade da ação humana e os fenômenos ambientais (MARTINEZ-SOTO, 2004).

Uma nova realidade espacial com infraestrutura, acesso à educação e a novos conhecimentos, faz com que um povo atinja novo modo de lidar com o meio, perceber a vida com um novo olhar sobre coisas que o rodeiam, vendo-as além do que elas são, e entendendo de que modo poderão vir a ser (LOWENTHAL, *apud* HOLZER, 2005).

Compreendendo-se a acuidade de todo esse processo, esta pesquisa se propôs a conhecer as vivências dos habitantes da comunidade de Barra do Bento, sua percepção quanto às alterações ambientais, sociais, culturais e religiosas, enfim, sua subjetividade, o que, para Claval (1999 b), são as vivências experienciadas pelo homem em seu ambiente.

1.2 Sujeitos da Pesquisa

O universo da pesquisa abrangeu 30 famílias, num total de 160 pessoas. Desse total, tomaram-se como amostra 15 famílias, que participaram da pesquisa. A participação nas entrevistas foi aleatória, à medida em que houvesse disponibilidade por parte dos entrevistados. Foram entrevistadas pessoas de ambos os sexos, sendo 4 (quatro) do sexo masculino e 11 (onze) do sexo feminino (por mostrarem maior disponibilidade), donos ou donas de casa, atentando-se em abordar somente pessoas na faixa etária acima de 25 anos⁹.

Também foram entrevistados o coordenador e um voluntário do Projeto

⁹ Essa exigência deveu-se ao fato das transformações aqui estudadas terem se iniciado há, pelo menos, 14 anos e, portanto, acreditando-se que uma pessoa em faixa etária inferior à sugerida pouco teria a acrescentar acerca de vivências após as mudanças ocorridas, devido à sua imaturidade em relação à visão de mundo, bem como em relação às suas lembranças do “antes” da atuação do projeto, as quais seriam pouco significativas para o desenvolvimento da pesquisa.

Barra do Bento, iniciativa da Igreja Batista Central de Fortaleza (IBC). As entrevistas com o coordenador do projeto Barra do Bento aconteceram durante visitas à comunidade Barra do Bento e em Fortaleza, ao longo da realização da presente pesquisa. Já a entrevista com o Voluntário ocorreu em Fortaleza, em 08 de agosto de 2011.

1.3 Pesquisa e Levantamento dos Dados

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa iniciaram-se por uma revisão bibliográfica, na qual foram selecionados trabalhos acadêmicos fundamentados e relevantes, como artigos e livros sobre a temática em estudo; teorias e concepções da Geografia, percepção, metodologia científica, dentre outros, com vistas à consolidação das bases teóricas e metodológicas que sustentam esta pesquisa, bem como à caracterização da área de estudo. Consultas a sites de órgãos oficiais: Municipais, Estaduais e Federais, também foram utilizadas.

A leitura dos teóricos selecionados e as informações coletadas *in loco* forneceram os subsídios necessários à elaboração dos instrumentos de coleta dos dados. A pesquisa de campo deu acesso à interpretação das dinâmicas do espaço, pois, *in loco*, é possível fazer leituras, observações e interpretar as ações e entendimento dos envolvidos, com maior fidedignidade. A realização da pesquisa de campo se deu entre janeiro de 2011 e dezembro de 2012.

Foi elaborado um instrumento prévio de pesquisa, a fim de verificar sua aplicabilidade e validade, e identificar possíveis dificuldades dos respondentes na compreensão dos enunciados e na obtenção de respostas coerentes às perguntas feitas pelo pesquisador. Existia a possibilidade de compreensão equivocada ou não compreensão por parte dos respondentes, por se tratar de população de baixíssima ou nenhuma escolaridade, com limitações no domínio das formas cultas de linguagem.

Assim, foi realizado um pré-teste com 8 (oito) famílias¹⁰ da comunidade, no mês de janeiro de 2011, a fim de verificar possível viés no instrumento de pesquisa. A partir desse pré-teste, o instrumento foi aperfeiçoado e adequado com base na

¹⁰ Foram entrevistadas uma ou mais pessoas representando cada família.

sensibilidade do pesquisador em relação aos respondentes e suas limitações. Buscou-se utilizar comunicação mais simples possível por parte do pesquisador, embora o instrumento tenha sido abordado com profundidade no desenvolvimento e captação de ideias.

Durante as visitas à Barra do Bento, foram aplicadas entrevistas com uso de formulários e feitas as observações pelo investigador, baseadas na visão dos moradores em relação ao meio ambiente, seus hábitos alimentares e sociais, fenômenos e mudanças ocorridas no espaço geográfico e consequentes alterações.

Na coleta de dados de campo, priorizaram-se os depoimentos e ações dos habitantes do local, suas apreensões quanto às alterações espaciais e sociais ocorridas na comunidade de Barra do Bento, esclarecendo aspectos da identidade do lugar e cotidiano das relações sociais. A coleta se iniciou com uma pesquisa do tipo exploratória, mediante as entrevistas e conversas informais da autora com os entrevistados, com a finalidade de conhecer o ambiente e seus moradores, colher ideias e informações. Nestes momentos, os moradores aquiesceram à realização da pesquisa e apontaram quais mudanças significativas haviam transformado seu cotidiano e suas vidas.

Segundo Thompson (1992), as entrevistas exploratórias, o mapeamento do campo e a coleta de ideias e informações são o modo ideal de se iniciar um trabalho de pesquisa, pois, é através destes que se reconhece a realidade material e humana do lugar.

As entrevistas foram iniciadas em janeiro de 2011, com os habitantes da Barra do Bento, e transcorreram de modo prazeroso, descontraído e à vontade para os entrevistados e pesquisadora, numa interação face a face, o que contribuiu para seu bom andamento e também para o tipo de informações afloradas. Assim, foram colhidos dados e informações como subsídios suficientes e importantes para entender como estes sujeitos interpretam seu mundo vivido no cotidiano (SZYMANSKI, 2002).

Aplicando os ensinamentos de Richardson (2008), as entrevistas foram guiadas pela pesquisadora, que estabeleceu previamente os aspectos que necessitava conhecer para a realização da pesquisa. As entrevistas foram feitas individualmente e as perguntas estiveram sujeitas à decisão da pesquisadora, que guiou o momento da entrevista, porém, procurando-se em deixá-los falar livremente, sem imposições ou direcionamento da fala, a fim de obter respostas verdadeiras e

desprovidas de artifícios (BOURDIEU, 1996), tendo o entrevistado a liberdade de exprimir suas percepções quanto às alterações na paisagem de seu meio e nas condições de vida da comunidade.

Para tanto, a pesquisadora utilizou-se da técnica do “saber ouvir” e “fazer-se ouvir” pelo entrevistado, num “diálogo entre iguais”, evitando interferências em sua fala. Para Oliveira (2000: 24), “A atenção, o interesse e o respeito ao ouvir as palavras do outro, leva a um entendimento mais fiel de seus significados e de suas percepções”, e um bom ouvinte dirige o diálogo para um bom relacionamento, numa real interação.

O diálogo, quando construído num clima de confiança mútua, gera ricas contribuições a ambas as partes e, segundo Paulo Freire (1987), a consciência humana se instaura através de sua relação com o mundo em que vive e da inter-relação entre subjetividade e objetividade, sendo esta transmitida através do diálogo. Foi então, desta forma, que se deram os momentos das entrevistas.

O roteiro da entrevista constou das seguintes indagações i) O que pensa sobre seu lugar e da forma como vive na Barra do Bento? ii) Como as intervenções da Igreja Batista Central e do Poder Público refletiram sobre o modo de vida das pessoas da comunidade? iii) Quanto aos aspectos físicos do local, quais as principais mudanças? iv) O que mudou em suas vidas e nas suas relações com o espaço e com a comunidade?

Outras questões como renda familiar, bens adquiridos após o Projeto Barra do Bento foram levantadas por se entender necessárias e complementares à pesquisa.

Todos os relatos e respostas foram registrados de forma escrita¹¹ ou gravados pela pesquisadora, visto a maioria dos moradores serem analfabetos. A todos foi oferecido o anonimato, porém, todos disseram querer constar seus nomes no trabalho final.

Além das entrevistas com os moradores, foi realizada entrevista com o coordenador do projeto Barra do Bento, da IBC, e com um voluntário na época; foram realizadas, também, observações diretas pela autora, o que favoreceu a obtenção de dados sobre os fenômenos ocorridos e o modo como estes advieram. A observação é utilizada para enriquecimento da pesquisa, com o objetivo de coletar

¹¹ As anotações foram feitas por um auxiliar da pesquisadora, de forma bastante discreta, para que não chamasse a atenção dos entrevistados, a fim de não constrangê-los.

elementos sobre o assunto de interesse. Nela são utilizados o ver, o ouvir, o sentir, avaliando fatos e aspectos do cotidiano, de modo a atingir os objetivos propostos na pesquisa. Segundo Gómez; Flores e Jimenéz (1996), a observação é:

[...] um processo sistemático pelo qual um especialista recolhe por si mesmo informação relacionada com certo problema. Como tal processo, nele intervêm as percepções do sujeito que observa e suas interpretações do observado¹² (GOMÉZ *et al*, 1996: 150).

Corroborando, Vianna (2003) sugere que o observador deve munir-se de outras técnicas para que possa colher informações relevantes à pesquisa, e afirma:

[...] o uso da técnica de observação não exclui, entretanto, o emprego de outros métodos de coleta de dados como os questionários, as entrevistas, análise de registros anteriores que envolvam o mesmo objeto da pesquisa (*op cit.*: 15).

Em Barra do Bento, foi importante o uso da observação como ferramenta de coleta de informações, por se tratar de uma comunidade de indivíduos com característica de baixa escolaridade. Com o auxílio deste instrumento, foi possível se chegar mais próximo das perspectivas do sujeito e compreender aspectos aprofundados dos problemas, por ser este um meio direto e oportuno para estudar uma ampla variedade de fenômenos, permitindo, também, a obtenção de informações não privilegiadas no formulário da entrevista.

Foram utilizados também registros fotográficos e imagens de Satélite. Nas pesquisas da área de Geografia, se faz imprescindível o uso da cartografia e do geoprocessamento, representando visualmente o modo de distribuição espacial dos objetos da pesquisa, para entendimento do campo de atuação da pesquisa, sendo um modo de unir-se ao conhecimento, análise e compreensão do espaço e dos fatos em suas relações e transformações (MARTINELLI, 2008).

A despeito de uma coleta de dados eficiente e satisfatória, segundo Thiollent (1987), é de suma importância a presença do pesquisador junto ao pesquisado – “Mas, regra geral, a aplicação mais eficiente supõe um relacionamento entre entrevistador e entrevistado” (*op.cit.*: 33). Foi desse modo que a pesquisadora atuou junto aos habitantes da Barra do Bento envolvidos nesta investigação.

¹² *La observación va a ser entendida aquí como un proceso sistemático por el que un especialista recoge por si mismo información relacionada con cierto problema. Como tal proceso, en él intervienen las percepciones del sujeto que observa y sus interpretaciones de lo observado* (GOMÉZ *et. al*, 1996: 150). Tradução da autora.

Cabe destacar que pesquisas como esta, que abrange a sociedade, confirmam um relacionamento complexo a respeito do objeto pesquisado, por estarem, de um lado, o pesquisador e seus objetivos, do outro, o sertanejo morador da Barra do Bento em seu mundo real, assim, numa “interpretação do mundo dos outros” (THIOLLENT, 1987: 47).

1.4 Análise dos Dados

Para a análise dos dados buscou-se apoio na Geografia Humanística, por meio de seus representantes, como Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Dardel, Lowenthal, Buttimer *et al*, que destacam a importância dos lugares, do mundo vivido, da descrição do mundo cotidiano, dos significados para o homem e suas representações (HOLZER, 1994). Assim, o estudo da relação entre fenômenos físicos e humanos busca compreender sua relevância nas relações sociais e impactos culturais, partindo da construção de conceitos de espaço, desenvolvida pela Geografia Humanística, por meio de estudos fenomenológicos.

Para Tuan (1980), a “Geografia possui orientação Humanística” quando faz uma nova leitura dos temas geográficos, trabalhando conhecimentos científicos de modo a apreender sensações do indivíduo, numa avaliação, também, dos fenômenos humanos. Corroborando, Buttimer (1985) afirma que a Geografia Humanística é a “exploração da experiência humana”, de suas vivências do dia a dia, visando apreender a sua subjetividade (BUTTIMER, 1985:190). Assim, no transcorrer da pesquisa foram identificadas, em várias expressões, elementos que atuaram na organização do espaço.

Conhecer a dinâmica social e espacial da comunidade de Barra do Bento levou ao entendimento dos valores e atitudes de seus moradores, bem como das suas percepções em relação às ações da IBC na construção de seu espaço e na promoção do desenvolvimento local. Todo esse trabalho de pesquisa proporcionou momentos de descoberta e de conhecimento sobre a ciência geográfica, o pensamento dos atores sobre as mudanças ocorridas na comunidade, as alterações estruturais em seus valores sociais, econômicos e religiosos.

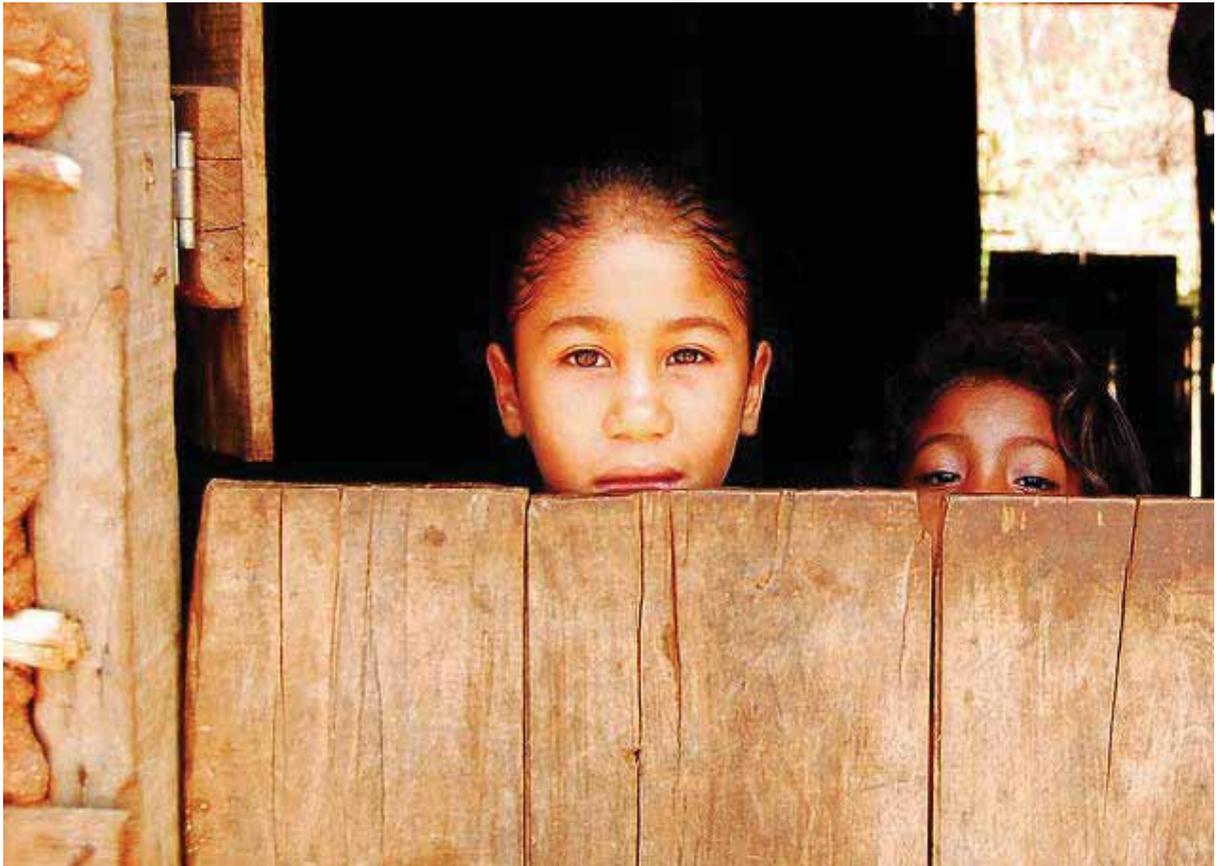
Ao final, cumpridas todas as etapas, as respostas foram discutidas e analisadas de acordo com sua categoria, buscando compreender a interpretação

dos atores envolvidos.

Salienta-se, aqui, que a postura adotada nessa investigação não teve a pretensão de pesquisar de forma aprofundada a subjetividade dos entrevistados, mas, tão somente, captar a vivência, o entendimento e a experiência da comunidade da Barra do Bento, numa posição de leitor da realidade de uma comunidade que passou por interferências que culminaram na modificação de seu espaço vivido.

Ressalta-se que coube à pesquisadora esclarecer aos participantes do que se tratava a pesquisa e qual seu interesse no assunto. Interessante mostrar que toda a pesquisa de campo foi feita sob o olhar curioso das crianças da Barra do Bento (FIG 1).

FIGURA 1 - O olhar curioso da criança da Barra do Bento



Autor: Massimiliana Beserra (2008).

CAPÍTULO 2 -

Estrada de Canindé - Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira

*Ai, ai, que bom
Que bom que bom que é
Uma estrada e a lua branca
Uma gente andando a pé.*

*Ai, ai, que bom
Que bom que bom que é
Uma estrada e a lua branca
No sertão de Canindé.*

*Automóvel lá nem se sabe
Se é homi ou se é mulé
Quem é rico anda em burrico
Quem é pobre anda a pé.*

*Mas o pobre vê nas estradas
O orvalho beijando a flor
Vê de perto o galo campina
Que quando canta muda de cor.*

*Vai molhando os pés no riacho
Que água fresca Nosso Senhor
Vai olhando coisa a grané
Coisa que prá mode ver
O cristão tem que andar a pé.*

*Ai, ai, que bom
Que bom que bom que é
Uma estrada e a lua branca
E uma gente andando a pé.*

O Sertão do Nordeste, com seu povo castigado e sofrido, é muito cantado em verso e prosa, sendo que “As paisagens naturais e culturais representam uma fonte de inspiração para os escritores e poetas que as convertem em expressões verbais de acordo com seu próprio olhar, sua imaginação, sua cosmologia e seus sentimentos” (SEEMANN, 2007).

2- CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL: CANINDÉ(CE) E COMUNIDADE BARRA DO BENTO

A localidade estudada, comunidade Barra do Bento/Canindé, é um espaço coletivo carregado de memórias de processos materiais e culturais vividos, misturados à nova paisagem construída pelos processos acontecidos através do projeto da Igreja Batista Central – IBC e do Poder Público.

Segundo Ab'Saber (2003: 9), a paisagem é uma “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo [...] como território de atuação de suas comunidades”. Portanto, para se entender a atual paisagem da Barra do Bento, é necessário que se conheça toda a caracterização geoespacial e socioeconômica da região de Canindé, onde está inserida esta comunidade.

Neste capítulo, embora de forma sucinta, faz-se necessário apresentar o ambiente geográfico da região do Canindé e Comunidade Barra do Bento - sua fisiografia, o clima do semiárido, espécies florísticas e faunísticas endêmicas, bem como seus aspectos socioeconômicos, ressaltando que a paisagem da comunidade Barra do Bento passou por um forte processo de mudanças mediante interferências do Projeto Barra do Bento.

De acordo com Souza (1996), a vegetação de cada região é determinada por seu clima e pelos fatores geoambientais, o que produz o seu aspecto natural, portanto, justificando o material físico-biológico da comunidade de Barra do Bento. O Nordeste brasileiro, o semiárido, onde se encontra Barra do Bento, é uma região muito discutida, porém, uma das menos conhecidas do País (ANDRADE, 2005).

A paisagem estudada insere-se no município de Canindé, encontrando-se este localizado na Mesorregião Sertão Central, pertencente à Região Administrativa 7 e à Microrregião de Canindé, no estado do Ceará (Portal do Governo do Estado do Ceará, 2011).

A região se apresenta como um espaço vasto, onde está inserido o espaço social de um grupo, possuindo particularidades e uma estrutura própria. Assim, os lugares do cotidiano e os espaços sociais da familiaridade são mais conhecidos e percebidos do que a região (FRÉMONT, 1980).

2.1 ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS

Do ponto de vista físico e ambiental, o município de Canindé possui uma área territorial de 3.218,42 km², inserida no sertão semiárido, tendo como coordenadas geográficas: longitude de 39°18'42"W, latitude de 4°21'32"S e altitude de 149,73 m (Portal do Governo do Estado do Ceará, 2011) . Todo o sertão semiárido abrange 86,48 % da região Nordeste do Brasil (SILVA, 2006).

O município de Canindé é formado pelos distritos Canindé (sede), Caiçara, Salitre, Targinos, Bonito, Esperança, Iguaçú, Ipueiras dos Gomes, Capitão Pedro Sampaio, Monte Alegre, onde está localizada a comunidade de Barra do Bento, objeto desta investigação (QUADRO 01) (PMC, 2011). Os distritos totalizam 74.473 habitantes, sendo que, destes, 27.598 vivem na zona rural (IBGE 2010).

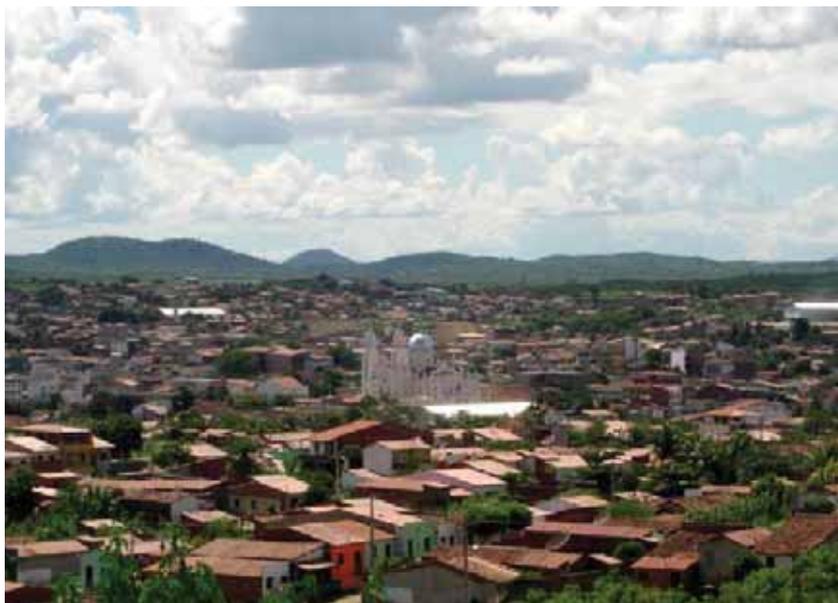
QUADRO 1 - Distritos de Canindé com respectivo ano de criação.

DISTRITOS	ANO DE CRIAÇÃO
Canindé (sede do município)	1846
Salitre (Antigo Ubiraçu)	1907
Targinos	1938
Bonito	1953
Esperança	1953
Ipueiras dos Gomes	1964
Monte Alegre (onde está inserida a comunidade Barra do Bento)	1964
Iguaçú	1992
Capitão Pedro Sampaio	1992
Caiçara	2005

Fonte: PMC, 2011. Adaptado por Angela Quezado.

Seus limites territoriais são: ao norte, as cidades de Tejuçuoca, General Sampaio, Paramoti e Caridade; ao sul, as cidades de Itatira, Madalena e Choró; ao leste, Itapiúna, Aratuba e Mulungu e, ao oeste, Santa Quitéria, Sobral e Irauçuba (IPECE, 2006). Ao centro do Município de Canindé está localizado o distrito Monte Alegre, no qual está inserida a comunidade Barra do Bento (FIG. 02).

FIGURA 03 - Vista parcial do distrito sede, Canindé.



Fonte: SANTUÁRIO, 2011.

No que se refere a sua constituição geológica, cerca de 80% território do Canindé está assentado sobre rochas cristalinas, determinando a qualidade do solo e limitando o armazenamento das águas pluviais (SANTOS, 2003), possuindo também um elevado teor de sódio, o que o torna pouco indicado para uso agrícola, sendo mais favorável ao uso na pecuária ou pequenos cultivos de subsistência (CEARÁ, 2002: 50). Na atualidade, está sendo muito utilizado na reprodução e extração da carnaúba¹³, além da pecuária extensiva:

Atualmente a maior parte destes solos não é cultivada, sendo aproveitada com pecuária extensiva. Verifica-se, também a exploração de pequenos cultivos de subsistência. O cultivo racional destes solos requer o controle da erosão nas áreas com relevo suave ondulado (CEARÁ, 2002: 52).

A semiaridez do solo, juntamente com os contínuos desmatamentos, são motivos pelos quais a flora desta região apresenta diminuição da mata nativa e do número de espécies, bem como, redução das espécies e populações faunísticas. Segundo Menezes, Bakke e Bakke (2009), um forte agravante, acarretado pela diminuição da cobertura vegetal, é o aumento da probabilidade de erosões do solo, bem como a diminuição de seus nutrientes e consequente diminuição de sua

¹³ A carnaúba, *Corpernia cerifera*, é encontrada no Nordeste brasileiro, Ásia, África Equatorial e alguns países da América do Sul. (CEARÁ, 2002)

biodiversidade.

Porém, apesar de todos esses percalços, e mesmo sendo uma região seca e árida, há nas caatingas alguns tipos de aves (FIG. 04), bem habituadas e resistentes ao clima inóspito do sertão:

Em termos de habitat, nas caatingas, ocorrem alguns grupos de aves adaptadas a este ambiente hostil, podendo-se mencionar entre estas espécies graúna, corrupeirão, galo de campina, sabiá, carcará, gavião [...]. Entre as aves que frequentam as áreas de entorno dos ecossistemas aquáticos figuram golinha, tetéu [...]. Já as zonas antropizadas apresentam uma avifauna menos diversificada, composta por espécies que estão mais adaptadas à presença humana (CEARÁ, 2002:54).

FIGURA 04 - Galo-campina ave característica do sertão.



Fonte: 'O grito do Bicho', 2011

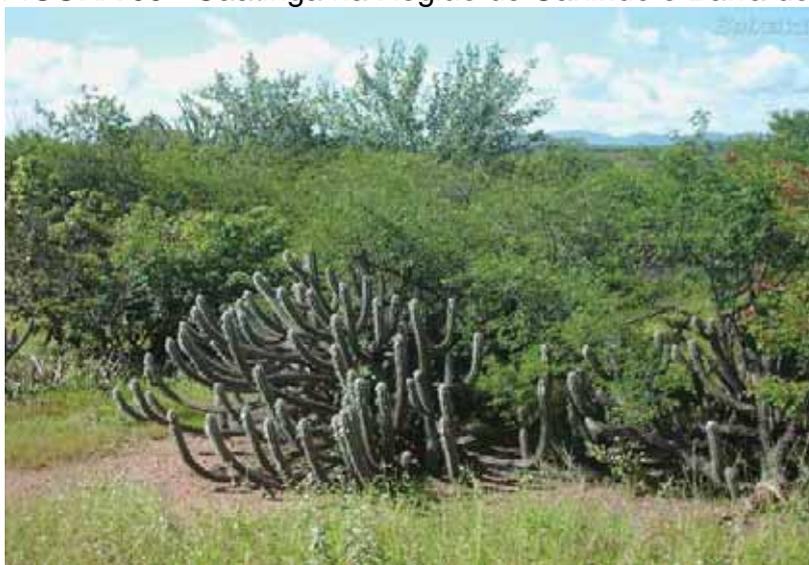
No que se refere aos répteis, constatou-se, durante a pesquisa, que na comunidade de Barra do Bento a fauna referente aos répteis é representada por lagartos e cobras. Os camaleões e tejos são em menor número, devido à ação da caça para alimentação dos moradores, mas, principalmente, do desmatamento. As cobras não venenosas são as mais encontradas, principalmente próximas ao açude, sendo as venenosas as mais temidas, como a jararaca, a cascavel e a salamandra.

Cabe salientar que, tanto nas matas como no interior das casas, podem ser

encontrados tais répteis, bem como os insetos, que formam o grupo faunístico mais representativo na região, tanto em número de espécies quanto por sua população.

Quanto à vegetação, de acordo com Rebouças (1997), na região estudada é básica a Caatinga (FIG. 05), apresentando flora rica em espécies, sendo todas bem adaptadas aos longos períodos de estiagem e às elevadas temperaturas da região. Porém, a área da Barra do Bento apresenta-se descaracterizada, tanto pela interferência antrópica da pecuária extensiva como pela retirada de lenha para cozinhar e para fazer carvão.

FIGURA 05 - Caatinga na Região de Canindé e Barra do Bento



Fonte: coisadecearense 2011.

Apesar dos estudos sobre a Caatinga terem se iniciado ainda no século XIX, segundo Silva et al. (1995), este é o bioma brasileiro mais desvalorizado e menos estudado botanicamente. Os autores explicam que o fato decorre da falsa crença de que a Caatinga possui pequena diversidade vegetal, sendo que a verdadeira afirmação é que a Caatinga possui uma grande diversidade de espécies.

Corroborando, Castelletti *et al* (2008) dizem ser a Caatinga um bioma rico em diversidades zoológicas e botânicas. Tal pensamento também é expresso por Ross, (2009: 176), quando diz: “As caatingas propriamente ditas são muito ricas em espécies frutíferas; muitas plantas produzem fibras, ceras e óleos vegetais”. Por conseguinte, tais autores desfazem, assim, a afirmativa de Goeldi¹⁴ (1894), que diz:

¹⁴ Emílio Goeldi, zoólogo suíço, 1894. Sua principal finalidade era o estudo da flora, fauna, geologia e geografia. Fundaj, 2011.

“Mais pálida em colorido e fraca em força numérica é a fauna do sertão”.

O bioma Caatinga encontra-se presente nos estados do Nordeste brasileiro e norte do estado de Minas Gerais, num total de aproximadamente oitocentos mil quilômetros quadrados (800.000 Km²), o que equivale a 11% do território nacional. (SILVA, SANTOS & TABARELLI, 2008).

Em termos fitofisionômicos, a cobertura vegetal da área apresenta uma fisionomia arbustiva, relativamente degradada, apresentando espécies arbóreas esparsas. O estrato arbustivo encontrado no município de Canindé é composto por: sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*), pau branco (*Auxemma oncocalyx*), pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), jucá (*Caesalpinia ferrea*), marmeleiro preto (*Croton sonderianus*), mofumbo (*Combretum leprosum*) (IPECE, 2006), tendo como principal espécie a carnaúba (*Copernicea prunifera*) seguida do juazeiro (*Zizyphus joazeiro*) e da oiticica (*Licania rigida*) (IPECE, 2006).

No Brasil, a carnaúba (FIG. 06), é encontrada somente no Nordeste, predominantemente em vales, lagoas e beira dos rios. Além de fonte de renda para o sertanejo, a carnaúba é um elemento cultural marcante nas construções e na arte dos nordestinos, justificando, assim, o motivo de ter sido eleita a árvore representativa do Ceará. Vale ressaltar que a atividade de exploração da carnaúba é ecologicamente correta, não causando prejuízos ao ambiente (ANDRADE, 2005).

FIGURA 06 - Carnaubeira



Fonte: Carnauba do Brasil, 2012

A colheita das folhas verdes das carnaubeiras acontece nos meses de julho e fevereiro e, no caso dos moradores da Barra do Bento, elas são utilizadas para o fabrico artesanal de vassouras. Seu tronco é muito utilizado na construção de casa de taipa e no madeiramento do telhado (ANDRADE, 2005).

Braga (1976) diz que as espécies vegetais do semiárido foram listadas e catalogadas na década de 1970, pelo herbário Prisco Viana, da Universidade Federal do Ceará (UFC), num inventário de plantas representativas do Nordeste, especialmente do Ceará. Já a Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção, conforme Portaria nº. 06-N, de 15 de janeiro de 1992, publicada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis /IBAMA, inclui espécie florística do Ceará na lista das plantas ameaçadas de extinção. Como exemplo, pode-se citar o Jaborandi Branco (*Pilocarpus jaborandi Holmes*) (IBAMA, 1992; IPECE, 2011).

O clima de Barra do Bento e toda a região do Canindé é semiárido, variando sua temperatura entre máxima de 35°C e mínima de 24°C (Portal Gov. do Estado do Ceará, 2009). O clima semiárido¹⁵ mostra-se quente, com baixa taxa pluviométrica, tendo uma média anual em torno de 756,1mm de precipitação (REBOUÇAS, 1997), o que resulta em dificuldade de produção e crescimento da vida nesta região.

O solo de Barra do Bento, por se encontrar em região de semiárido, despende maiores cuidados, devendo-se evitar o desmatamento para que não aumente a incidência de luz solar sobre si, evitando a evaporação e possíveis erosões, sendo esta condição tão importante para o solo quanto a adubação. (DUQUE, 2004).

Para Ab'Saber (2003), o aspecto natural do semiárido brasileiro é, dentre os demais existentes no mundo, o mais homogêneo. Mesmo possuidor de uma grande extensão territorial, o seu clima é pouco diversificado (MOURA et al. 2007), possuindo, entre os climas semiáridos, o mais alto índice pluviométrico do planeta, sendo também o mais populoso (MELO FILHO & SOUSA, 2006).

Cabe salientar que o quadrimestre de maior insolação é de setembro a dezembro, e os mais chuvosos são os meses de fevereiro, março e abril (REIS,

¹⁵ Ab'Saber, partindo de estudos feitos por George H. Hargreaves, admite a existência de quatro tipos de clima no Nordeste: O semiárido moderado, o semiárido rústico, o semiárido acentuado e sub-desértico e o sub-desértico e o sub-úmido passando a úmido. Usando essa terminologia, Ab'Saber (1980) traduziu, com liberdade tais denominações. Conclui-se, assim, que o autor admite a existência de um clima árido no Nordeste.

1976; CEARÁ, 2011). Como verificado *in loco*, no período de chuvas encontra-se uma vegetação verde em contraste com o período de estiagem, quando a vegetação é de um cinza para branco, justificando o nome dado pelos indígenas – Caatinga ou mata branca. Em Barra do Bento, esse contraste é bem caracterizado entre o verde do inverno, em junho (FIG. 7), e a paisagem seca, queimada pela estiagem, dos meses de novembro, dezembro e janeiro (FIG. 08).

FIGURA 07 - Barra do Bento em época de chuva na região.



Autor: Ferreira, Enéas Rente (fev/2011)

FIGURA 08 - Barra do Bento em época de estiagem



Autor: Quezado, Angela. (janeiro/2012)

Em Barra do Bento, por se encontrar situada na área de Sertão, prevalece o clima do tipo BSh¹⁶ de Köppen (QUADRO 02), segundo a classificação adaptada para o clima brasileiro – semiárido seco quente (JACOMINE, 1996).

QUADRO 02 - Classificação de Köppen adaptada para o Brasil

Símbolos Climáticos	Características	Regime de Temperatura e Chuvas	Área de Ocorrência
Am (equatorial)	Quente com uma estação seca (primavera)	Temperaturas elevadas: médias entre 25°C e 27°C.	Maior parte da Amazônia
Af (equatorial)	Quente sem estação seca	Pluviosidade elevada: médias de 1.500 a 2.500 mm/ano.	Porção oriental e noroeste da região Norte
Aw (tropical)	Quente, com chuvas de verão	Temperatura média entre 19°C e 28°C, pluviosidade média < 2000 mm/ano.	Brasil Central, Roraima e Litoral norte
As (tropical)	Quente, com chuvas de inverno e outono	Dois estações bem definidas: verão (chuvoso) e o inverno (seco).	Litoral oriental do nordeste (Zona da Mata)
Bsh (semiárido)	Quente e seco, com chuvas de inverno	Médias anuais térmicas superiores a 25°C. Pluviosidade média anual inferior a 1000 mm/ano com chuvas irregulares.	Sertão do Nordeste
Cwa (tropical de altitude)	Chuvas de verão e verões rigorosos	Médias térmicas entre 19°C e 27°C.	interior do Sudeste e porção Mato Grosso Sul
Cwb (tropical de altitude)	Chuvas de verão e verões brandos	Médias térmicas entre 19°C e 27°C.	Terras altas do Sudeste
Csa (tropical de altitude)	Chuvas de outono-inverno e verões quentes	Pluviosidade média de 1500 mm/ano; chuvas de verão.	Chapada da Borborema, região Nordeste.
Cfa (subtropical)	Chuvas bem distribuídas e verões rigorosos	Médias térmicas entre 17°C e 19°C.	Áreas mais baixas da região Sul (litoral e sul da região)

Fonte: FUNCEME (2011).

¹⁶ BSh da língua alemã **Steppe** Klima warmenniedrigen **Breiten** und **Höhen** que significa clima das estepes quentes

No tocante ao índice pluviométrico, Andrade (2006) acrescenta que:

[...] além do regime pluviométrico, entre as condições meteorológicas merecem grande atenção as temperaturas, que são elevadas durante todo o ano, provocando uma alta taxa de evaporação. Essa evaporação se acentua devido às precipitações que são sempre nos meses de verão, quando a temperatura é mais elevada (ANDRADE, 2006 p. 17).

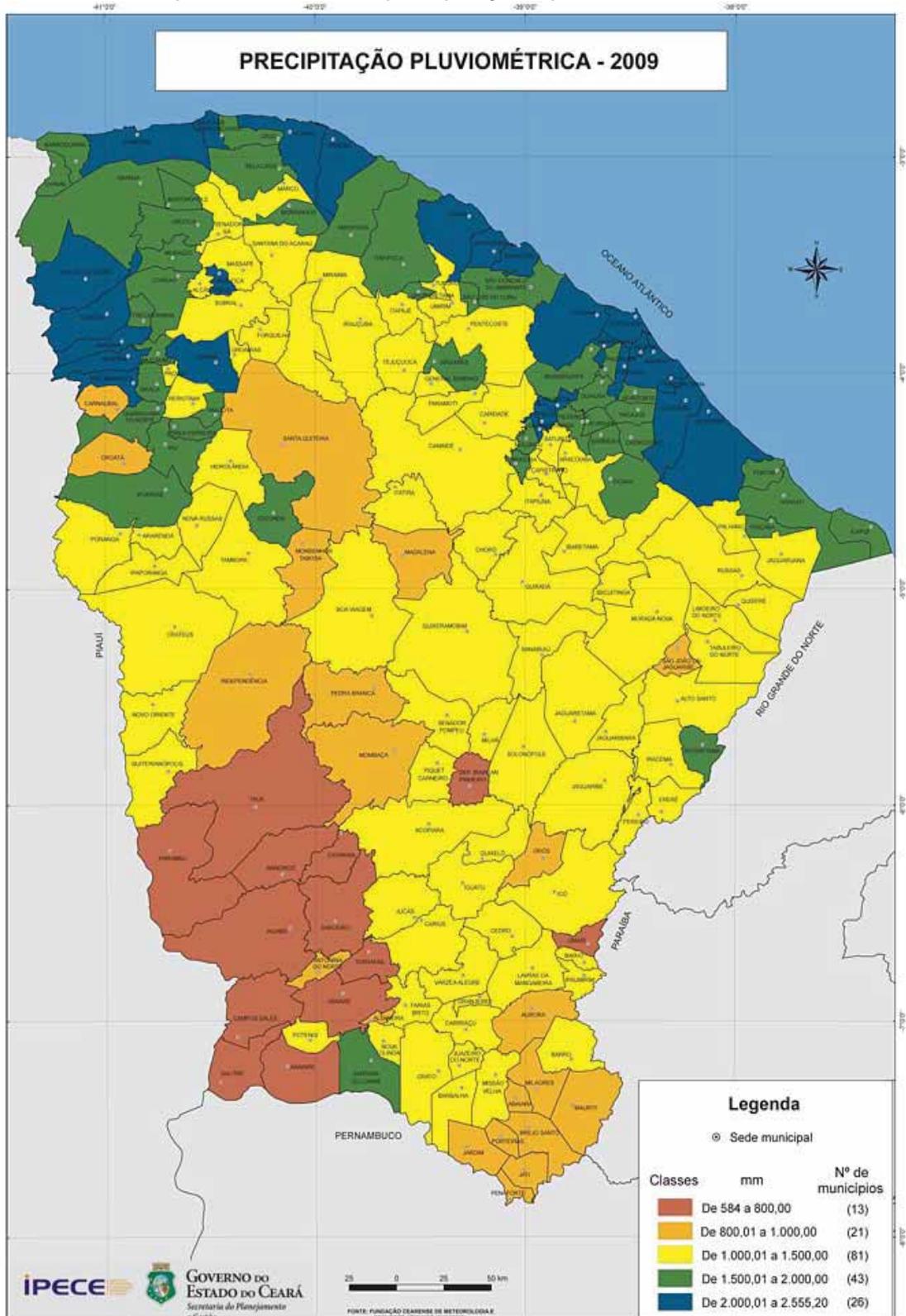
O território brasileiro atingido constantemente pelas secas foi identificado como “Polígono das secas¹⁷”, (BRASIL, 2010). Porém, apesar da seca ser um fenômeno natural e periódico, seus efeitos podem ser minimizados através de políticas públicas que venham a favorecer a população. Oliveira (2006) enfatiza que:

O fenômeno da seca, considerado como uma situação climática anormal, tem sido, também, enfocado como um fato eminentemente social e causa do atraso econômico do Nordeste. Os anos de seca têm em comum o fato de que os totais pluviométricos se situam sempre abaixo do comportamento da média de longo prazo ou das normais pluviométricas. Desse modo, não resulta de modo simplista de condições pluviométricas adversas Oliveira (2006: 213).

Sobre o assunto, destaca-se que o sertão possui certa irregularidade. Contrastando com os períodos de seca, acontecem as grandes enchentes, quando os rios transbordam, podendo causar prejuízos à lavoura e à população, como aconteceu no ano de 2009, quando as precipitações foram acima da média prevista (FIG. 09). Contrastando também com os anos de chuvas regulares, estão os longos e comuns períodos de estiagem, que causam as grandes secas.

¹⁷“O Polígono das secas – Delimitada em 1951 para combater as secas do Nordeste, essa área abrange praticamente todos os estados do Nordeste com exceção do Maranhão e o litoral da região. As secas de 1979 a 1984 e 1989 a 1990 atingiram 1.510 municípios [...]. O combate tradicional vem sendo a construção de açudes” BRASIL, 2011.

FIGURA 09 - Mapa do Ceará com precipitações pluviométricas no ano de 2009.



Fonte: IPECE, 2009

Até o ano de 2006, a comunidade de Barra do Bento não possuía estruturas físicas preparadas para acumular a água dos períodos chuvosos, como cisternas ou

açudes, devido à inexistência de políticas públicas voltadas para solucionar/minimizar esse grave problema social na comunidade.

Ressalta-se que, a Barra do Bento, bastante atingida pelas secas, tem seus efeitos potencializados por não possuir rios perenes em seu território e, especialmente, por não possuir reservas hidrográficas. Assim, sem água¹⁸ e sem energia em muitas comunidades, e com renda per capita abaixo da linha da pobreza, o sertão possui uma população formada, em sua grande maioria, por pessoas em condições de extrema necessidade (GALVÃO, 2003).

Sabe-se que o nordeste sempre foi atingido por longos períodos de estiagem, tendo sido durante a seca de 1877/1879 que se iniciaram “os primeiros estudos de previsão, destacando-se o seu caráter cíclico em períodos aproximados de 10-11 anos” (REBOUÇAS,1997: 129), quando já havia registros fotográficos mostrando o flagelo de famílias vitimadas (FIG. 10). Porém, segundo o autor, há documentos de 1860, redigidos pelo Barão de Capanema, em que já constam orientações para construção de açudes no sertão nordestino, para minimização e combate aos efeitos da seca (REBOUÇAS,1997).

FIGURA 10 – Vítimas das secas de 1877/1878, Ceará - Brasil



Fonte: Acervo Digital¹⁹, 2011.

¹⁸ Para Galvão (2003, p.59), “a escassez de água no semiárido é um tema antigo. Vista como um problema decorrente dos períodos de seca, tem se transformado num objeto de discursos e de políticas voltadas à implementação de obras hídricas. A escassez de água como consequência das secas nordestinas é ainda polemizada. Essa temática toma novos sentidos à medida que se consubstanciam novos discursos e novas práticas que são definidas como estratégias com finalidade de se alcançar o poder, seja político ou econômico”.

¹⁹ Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon838865.jpg Acesso: 09/06/1011.

Naquele período, por ordem de D. Pedro II, deu-se uma das primeiras obras no nordeste de combate aos longos períodos de estiagem - a construção do Açude do Cedro, no município de Quixadá. Após vários projetos, finalmente, em 1890, iniciaram-se as obras de edificação do açude, sob a inspeção da Comissão de Açudes e Irrigação, hoje, Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS, sendo inaugurado em 1906 (REBOUÇAS,1997).

Sobre o fenômeno da seca no Nordeste, muitas promessas em discursos têm sido feitas e poucas delas foram cumpridas, sendo isso uma constante por todo o sertão nordestino. Hoje, o conhecimento das secas se tornou mais abrangente através da mídia, que mostra o sofrimento do sertanejo em tempo real e, como diz Andrade (2006: 19), “[...]. As secas se tornaram maiores e mais frequentes e como atingem uma população cada vez mais numerosa, passou a ter uma forte repercussão”.

É importante ressaltar que os habitantes da comunidade Barra do Bento entrevistados, quando indagados sobre o item mais importante trazido pela iniciativa da IBC e do Poder Público, foram unânimes em indicar a construção do açude como a mais importante obra para melhoria da qualidade de vida de todos que ali residem.

Pompeu Sobrinho (s/d) , em sua obra - História das Secas (Século XX), exprime seu pensamento a respeito da minimização dos efeitos causados pelas secas, dizendo:

Não podemos, à nossa vontade, no momento oportuno, engendrar uma ambiência meteorológica favorável aos nossos desígnios. Podemos, porém, prever, esperar e prevenir os efeitos perniciosos da falta, da deficiência ou da irregularidade da queda pluvial. Já se consegue neutralizar muitas das consequências das estiagens perturbadoras e, [...] afeiçoar alguns elementos do ambiente físico ou geográfico e da mesologia social a fins bem determinados e úteis, de tal modo [...] podemos dizer não está longe a ocasião em que as secas passem por sobre nossas cabeças sem causar males apreciáveis (POMPEU SOBRINHO, s/d, p.3).

Continuando sua argumentação, Pompeu Sobrinho (s/d) afirma que tal evento é muito mais complexo do que muitos pensam, é um fenômeno que envolve partes físicas e sociais como um todo, não sendo um processo isolado e, assim, “não é simplesmente uma questão de água. É coisa muito mais séria e complexa, que constitui fenômeno físico-social e não somente cósmico ou geográfico” (POMPEU SOBRINHO, s/d p.3), no entanto, totalmente possível, sendo muito mais

uma questão de conscientização em nível político e socioeducacional.

Andrade (2006) assevera que:

O homem, ao penetrar para o interior, não procurou adaptar as suas atividades às condições de solo, clima e relevo, trazendo, com isto, impactos ecológicos muito negativos. O desmatamento, nos brejos e serras frescas e nas caatingas, provocou a aceleração dos processos erosivos e o empobrecimento dos solos e da vegetação. (ANDRADE, 2006, p.19).

O potencial resultado do fenômeno da seca é ocasionado por diversos fatores, como afirma Pompeu Sobrinho (s/d, p.3): “os efeitos de uma grande seca dependem da capacidade política, do potencial econômico, do valor moral e até de um certo e correto fervor religioso da comunidade exposta ao flagelo climático”.

Outro agravante sobre os efeitos danosos da seca seria o comportamento do homem, pelos constantes desmatamentos, desperdício das águas, bem como pela falta de compromisso político e social diante da situação (REBOUÇAS, 1997). Compreende-se, assim, que a solução para o semiárido não está apenas no combate à seca, mas em compreendê-la, utilizando os recursos necessários para minimizar seus efeitos e aprendendo-se a conviver com ela .

Existe, ainda, o fato da seca ser utilizada como instrumento de dominação, num processo conhecido como “Indústria da Seca”²⁰. Tal “indústria” atuando sobre a população que, mantida miserável, é facilmente manipulada por políticos que barganham o voto por comida, água ou quaisquer outros itens de baixo valor financeiro, numa prática conhecida como “voto de cabresto” (cabresto é o que mantém o gado preso) ou “curral eleitoral”. Tal prática ainda é bastante utilizada no sertão nordestino.

Castro *et al.* (2008) afirmam, com propriedade, que:

Este espaço tem sido apresentado historicamente pelo filtro de uma conscientização coletiva das dificuldades impostas por este meio, que depende dos azares climáticos. A natureza aí é um ente fortemente idealizada e trabalhada nos discursos, da e sobre a região, como um obstáculo intransponível a qualquer progresso ou justiça espacial (CASTRO *et al.*, 2008: 297),

Ainda, segundo os autores (2008), comparando com a região da Califórnia

²⁰ O termo ‘Indústria da Seca’ traduz o comportamento destes políticos que se utilizam da tragédia humana causada pela seca, com articulações e meios para manter o sistema de miséria e fragilidade do povo em benefício próprio, mantendo-o sob dominação para manipulação do poder.

nos EUA, o Nordeste brasileiro tem um clima mais promissor às melhorias, por não ter estação com baixas temperaturas. O autor lembra, também, que o clima quente e seco “dificulta a reprodução da pragas” (CASTRO *et al.*, 2008: 298), Assim sendo, com o represamento das águas pluviais favoráveis à irrigação o Nordeste se torna uma região promissora ao desenvolvimento econômico.

Segundo os próprios moradores da Barra do Bento, o que ocorre é que a comunidade da Barra do Bento nunca é visitada por esses políticos, como ressaltado na fala de um nativo: “a Barra do Bento é tão esquecida que nem político em época de campanha nos visita, só vêm os seus enviados, que prometem melhorias e nunca cumprem.” (Raimundo, morador da Barra do Bento, em entrevista concedida em 08/08/11). Isso se deve ao difícil acesso, somado ao fato de ser uma população pequena, de poucos votos.

Considerando que a seca é um fenômeno natural, de baixo índice pluviométrico, e que sempre existirá, resta, por conseguinte, unir os recursos disponíveis à tecnologia, de forma harmoniosa, no intuito de se alcançar uma melhor qualidade de vida (POMPEU SOBRINHO, s/d). Destarte, o que realmente falta ao semiárido é um “padrão cultural que agregue confiança e melhore a eficiência das organizações públicas e privadas envolvidas no negócio da água” (REBOUÇAS, 1997: 128).

Rebouças (1997), em sua compreensão de que a estiagem não pode ser entendida como sendo um fator determinante, mas, referindo-se à mesma como uma ação também cultural da população e provocada pelas deficientes políticas públicas, comenta:

[...] o determinismo que tem servido de justificativa à cultura da *crise da água* no Mundo ou no Brasil, bem como a *cultura da seca* na região Nordeste. As condições físico-climáticas que predominam na região Nordeste do Brasil podem, relativamente, dificultar a vida, exigir maior empenho e maior racionalidade na gestão dos recursos naturais em geral e da água, em particular, mas não podem ser responsabilizadas pelo quadro de pobreza amplamente manipulado e sofridamente tolerado (REBOUÇAS, 1997: 127).

Conhecedores dessa problemática, os governantes do Estado do Ceará visando novas soluções para minimização destes eventos, “em 1983, ano considerado ‘seco’, último ano de um período de escassez de chuvas (1979-1985)”, “criam um grupo de trabalho” com intuito de pensar “uma política pública de recursos

hídricos” com a finalidade de adotar táticas “com visão duradoura”. De tal modo que, após 1983 e na década de 1990, aquilatou-se “a concepção e a forma de implementar sua política de recursos hídricos” (CEARÁ, 2009: 26).

O ano de 1998 foi marcado por uma das maiores secas já ocorridas no nordeste brasileiro, no século XX, sendo uma das quatro maiores secas já registradas desde 1911, quando os índices pluviométricos começaram a ser medidos no estado do Ceará. Esta seca causou grandes perdas de safras, gado, impondo grande sofrimento às populações flageladas, habitantes do sertão semiárido (ALVES et al., 1998), estando aí incluídos os moradores da Barra do Bento.

Sobre essa situação, Andrade (2005) assevera que: “do Sertão, também quente, porém, seco, e não só seco, como sujeito, desde a época colonial, as suas secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração” (ANDRADE, 2005: 37).

A situação de pobreza em que vive grande parte da população do semiárido nordestino, no entanto, decorre de fatores que vão além dos condicionantes geográficos e climáticos. Completando esta situação, estão os aspectos relacionados à carência de políticas públicas e sociais necessárias para a região, bem como às condições de posse e uso da terra.

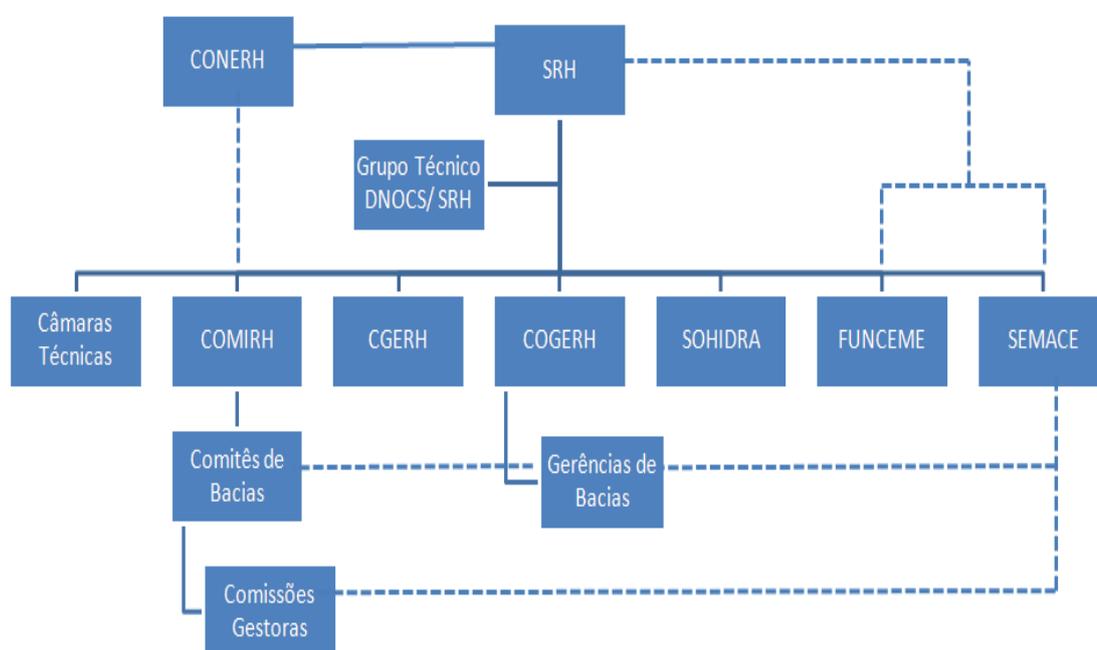
Foi exatamente em decorrência desta situação alarmante da seca de 1998, que a Igreja Batista Central (IBC) se aproximou da comunidade de Barra do Bento, visando contribuir de forma mais significativa para a melhoria da qualidade de vida daquela população que, na visão da IBC, seria beneficiada com ações coerentes. Uma dessas ações, por exemplo, seria o barramento das águas nos períodos de chuva, pois sua hidrografia conta com rios que recebem água somente das chuvas, portanto, intermitentes e sazonais. (PRADO, 2008; AB’SABER, 1974). Tomados desta consciência, foi este um dos primeiros projetos a ser providenciado, a construção do Açude na Barra do Bento, que foi concretizado no ano de 2007.

De acordo com o Plano Estratégico dos Recursos Hídricos do Ceará (2009), no ano de 1987, foram criadas: a Superintendência de Obras Hidráulicas (SOHIDRA) e a Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará (SRH), esta última vinculada à Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME). No ano de 1992, foi instituído o Sistema de Gestão de Recursos Hídricos (Sigerh), com base no Plano Estadual de Recursos Hídricos (Planerh), criando em 1993, a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (Cogerh) (CEARÁ, 2009: 26).

No intuito de minimizar os problemas causados pela seca, o Governo do Estado do Ceará implantou a “estrutura” de antecipação e prevenção aos danos causados pelos longos períodos de estiagem, “de forma pioneira, concebeu um sistema institucional de recursos hídricos, considerando as fases: aérea, superficial e subterrânea do ciclo hidrológico” (CEARÁ, 2009: 26).

O quadro 3 tem-se o fluxograma do sistema integrado e órgãos envolvidos nos trabalhos de combate aos efeitos das secas no estado do Ceará.

Quadro 3 - Fluxograma - Sistema integrado de gestão de recursos hídricos – SIGERH



Fonte: CEARÁ, 2009.

No entanto, até o ano de 1998, onze anos após o início da instalação da política de melhoria no uso dos recursos hídricos para mitigar os efeitos da seca, a comunidade de Barra do Bento ainda não havia sido contemplada com essas ações, vivendo em total abandono e flagelo.

De acordo com o Sr. José Cleiton Nogueira²¹, foi este um dos fatores determinantes na escolha da comunidade para a implantação do projeto pela IBC, situação esta narrada pelo morador da comunidade, Sr. Pedro de Sousa Ferreira:

Até o ano de 2007, a gente tinha que buscar água muito longe, no açude de outra fazenda, distando uns 5 km. Cansava muito, era

²¹ Membro da IBC e voluntário no Projeto Barra do Bento.

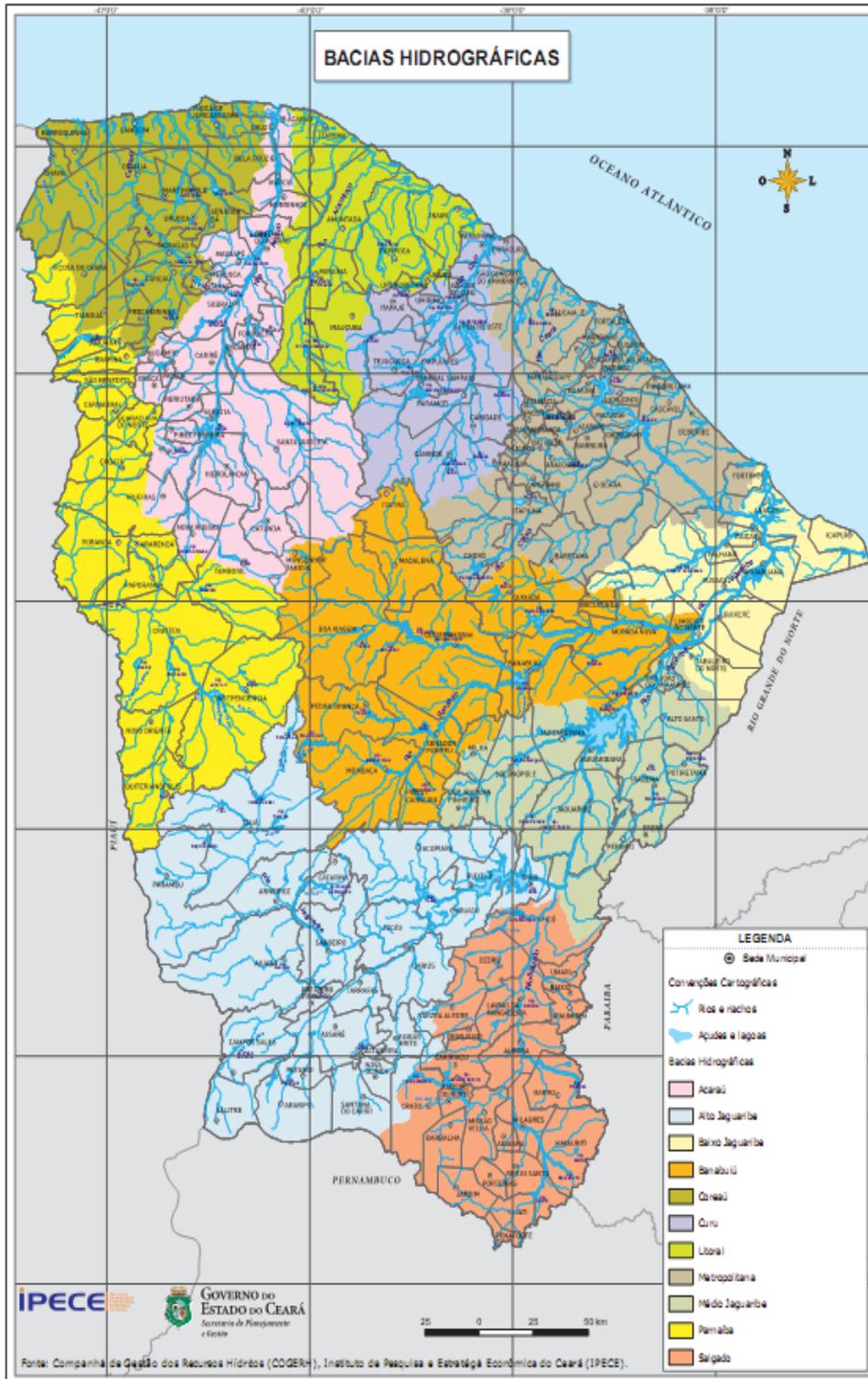
muita penúria e sofrimento (pausa), era muita luta e muita humilhação. Essa água era só para beber e cozinhar, não podia “agoar” a plantação. Não dava para plantar nenhum roçado porque não tinha água para irrigar, aí tudo morria de sede. Agora, com a construção do nosso açude, nós temos água à vontade. Estão até falando em ligar água direto para as casas, para pia das cozinhas e para os banheiro. Mas uma coisa ainda não aconteceu – não foi feito nada para irrigação da roça (Sr. Pedro de Sousa Ferreira, em roda de conversa na varanda da casa de Raimundo Rodrigues de Sousa em 08/08/2011).

Zanella (2007: 178), ao se referir à hidrografia do Estado do Ceará, destaca que “A Bacia do rio Curu é formada pelo Rio Curu e seus afluentes. [...] O rio Curu nasce na serra do Machado e seus afluentes têm suas nascentes nas serras de Uruburetama e de Baturité”. Porém, em seus estudos, Zanella (2007) conclui que grande parte dos rios da região é dependente, principalmente, das águas das chuvas, e se refere ao assunto dizendo:

Durante o período chuvoso, os rios contêm um expressivo volume de água. Entretanto, logo após o final das chuvas ocorre o seu esgotamento total, principalmente nos cursos localizados em áreas constituídas por rochas cristalinas, dando a eles um caráter intermitente (ZANELLA *In* SILVA *et al*, 2007: 176).

Vale pontuar que o estado do Ceará possui 11 bacias hidrográficas (FIG. 11), entre as quais se identifica a Bacia do Rio Curu, que banha o município de Canindé, fazendo parte de sua bacia os rios: Canindé, Curu, Choró, Salão, Batoque, Cangati, Juriti, Xintranguê, Trindade, Souza, Castro; os riachos: Grossos, Furnas, Conceição, Porcos e outros. Possui, ainda, diversos açudes, todos da Bacia do rio Curu, e ainda uma Adutora (Adutora Canidé) e 220 poços profundos (PMC, 2011)

FIGURA 11: Bacias Hidrográficas do Estado do Ceará.



Fonte: IPECE, 2007.

Cabe mencionar que os recursos hídricos da Barra do Bento contam apenas com um riacho intermitente - riacho Atanázio (FIG. 12), seco durante a maior parte do ano, que não apresenta profundidade mesmo em períodos chuvosos, o que

agrava, ainda mais, a crise hídrica durante os longos períodos de estiagem. De tal modo, não havendo reserva de água, ocorre neste sertão, motivada pela falta de água e conseqüentemente de alimentos, a morte do gado que o sertanejo de poucos recursos financeiros consegue adquirir.

FIGURA 12 – Riacho Atanázio - Barra do Bento



Autor: Quezado, Angela, maio/2011.

Aqui, cabe destacar a frase de Wallace Moura (2010): “Sertão implacável - nem todos conseguem vencer os desafios do sertão nordestino”.

Entretanto, o agrônomo e coordenador do projeto Barra do Bento, José Cleiton Nogueira, entendeu que o riacho Atanázio, apesar de pequeno, poderia ser aproveitado com o represamento de suas águas durante o período chuvoso, e assim relatou:

O riacho Atanázio possui expressiva declividade por dentro do núcleo de Barra do Bento. Havendo, assim, condições de barramentos em vários trechos desse riacho que, caso sejam concretizados, servirão para o abastecimento das famílias e, também, possibilitarão o estabelecimento de criatórios intensivos de peixes. Porém, enquanto se esperava uma solução definitiva, provisoriamente, e visando a aquisição de água para o consumo humano, construímos, em cooperação com os próprios membros do local, um Poço Amazonas, com anéis de cimento de 3 metros de diâmetro. Porém, em consequência dos longos períodos de seca, o poço ainda não foi suficiente ao atendimento das necessidades da comunidade, necessitando o barramento do riacho (Entrevista concedida em 08/08/2011).

A edificação do açúde Atanázio se deu em período recorde de três meses, de dezembro de 1997 a fevereiro de 1998. Alimentado pelo riacho Atanázio durante o período chuvoso, sua construção se deu numa parceria da Igreja Batista Central (IBC) com apoio financeiro do Governo do Estado do Ceará. (José Cleiton Nogueira, entrevista concedida em 08/08/2011).

2.2 Caracterização Socioeconômica e Cultural: Uma viagem pela história

Canindé, no início do século XVIII, era ainda um pequeno vilarejo, que pouco tinha a oferecer aos seus habitantes. Em 1764, fazendeiros vindos das ribeiras do Jaguaribe receberam terras nas adjacências do Rio Canindé para prática de criação de gado e agricultura, logo tornando o local bastante habitado para a época (PMC, 2009; IBGE, 2011).

Em 1775, o sargento-mor Francisco Xavier de Medeiros fixou moradia às margens do Rio Canindé, com a função de fundar e desenvolver o povoado. Neste mesmo ano, iniciou a construção de uma capela. Porém, no ano de 1792, o sertão nordestino foi assolado por uma grande seca, atrasando os trabalhos de construção da capela, que teve sua conclusão em 1796.

A pequena capela de São Francisco das Chagas (FIG. 13), com a celebração das missas, tornou-se ponto de encontro das famílias de toda a região (PMC, 2009; IBGE, 2011). Com a conclusão da capela foi trazida de Portugal e doada pelo Capitão Jerônimo Machado, a primeira imagem de São Francisco - "São Francisquinho". Na atualidade, é conduzida solenemente na tradicional procissão do dia 4 de outubro (PMC, 2009; SANTUÁRIO, 2011).

FIGURA 13 - Primeira Igreja de São Francisco, concluída em 1796.



Fonte: SANTUÁRIO, 2011.

O despertar de toda a “devoção” a São Francisco da Chagas, no sertão de Canindé, teve início a partir de uma lenda, segundo a qual, durante uma reforma na antiga igreja, ainda no século XIX, um operário caiu quando trabalhava em sua torre. Durante a queda, ele gritou por São Francisco da Chagas, salvando-se assim da terrível morte. O fato constituiu-se num grande milagre para os habitantes do local, invadindo o sertão e o imaginário do sertanejo, atraindo milhares de visitantes em busca de novos milagres e favores. Começaram, a partir de então, os tradicionais festejos a São Francisco das Chagas, com grandes romarias, o que trouxe ao povoado grande crescimento econômico (PMC, 2009; SANTUÁRIO, 2011). Consta que esta romaria religiosa é a mais antiga do Estado do Ceará.

Nesta época, apesar da constante frequência de fiéis, Canindé não tinha um pároco permanente. Assim, no ano de 1800, os moradores reivindicaram a presença de um vigário para a localidade e, no dia 30 de outubro de 1817, a capela de São Francisco das Chagas de Canindé foi elevada à categoria de matriz, sendo nomeado o frade Francisco de Paula Barros como seu primeiro pároco (PMC, 2009; SANTUÁRIO, 2011).

A presença dos Frades Capuchinhos é ressaltada como um importante diferencial na história de Canindé. Oito frades vieram da Itália em setembro de 1898 e, mais tarde, com a ida destes para o Maranhão e, a convite do Bispo do Ceará,

vieram os Frades Menores Franciscanos (FIG. 14), que tomaram posse em 26 de março de 1923 e permanecem até os dias atuais (PMC, 2009).

FIGURA 14 - Presença franciscana no sertão de Canindé



Fonte: SANTUÁRIO (2011).

Esse distrito foi criado com a denominação de São Francisco das Chagas do Canindé, pertencente ao município de Paramoti, pela Resolução Régia de 19-08-1817 e Ato Provincial de 18-03-1842, sendo desmembrado e elevado à categoria de Vila em 29/07/1846, e em distrito-sede em 05/07/1847. Passou à categoria de cidade em 25 de agosto de 1914, com alteração toponímica de São Francisco das Chagas do Canindé para simplesmente Canindé²², alçando à condição de município em 1957 (PMC, 2009).

Tais fatos históricos contribuíram para a formação da região pesquisada. A religião influencia, também, na economia do lugar, que se baseia, principalmente, no comércio e no turismo religioso (IBGE, 2010); PMC, 2011).

O turismo é, na atualidade mundial, um dos setores que mais impulsionam a economia, com expressivos impactos sociais, culturais e ambientais, destacando-se na organização espacial e na economia do local visitado (LEMOS, 1999;

²² O nome Canindé deriva da palavra "Kanindés", do tupi-guarani, conforme encontra-se em "O Ceará" – 1945, e designa uma tribo de índios nativos dos sertões da região central do Estado do Ceará. Segundo Nogueira (Revista do Instituto do Ceará, vol. 1.11, pág. 248), a palavra significa uma espécie de psitacédeo, arara de plumagem amarela, assim apelidada por uma grande tribo dos índios tarairius. Disponível em:

CORIOLOANO, 1998). No Canindé, o maior volume do PIB provém de Serviços do turismo religioso, num total de 58,74% (PMC, 2011).

O turismo religioso é o ponto forte da economia do município, que se destaca como polo de romarias durante todo o ano e, principalmente, nas épocas das festas religiosas, que se concentram nos meses de setembro e outubro, atraindo visitantes²³ e romeiros devotos de São Francisco das Chagas de todo o País, movimentando o comércio, incluindo serviços como hospedagem e alimentação.

Um exemplo da exploração do turismo religioso em Canindé é a empresa *Caminhos de Assis*, com escritório em Canindé, que, atualmente, promove o evento do mesmo nome durante todo o ano, como forma de expandir o turismo religioso na cidade (CEARÁ, 2012):

O Caminho de Assis, um percurso que se inicia em Maranguape, na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), e termina na Basílica de Canindé, no Sertão Central, conta com cinco estações para abrigar os devotos de São Francisco durante o trajeto até a cidade romeira. [...] a obra, além do conforto, vai permitir o incremento no número de visitantes na cidade (CEARÁ, 2012).

Percebe-se que os indicadores que contribuem para a economia de Canindé estão distribuídos mais fortemente no comércio e nos serviços diretos e indiretos do setor do turismo religioso.

Os municípios que se destacam com o Turismo religioso no Ceará²⁴ são as cidades de Juazeiro do Norte e Canindé, turismo este motivado pela religiosidade fortemente arraigada no povo do sertão cariense, canindeense e demais sertões adjacentes (CEARÁ, 2012).

O Sertão Central do Estado do Ceará encontrou na religiosidade um forte movimentador da economia local. Cidades do interior cearense têm em seus calendários importantes comemorações religiosas, chegando vários municípios a erguerem grandes monumentos sacros, a exemplo do que se deu no próprio município de Canindé.

A religiosidade e a religião estão profundamente presentes entre este povo

²³ “No início do século XIX, grandes romarias e festejos em homenagem a São Francisco já eram tradicionais, impulsionando o povoado ao desenvolvimento.” (PMC, 2011).

²⁴ Ao lado de Juazeiro do Norte, Canindé é o principal polo do turismo religioso no Ceará. A devoção a São Francisco das Chagas leva à cidade, anualmente, entre 29 de setembro e 4 de outubro, milhares de fiéis vindos de todo o país. Para o turista, o Santuário revela uma surpresa: uma exposição de ex-votos mostra toda a fé do povo brasileiro. Ex-votos são esculturas rústicas feitas de madeira retratando, principalmente, órgãos do corpo humano (pelo qual se pediu cura), que são oferecidos à igreja como homenagem por uma graça recebida (CEARÁ, 2012).

subjugado a condições de expropriação socioeconômica na região de Canindé, onde se inclui a Barra do Bento. De acordo com Tuan (1976), seja qual for a cultura de um povo, nela está sempre presente a religião, sendo essa uma manifestação humana que distingue nitidamente o ser humano dos demais animais. Assim, sobrepõe Tuan (1976):

A palavra religião é derivada do latim 'religare', que significa ligar-se novamente, isto é, ligar-se fortemente a um conjunto de crenças, a uma fé ou a uma ética. Falando de modo mais amplo, a pessoa religiosa é aquela que busca coerência e significado em seu mundo, e uma cultura religiosa é aquela que tem uma visão do mundo claramente estruturada. O impulso religioso é para reunir as coisas (TUAN, 1976:154).

Em estudos com base na Geografia Humanística, é imprescindível que haja preocupação em se conhecer “qual é o significado da religião [...] Considerando que a religião é um tipo especial de conscientização, de que modo difere dos outros tipos de conscientização?” (TUAN, 1976:154).

A religiosidade deste povo se materializa no Santuário de São Francisco das Chagas, em Canindé, que é considerado o maior do continente americano, atraindo milhares de devotos de diversos pontos do Brasil, durante todo o ano (PMC, 2011).

Para Soares (2001), o Santuário de Canindé é, para os fiéis, a própria presença do Santo devotado. Quando lá estão, sentem-se em espírito e carne junto ao santo vivo. É um momento do êxtase em um lugar sagrado:

O lugar onde foi edificado o Santuário de Canindé é sagrado para os peregrinos, [...] porque o santo que lá se revela para eles é vivo e confirma não só a sua presença, mas também o local como sendo escolhido por ele (SOARES, 2001: 98).

Em sua reconstrução, o arquiteto Antonio Mazzini projetou duas torres principais de 32 metros de altura, emoldurando janelas góticas, trabalhadas em estilo toscano, o que lembra as catedrais europeias. Ao centro, há uma cúpula de 35 metros de altura, tendo em seu interior painéis em afresco do pintor europeu Jorge Kau. Em contraste com a simplicidade do Município, o grandiosa e bela a Basílica de São Francisco das Chagas é considerado o 'cartão postal' da cidade de Canindé (FIG. 15).

FIGURA 15- Basílica de São Francisco das Chagas em Canindé/CE.



Fonte: CANINDÉ, 2011.

O calendário religioso de Canindé inclui diversas romarias até a cidade, saindo de várias regiões do nordeste, sendo a principal no dia 4 de outubro, “dia de São Francisco da Chagas”, data que motiva a ida de milhares de devotos ao Centro de Peregrinação, para ‘pedir ou agradecer’ graças ao Santo.

Durante as principais festas da cidade, observam-se fiéis de diversos municípios cearenses e estados vizinhos participando das romarias, o que contribui para a movimentação do comércio, hotelaria, restaurantes e lojas de artigos religiosos. Em época de romaria, devido ao grande número de fiéis, as missas são realizadas no pátio externo da Basílica (FIG. 16).

Em homenagem a São Francisco das Chagas, foi construído em Canindé um dos maiores monumentos religiosos do mundo (FIG. 17), medindo 30,25 metros, sendo a 13ª estátua maior do mundo (CANINDÉ, 2012). Situada na parte mais elevada da cidade - o Alto do Moinho, ao lado da Br 020, é vista por todos que se aproximam da cidade, sendo também local de romaria dos devotos.

FIGURA16 - Romeiros em frente à Basílica durante uma missa campal.



Fonte: Dallago/ Almeida (2010).

FIGURA 17 - Estátua de São Francisco das Chagas vista da BR 020.



Autor: Ferreira, Enéas Rente (2011).

As pessoas doentes ou com deficiência física, que vão em busca de cura ou um milagre, costumam fazer uma peça, em sua maioria de madeira, no formato do órgão ou do membro doente para o qual obtiveram cura (FIG. 18).

FIGURA 18 - Exposição de ex-votos na Sala dos Milagres



Fonte: Dallago/ Almeida (2010).

Essas peças, chamadas de “ex-votos”, são pinturas, estatuetas, fotografias e variados objetos, doados “ao santo” como forma de agradecimento por uma graça atendida. Trata-se de uma manifestação artístico-religiosa, que se liga diretamente à arte religiosa e à arte popular. Espaços reservados para essas peças são visitados e tornam-se lugares sacros na peregrinação religiosa.

Durante o período de setembro a novembro, acontecem as romarias mais importantes e mais volumosas em número de visitantes. Nestes meses, vê-se em Canindé e ao longo das estradas que dão acesso à cidade, pedestres²⁵, bicicletas, motos, caminhões, ônibus e carros menores. Durante os períodos festivos, dentre os devotos de diversas classes sociais, vindos de distintas localidades do Nordeste, destacam-se também os mais abastados, em seus carros de luxo.

Enriquecendo a dinâmica cultural de Canindé, com suas tradições e inclusão de costumes antigos na vivência do dia-a-dia, é muito comum ver caminhões “pau-de-arara”²⁶ transportando os romeiros mais pobres, de todas as idades, vindos de locais próximos ou longínquos (FIG. 19). Este é um costume vivido no cotidiano dos interioranos nordestinos de menor poder aquisitivo.

²⁵ Estes vêm a pé por opção de sacrifício ou como forma de pagamento de promessa por “graça alcançada”, e incluem pessoas de várias classes econômicas e de escolarização. (observado pela autora durante a pesquisa - Out/Nov-2011).

²⁶ “Caminhão coberto, para transporte de passageiros, principalmente de retirantes do nordeste para São Paulo e Minas”. FERREIRA, Aurelio Buarque de Hollanda. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Ed. Civilização Brasileira S.A., São Paulo, 1969.

FIGURA 19 - Os romeiros chegando a Canindé em “pau-de-arara”.



Autor: Quezado, Angela (2012).

Para estes romeiros, a Igreja Católica disponibiliza gratuitamente a Casa do Romeiro, que são grandes galpões, com lugares para armar redes de dormir²⁷ e banheiros coletivos, onde convivem pessoas doentes em meio a crianças e idosos, em total harmonia e solidariedade, e os que têm mais doam aos que têm menos.

A hospedagem, o calor e a precariedade do transporte refletem, ao mesmo tempo, a miséria e a fé do povo sofrido do sertão, num espírito de conformação diante do sofrimento e das carências. São pessoas sem grandes expectativas, que lutam por seus direitos, direitos esses dos quais não se julgam merecedoras.

Para repouso dos demais visitantes/romeiros, são encontrados diversos tipos de alojamentos, como pousadas, hotéis e hospedarias mais simples (FIG.20).

²⁷ A rede é um utensílio característico do nordeste, originalmente utilizada pelos índios, porém, ainda hoje muito utilizada para dormir ou descansar, ou ainda, como peça decorativa em varandas de apartamentos e casas de veraneio. No tempo do Brasil colônia eram, também, utilizadas em lugar dos caixões para enterro dos mais pobres.

FIGURA 20 - Alojamento dos romeiros em Canindé/CE.



Fonte: Dallago/ Almeida (2010).

A fé do sertanejo é manifestada de várias formas e o agradecimento à graça alcançada é testemunhado pelo uso de trajes (vestimenta) de frade franciscano (FIG. 21).

FIGURA: 21 - Romeiro e filho vestidos com hábitos franciscanos.



Fonte: Dallago/Almeida (2010).

Além das questões religiosas, a cultura é bem registrada nas manifestações que ocorrem no período de romaria, como o desfile de vaqueiros em traje de lida com o gado pelas caatingas. O vaqueiro representa o homem “bravo” da caatinga, o “herói valente”.

O vaqueiro é o símbolo da árdua vida do sertanejo nordestino e, para Girão (1985), é: “[...] um indivíduo merecedor de respeito, em razão da superioridade que lhe conferia o conhecimento da terra, do gado, dos métodos de criação e a responsabilidade das cousas da fazenda” (GIRÃO, 1985: 35), valores culturais importantes para as pessoas em sua percepção e elaboração da paisagem na romaria dos vaqueiros (FIG. 22).

FIGURA 22 - Romaria dos Vaqueiros



Fonte: Portal/Canindé, 2012.

Outro ponto importante a ser salientado é que, dentre os romeiros, estão também os pedintes, tanto de Canindé quanto das adjacências, presentes em todos os lugares onde há concentração de romeiros. É comum observar-se, na Rodovia BR-020 (FIG. 23), grande número de pessoas que, nestes períodos, veem nas estradas a oportunidade de ganho como pedintes.

FIGURA 23 - Mulheres e crianças pedintes na estrada de Canindé/CE.



Fonte: Dallago/Almeida (2010).

Destarte, a mendicância é uma alternativa que muitos moradores pobres da região têm como alternativa de acrescentar recursos que venham a auxiliar na difícil sobrevivência no sertão. Tal fato se exprime nas palavras de uma nativa: “É muito bom nas épocas de festa, dá para a gente ganhar algum trocado a mais pra comprar as coisas” (Maria Rodrigues de Sousa, entrevista em: 08/08/2011).

O interesse na exploração da religiosidade do sertanejo é notório em algumas cidades, pois esta é uma ação que movimenta a economia. Aqui cita-se como exemplo, o ensaio de se instalar outro polo de romaria no município de Caridade, vizinho a Canindé. Segundo relato dos moradores, em 1990 começou a ser erguida uma grande estátua de Santo Antônio, na tentativa de tornar o município, também, um destino religioso. O corpo da Estátua foi construído no alto do “morro do Serrote”, visto por toda a cidade (FIG. 24), enquanto a cabeça da estátua foi esculpura na parte baixa da cidade. Entretanto, próximo ao término da obra, foi constatado que, devido aos fortes ventos do local e à fragilidade do corpo da estátua, este não sustentaria o peso da enorme cabeça (G1GLOBO, 2012).

FIGURA 24 - Corpo da estátua no alto do monte.



Autor: Ferreira, Enéas Rente (2011)

Como resultado, o projeto não chegou a ser concluído e a grande cabeça do Santo Antônio permanece inacabada, literalmente no meio de uma das ruas do Conjunto Habitacional da cidade de Caridade, sendo a cabeça do “santo” um local de brincadeira para as crianças (FIG. 25).

FIGURA 25 - Cabeça da estátua do “Santo da Cabeça” em Caridade/CE.



Autor: Quezado, Angela (2012).

A tentativa dos idealizadores da estátua era promover a cidade como um polo

religioso, levando romeiros ao lugar. Hoje, ficou conhecido como o “Santo da Cabeça”, e a tentativa de tornar-se polo religioso não vingou, atraindo apenas alguns poucos turistas de passagem, curiosos com o fato. Assim, a cidade de Caridade possui hoje, no lugar do que deveria ser um monumento de visitas religiosas e adoração, uma atração turística²⁸ pelo inusitado da situação.

2.3 Barra do Bento: Uma História, Muitas Vidas

Para compreender o atual estágio em que se encontram os habitantes da comunidade de Barra do Bento, faz-se necessário conhecer o contexto em que viviam aquelas famílias do sertão semiárido até 1998, com o fenômeno climático da seca e com o processo de negligência que ocorria por parte do poder público, frente àquela população, servindo-se da conhecida “Indústria da Seca”. Segundo palavras da moradora D. Raimunda Rodrigues de Sousa - Sandra: “nos períodos de eleição eles vêm com promessas de melhorias que nunca chegaram à comunidade de Barra do Bento” (entrevista concedida em 08/08/2011). Raimunda Rodrigues de Sousa é, atualmente, a presidente da Associação dos Moradores da Barra do Bento, e busca melhoria e investimentos do poder público para a agricultura comercial na comunidade.

Vale pontuar que a denominação “Barra do Bento”, segundo os moradores mais antigos, tem origem na primeira família residente no local, conhecida pelo nome de Bento, porém, não há nenhum registro oficial sobre o assunto.

A Barra do Bento está localizada no distrito de Monte Alegre/ Canindé, no sertão do semiárido do Estado do Ceará. Canindé dista 120 *km* da capital do estado e Barra do Bento localiza-se a 25 *km* da sede Canindé, sendo 10 *Km* em asfalto na rodovia BR 020, em seguida, no *km* 130, entra-se à direita em estrada carroçal, muito acidentada, por mais 15 *km*. Esta estrada só permite o tráfego de veículos com tração nas quatro rodas (4X4), mostrando um certo grau de dificuldade, principalmente em épocas chuvosas (FIG. 26), e por esse motivo Barra do Bento é uma comunidade muito isolada, tanto social como geograficamente.

²⁸ Um atrativo turístico, porém, de pouca expressividade.

FIGURA 26 - Travessia de voluntários no riacho Atanázio, época chuvosa.



Fonte: IBC, 2011.

A dificuldade de acesso e a escassez de água fizeram com que Barra do Bento, embora tendo uma posição geográfica bem próxima a Fortaleza, possuísse uma paisagem basicamente natural, sem modificações espaciais significativas em termo de edificações (FIG. 27 e 28). Tais alterações espaciais vieram a acontecer somente após as interferências da Igreja Batista Central de Fortaleza.

FIGURA 27 - Barra do Bento e sua paisagem basicamente natural.



Autor: Quezado, Angela, 2011.

FIGURA 28 - Barra do Bento e sua paisagem.



Autor: Quezado, Angela, 2011.

Essa comunidade é composta por 30 famílias, sendo que quatro delas residem em terrenos próprios, herança de família, numa área em torno de 5 ha. As demais famílias moram no interior da Fazenda Atanázio²⁹, antiga propriedade de espólio da viúva, senhora Zélia Fenelon (em 1998), onde as famílias do local trabalhavam no sistema de meia³⁰, sendo conhecidos como meeiros, até a ocasião da compra da fazenda por José Cleiton Nogueira³¹.

O sistema de meia representa um sistema antiquado e injusto de dependência humana. Em Barra do Bento havia um agravo ainda maior, pois, por se tratar de um clima semiárido, com terras de difícil cultivo, representava um sistema penoso, tornando o plantio muito limitado e com ínfima produtividade. Por conseguinte, com a entrega da metade de produção ao fazendeiro, não havia condições de comercialização dos produtos cultivados, sendo praticamente um cultivo de subsistência. (ANDRADE, 2005).

²⁹ Segundo depoimento de José Cleiton Nogueira, a fazenda Atanázio não possuía qualquer documentação de posse junto ao Cartório de Imóveis de Canindé, bem como à prefeitura de Canindé (Entrevista em 14/02/2010).

³⁰ Neste sistema, o dono da terra de latifúndio cede partes de sua propriedade a pessoas ou famílias, que podem ser seus moradores ou não, sendo o sistema de pagamento a entrega da metade de toda a produção, deste modo, lembrando a divisão dos feudos na Idade Média. (ANDRADE, 2005).

³¹ De acordo com José Cleiton Nogueira, inicialmente metade da fazenda será colocada em seu próprio nome e a outra metade em nome do morador Raimundo Rodrigues de Sousa. Aqui vale salientar que a documentação da fazenda, por se tratar de um projeto do Governo do Ceará para regularização de terras do interior cearense e, de um processo de herança, até a data da pesquisa não foi regularizada em virtude de burocracia das entidades envolvidas (Entrevista em 08/08/2012).

Como evidencia Andrade (2005), o Nordeste tem uma tradição de latifúndio, que vem desde o Brasil colônia, e se refere a este nordestino de mínimos recursos financeiros dizendo:

[...] como já salientou o grande mestre Gilberto Freyre em seu magistral livro *Nordeste*. [...] como consequência natural do latifúndio, vem a monocultura com todo o seu cortejo de deficiências. A monocultura, agora, como nos tempos coloniais, acarreta a falta de alimentos indispensáveis e, conseqüentemente, a deficiência eugênica da população. Se há pouco alimento, este sobe a preços astronômicos e a massa da população passará fome e se tornará fraca e deficiente para o trabalho. (ANDRADE, 2005: 25).

Corroborando, Oliveira (2005) fala sobre a exploração dos mais pobres pelos mais abastados economicamente, em seu texto – “Os Posseiros e a Luta Contra o Capital: ... A Terra é de Ninguém”, que mostra este tipo de exploração capitalista, quando se coloca o poder e o lucro acima da vida humana, diferentemente da apropriação da terra para o trabalho e sobrevivência digna para quem dela faz uso.

A propriedade da terra pelo capital visa tão somente o lucro, tendo-a como “terra de negócio”, para venda ou para empreendimentos, e, neste último caso, transformando-a em terra de opressão sobre os mais pobres. Neste sistema cruel e desumano, o lucro é primordial. Contrariamente, quando o proletário detém a terra, esta passa a ser para ele e sua família “terra de trabalho” e vida.

Sobre o assunto, Oliveira (2005) explica:

Quando o capitalista se apropria da terra, ele o faz com o intuito do lucro, direto ou indireto. [...]. Por isso, nem sempre a apropriação da terra pelo capital se deve à vontade do capitalista de se dedicar à agricultura. O monopólio de classe sobre a terra assegura ao capitalista o direito de cobrar da sociedade inteira um tributo pelo uso da terra. É chamada renda fundiária ou renda da terra. A renda não existe apenas quando a terra é ligada; ela existe também quando a terra é vendida. Alugar ou vender significa cobrar uma renda para que a terra seja utilizada. (OLIVEIRA, 2005: 15)

Os moradores da comunidade de Barra do Bento, além de viverem em terras de terceiros, em sertão seco e muito quente, não dispunham de luz, escola para os filhos e viviam em moradias sem a menor estrutura física e funcional. Em condições sub-humanas, faltava-lhes a própria dignidade, destarte, pela baixa autoestima, tornando-os vulneráveis e subservientes a qualquer pessoa que lhes oferecesse ajuda. Também não possuíam nenhuma fonte de água ou reserva na fazenda, a

água (de má qualidade) para beber e cozinhar era trazida em lombo de jumentos de uma distância de cinco quilômetros (FIG.29).

FIGURA 29 – Água de má qualidade transportada em jumentos



Autor: Gutiérrez Jataí (2008).

Nessa situação de extrema pobreza viviam os habitantes da Barra do Bento, não possuindo renda, sobrevivendo exclusivamente de favores externos, situação esta traduzida na fala de um morador local:

Em 1998 ainda teve uma ajuda do Governo Federal e Estadual para “uns pouco”, eram as “frente de trabalho³²”, de meio salário mínimo durante 6 ou 8 meses. Mas, a prefeitura de Canindé nunca esteve envolvida com a gente (Raimundo Rodrigues de Sousa, entrevista concedida em 08/08/2011).

Nesse momento, o Sr. José Cleiton Nogueira diz lamentar essa situação de extrema pobreza em que viviam os moradores da Barra do Bento e faz uma observação: “uma questão de sobrevivência os levava a ações de degradação humana. Quando falo degradação, é sair a mendigar, uma situação humilhante, de muita pobreza, isto antes do projeto da IBC” (entrevista realizada em 08/08/2011).

Quando se trata de seres humanos, dar um conceito à pobreza é algo muito difícil, pois vai além de aspectos meramente econômicos e materiais, permeia a

³² As “Frentes de Trabalho” foram um projeto de empregos temporários, criado pelo Governo Federal para os agricultores e suas famílias vítimas da seca, para construção de açudes e estradas, onde cada trabalhador percebia a quantia de meio salário mínimo mensalmente.

esfera da subjetividade, do entendimento e do nível de conhecimento dos sujeitos envolvidos, além de seu nível de exigência e cultura. Pode-se dizer que a pobreza:

Pode ser estudada apenas do ponto de vista econômico ou incorporando aspectos não-econômicos à análise [...]. O conceito de pobreza é caracterizado como 'juízo de valor' quando se trata de uma visão subjetiva, abstrata, do indivíduo, acerca do que deveria ser um grau suficiente de satisfação de necessidades, ou do que deveria ser um nível de privação normalmente suportável (CRESPO e GUROVITZ, 2002: 2).

A renda per capita do município de Canindé é inferior a meio salário mínimo vigente no país, sendo este um indicador de pobreza³³. Nesta situação, encontram-se 73,3% da população de Canindé, incluindo-se neste percentual a população de Barra do Bento. Porém, a baixa renda per capita do município não serve de explicação para o aumento da desigualdade (BRASIL, 2011) (QUADRO 4).

QUADRO 4 - Percentual da Renda por Extrato da População de Canindé-CE.

Nível econômico	% de Renda apropriada
20 % mais pobres da população	0,5 %
73,3 % mais pobres da população	37 %
20% mais ricos da população	63 %

Fonte: PMC, 2013; BRASIL, 2013. Adaptado por Angela Quezado.

Segundo Schneider e Fialho (2000), no Brasil, atualmente, o valor do salário mínimo vigente no País é usado como parâmetro para medição de renda e como critério para se definir a linha de pobreza da população. Entende-se que os sujeitos que obtêm ganho aquém deste nível apresentam dificuldades aquisitivas para atender suas exigências básicas.

Estes autores esclarecem, ainda, a propósito da variável de renda empregada, que:

Nos estudos sobre pobreza que utilizam a variável renda, é usual se encontrar duas maneiras de medir o grau de desigualdade social. De um lado, há os autores que utilizam o salário mínimo como referência

³³ A pobreza é medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00 pessoa/mes (BRASIL, 2011).

para fixar uma linha de indigência, em que estão os domicílios cuja renda média do chefe alcança até um quarto (25%) do valor de um salário mínimo e uma linha de pobreza, em que estão os domicílios em que a renda média do chefe alcança meio (50%) salário mínimo (SCHNEIDER e FIALHO, 2000: 118).

Complementando, Rocha (2000) alinha-se ao pensamento de que, primeiramente, deve-se conhecer a capacidade de consumo da população, através dos valores dos itens da cesta básica de alimentos, para, em seguida, determinar a variável de renda desta população.

O nível de pobreza em que se encontra a comunidade de Barra do Bento se adequa ao texto de Andrade (2005), em seu livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, quando profere que, infelizmente, o Ministério do Trabalho no Nordeste só atua efetivamente nos centros populosos, sendo uma questão não resolvida, vivendo o trabalhador rural sem qualquer tipo de assistência, tal como na época anterior à revolução de 1930³⁴ e, deste modo, continua a se referir ao trabalhador rural nordestino ainda nos dias atuais: “Mal alimentados, mal vestidos e sem a menor educação ou assistência social, devorados pela verminose, pela malária e pela esquistossomose. Vivem à mercê da natureza” (ANDRADE, 2005: 25).

Deste modo, viviam os moradores da antiga Fazenda Atanázio, em condições de extrema pobreza³⁵, situação que no período de seca se agravava ainda mais. Parafraseando Andrade (2005), para que seja solucionado o problema da comunidade é necessário que se construam escolas, que se criem políticas públicas que proporcionem maior poder aquisitivo à população, com conseqüente melhoria de sua alimentação.

Com este pensamento, e acreditando que esta seria a solução para a Comunidade de Barra do Bento, a Igreja Batista Central (IBC) procurou conhecer a sua realidade e montou seu projeto de atendimento àquela população com propostas, não somente de bens materiais, mas também de assistência educacional e conscientização da necessidade de se cuidar do meio ambiente, bem como a aquisição de novos conhecimentos para manutenção da saúde da família.

³⁴ De acordo com a ‘História do Brasil’, foi a derrubada da República Velha por razões econômico financeiras; entre os propósitos da luta estavam a assistência no que concerne à produção e trabalho e à exportação dos produtos agrícolas.

³⁵ “Para levantar o número de brasileiros em extrema pobreza, o IBGE levou em consideração, além do rendimento, outras condições como a existência de banheiros nas casas, acesso à rede de esgoto, água e energia elétrica. [...] Os dados do Instituto apontam que os 16,267 milhões de brasileiros extremamente pobres estão concentrados principalmente na região Nordeste [...] sendo a maioria no campo (56,4%)” (BRASIL, 2011).

Em Barra do Bento, onde o solo é seco e pedregoso, com relevo formado, em sua maioria, por morros, a agricultura torna-se bastante difícil. A ausência de um açude para a população restringia, ainda mais, o plantio e a sobrevivência. Seus moradores conviviam com problemas ambientais como os desmatamentos e as queimadas para preparo do solo para o plantio, sendo necessária a adoção de novas práticas no uso da terra, com a adoção de melhores métodos de cultivo, mediante a orientação de um técnico que, no caso em questão, foi o agrônomo Sr. José Cleiton Nogueira.

Das trinta (30) casas dos habitantes de Barra do Bento, vinte e nove (29) eram construídas de taipa (FIG. 30), como a casa de Maria Rodrigues de Sousa, a “Pipia”, construída há mais de 70 anos. Durante o Projeto Barra do Bento, após a compra da fazenda, seis das antigas casas de taipa foram substituídas por casas de alvenaria.

FIGURA 30- Casa de taipa construída há mais de 70 anos na Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela, 2011.

Vale ressaltar que, na época da pesquisa, ainda continuava acontecendo construções de casas em alvenaria em substituição as antigas casa de taipa e chão batido³⁶, tendo sido observada a construção da casa em alvenaria para Maria

³⁶ Chão sem piso de cimento ou tijolo, apenas do próprio barro.

Rodrigues de Sousa, a “Pipia” – e “Pipia”, como é chamada por todos, diz em tom um tanto nostálgico: - “casa de minha infância e toda minha vida (entrevista em 30/08/2011).

Em entrevista de 08 de agosto de 2011, o morador Francisco de Sousa Ribeiro informou que, antes das intervenções da IBC, nenhuma das casas possuía banheiro e o mobiliário encontrado no interior das casas era de apenas uma mesa, algumas cadeiras feitas de madeira rústica com assento de couro de vaca, potes de barro para guardar água, um pilão e, para dormir, somente velhas redes de tecido grosseiro. As roupas eram guardadas em caixas de papelão – “a gente não tinha nenhuma ajuda, nem informação para melhorar nossa vida”.

Ficou evidente, através da pesquisa de campo, a precariedade das residências, visto que estas não possuem o básico necessário para uma vida digna, com paredes de pau-a-pique e cozinhas sem nenhuma estrutura e poucos utensílios, contando apenas com um fogão a lenha, um pilão e potes de barro³⁷ (FIGs. 31 e 32).

FIGURA 31 - Moradora da comunidade Barra do Bento pilando milho.



Autor: Quezado, Angela. (2011).

³⁷ Recipientes feitos em barro para guardar água, utilizados pela população mais carente no interior nordestino.

FIGURA 32 - Potes de barro para armazenamento de água para beber e cozinhar.



Autor: Quezado, Angela (2011).

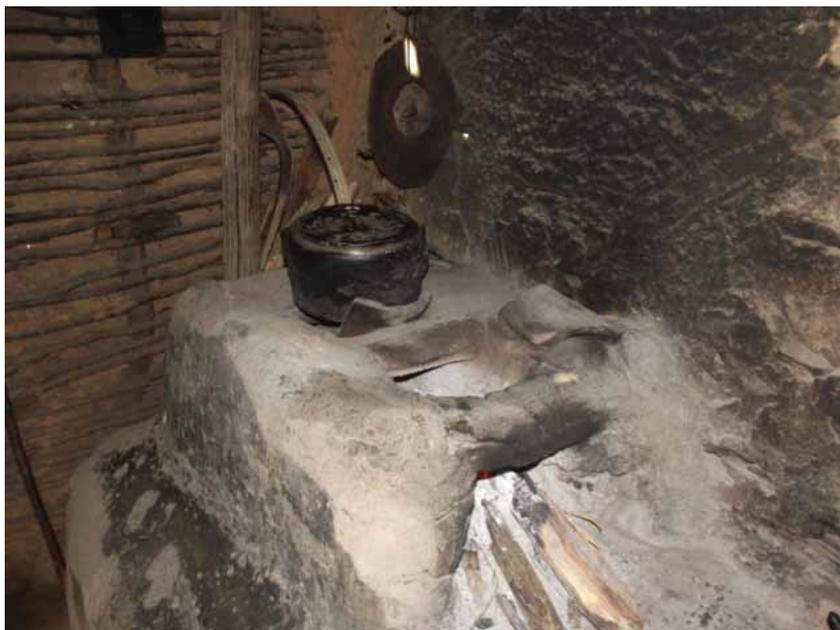
Pode-se compreender este diagnóstico das condições humanas observando a forma como cozinham em fogareiro a céu aberto (FIG. 33) ou em fogão a lenha (FIG. 34), no interior das residências.

FIGURA 33 - Fogareiro a céu aberto na comunidade Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2011).

FIGURA 34 - Fogão a lenha utilizado pelos moradores da Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2011).

É importante salientar que muitas pessoas da comunidade, apesar de, na atualidade, possuírem fogão a gás, continuam a cozinhar alguns alimentos desta maneira por necessidade de economizar, mas, principalmente, por uma questão cultural. Tal fato ficou evidenciado na fala de uma moradora – “a comida feita em fogão a lenha fica muito mais gostosa” (Raimunda Rodrigues de Sousa, a “Sandra”, entrevista em 08/08/2011).

De tudo que foi exposto, fica evidenciada a falta de compromisso dos que, fazendo o papel de representantes do povo junto ao Governo, nada oferecem de políticas públicas direcionadas a esta localidade. Sob este ponto de vista, concordamos com Saquet (2011), quando se refere aos agentes governamentais dizendo:

Os sujeitos do conhecimento precisam, cada vez mais, desafiar-se a produzir princípios e diretrizes-orientações políticas de transformação da realidade vigente, refletindo e fazendo - participando de processos de desenvolvimento territorial com mais justiça social, recuperação e preservação ambiental (SAQUET, 2011: 09).

Reafirmando o que já fora dito anteriormente, movidos pelo entendimento de que ali não se tinha a presença de investimentos por parte dos órgãos públicos, foi que os membros da IBC, participantes dos *rallys*, se engajaram no projeto Barra do Bento.

Na comunidade Barra do Bento, o comércio é inexistente e todas as demandas são supridas pelo comércio da sede do distrito de Monte Alegre ou de Canindé (sede do Município). A fonte de renda dos habitantes da comunidade de Barra do Bento é, basicamente, a aposentadoria rural e outros benefícios provindos de auxílio do Governo Federal, como bolsa família.

Atualmente, a agricultura é basicamente de subsistência, os plantios são preparados em pequenos roçados e as lavouras são sazonais. Quando chove são plantados milho, mandioca e feijão. De acordo com Candido (1982), o feijão, o milho, a mandioca e o gerimum já eram utilizados na alimentação dos índios que habitavam o Brasil. Todos estes alimentos possuem alto valor nutritivo, sendo esta a mais expressiva fonte alimentar do sertanejo da Barra do Bento.

A agricultura é executada de maneira tradicional e arcaica, com práticas e manejo de baixo ou nenhum uso da tecnologia, em contraste com a tecnologia de ponta e agricultura irrigada. São cultivados no quintal de algumas casas gerimum (abóbora) e tomate, apenas para o consumo doméstico. (FIG. 35 e 36).

FIGURA 35 - Gerimum plantado no quintal.



Autor: Quezado, Angela (2012).

FIGURA 36 - Tomates plantados no quintal



Autor: Quezado, Angela (2012)

Para comprar os alimentos, os moradores necessitam ir à sede do distrito de Monte Alegre ou a Canindé (sede). Em relato de vários habitantes, ficou claro que os alimentos industrializados, bem como os vegetais, na grande maioria, são comprados. Os moradores da Barra do Bento, porém, não dispensam a criação de porcos, galinhas - “para a mistura”³⁸, que é o item mais caro, sendo esta produção basicamente para consumo da família.

O deslocamento até Canindé, a fim de fazerem as compras, é feito por meio de moto ou do Caminhão “pau de arara”, que tem sua carroceria coberta por lona e com bancos de madeira fixos. Este serve para transportar pessoas e mercadorias, como alimentos, utensílios do lar e material de construção. Por ser um veículo maior, no entanto, não consegue chegar até Barra do Bento por falta de acesso adequado. Este transporte é oferecido uma única vez ao dia.

Durante a pesquisa, também foi observado que os nativos da Barra do Bento, além das dificuldades climáticas, portam hábitos e costumes equivocados no trato com a terra, advindos da transferência de saberes de gerações anteriores, com procedimentos prejudiciais ao solo, como as queimadas e plantação nas encostas dos morros. Estas práticas, ainda comuns hoje, mesmo com os ensinamentos técnicos recebidos (FIG. 37), prejudicam os resultados de seus trabalhos e causam o desmoronamento das encostas.

³⁸ Mistura – modo como se referem às carnes para alimento, que pode ser o peixe, o frango, as criações de pequeno porte ou mesmo a carne de boi.

FIGURA 37 - Plantação em encosta de morro na Barra do Bento.



Autor: Ferreira, Enéas Rente, 2011.

As adversidades climáticas e o solo inapropriado para o plantio tornam as terras da comunidade de Barra do Bento mais apropriadas à caprinocultura³⁹, por serem animais bem adaptados ao clima, relevo e condições ambientais da Caatinga, já que se alimentam da vegetação seca, galhos, e necessitam de pouca água para sua sobrevivência.

A criação de caprinos na Barra do Bento é feita em produção extensiva (FIG. 38). sendo esta de fácil manuseio para os sertanejos, devido às baixas condições econômicas dos criadores. Como vantagens, têm-se a utilização do leite para alimentação da família, a carne do abate e, com a venda do couro e dos próprios animais, há um complemento na renda familiar.

³⁹ A caprinocultura (criação de cabras e bodes) tem se destacado no agronegócio brasileiro, com rebanho estimado em 14 milhões de animais, colocando o Brasil em 18º lugar do ranking mundial de exportações. A criação de caprinos encontra-se em grande parte no Nordeste, com ênfase para Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí (BRASIL, 2013).

FIGURA 38 – Criação extensiva de caprinos na Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2011).

Há, também, a produção avícola e de suínos, que acontece em número bem mais reduzido, via de regra, para o consumo doméstico. São encontrados ainda, na comunidade, alguns espécimes do animal que é símbolo da resistência do semiárido às intempéries – o jumento (FIG. 39). Usado como meio de transporte e de carga, esse animal adequa-se ao ambiente hostil, sendo de grande utilidade para as comunidades distantes e pobres do interior cearense.

FIGURA 39 – Jumento – animal símbolo da região do Semiárido.



Autor: Quezado, Angela (2011).

Para este estudo, foi fator preponderante a compreensão da interação dos moradores da Barra do Bento com a natureza, suas relações sociais e suas relações de vizinhança. Nas comunidades rurais, mesmo nos dias atuais, com toda a individualização, as relações de vizinhança têm grande importância, sendo essencialmente importante conhecê-las. (MARTINS, 1981). Assim, “Na velha comunidade, a forma regular evitava tanto quanto possível, na ausência de limites – cercas, muros – as querelas de demarcação, as disputas e litígios!” (MARTINS, 19981:155).

Essa ausência de cercas, muros e qualquer outro tipo de demarcação entre as casas é observada na comunidade de Barra do Bento, e todos possuem o hábito de manter portas e janelas sempre abertas durante todo o dia. E nessa relação tão próxima entre vizinhos, tanto os utensílios são compartilhados com os que não os possuem, como os problemas são compartilhados com a comunidade, parecendo uma grande família.

Castro (2009) comenta essas relações sociais do homem do campo no convívio com a vizinhança e parentes, bem como no seu relacionamento com seu meio, afirmando que este homem não se imagina sozinho com sua família, sempre se sente incluído numa relação maior de parentesco, de vizinhança, territorialidade e alianças políticas, que o orientam a definir-se como parte de um grupo. E conclui que este homem: “Faz parte de um universo de valores que o inscreve como classe específica dentro de uma ordem social mais ampla” (CASTRO, 2009: 152).

Além destas estreitas relações sociais, materialmente, as casas na Barra do Bento são livres de qualquer forma de delimitação do terreno, exceto pequenos locais para criação doméstica (e antiquada) de porcos e galinhas (FIG.40).

FIGURA 40 - Cercado para criação de porcos em Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2011).

Na comunidade, ainda, essas relações de vizinhança são acentuadas pelos fortes laços familiares e de consanguinidade. Durante a pesquisa, observou-se que em Barra do Bento 80 % dos habitantes são de uma mesma família – a Família *Sousa* . São tias, primos, irmãos, pais e avós, que convivem e constituem uma grande família. A comunidade possui o aspecto familiar como forte característica do lugar.

Essas famílias vivenciaram e vivenciam constantemente um clima que os castiga e castiga, também, sua natureza (FIG. 41). Porém, hoje, com a possibilidade de dias melhores.

FIGURA 41 - “Pé do trabalhador” e o chão rachado do sertão no período de seca.



Autor: Beserra, Massimiliana (2008)

CAPÍTULO 3

AVE MARIA SERTANEJA

LUIZ GONZAGA

Quando batem as seis horas
de joelhos sobre o chão
O sertanejo reza a sua oração

Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz

Nesta hora bendita e santa
Devemos suplicar
A Virgem Imaculada
Os enfermos vir curar

Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz.

O Sertanejo Nordestino, em sua religiosidade de conformismo, como é descrito na letra de Luiz Gonzaga, não pede para que a Virgem Maria o livre do sofrimento, mas que lhe dê forças para suportá-lo.

3. RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NA COMUNIDADE DE BARRA DO BENTO

Para tratar do desenvolvimento de um povo, muitas vezes, faz-se necessário se abordar seus aspectos religiosos, especialmente no caso da comunidade da Barra do Bento. Um primeiro motivo é que essa comunidade está inserida em um dos principais polos de romaria católica do Brasil. Outra razão que torna difícil dissociar o aspecto religioso nessa pesquisa é o fato do processo de transformação ter sido iniciado por uma instituição religiosa, claramente intencionada na propagação de sua mensagem e “conversão” dos moradores do lugar, através da evangelização. Mesmo as intervenções estruturais ali realizadas são encaradas, em parte como uma ação de cidadania e em parte como uma “missão” cristã, as chamadas “obras”.

Num contexto mais amplo, pode-se afirmar que as religiões sempre foram parte importante na vida e nas decisões das pessoas, ao longo de sua história e da própria história da humanidade, moldando as sociedades e se deixando moldar por elas. Para responder às demandas sociais, então, novas religiões foram surgindo, estabelecendo novos hábitos e comportamentos.

Pode-se dizer que foi o que ocorreu no final da Idade Média, quando as respostas oferecidas pela Igreja Católica Apostólica Romana não mais satisfaziam parte da sociedade, especialmente a classe burguesa que surgia na Europa, que buscava maior poder e reconhecimento social. Foi então que, nessa efervescência social, cultural, política e econômica, características próprias do final da Idade Média e início da Idade Moderna, surgiu a reforma protestante, acompanhada do Iluminismo (razão no pensar) e Renascimento (especialmente nas artes, com a pintura de temas seculares e retratação de pessoas em detrimento dos temas sacros), rompendo com as estruturas medievais até então dominantes (HOORNAERT *et al.*, 1997).

O objetivo da religião protestante e de sua cultura, segundo Weber (2004), é estabelecer uma ordem moral, mas acaba por formar, mesmo quando sem intenção, também, uma nova ordem econômica. Weber (2004) demonstrou o quanto o espírito capitalista e as culturas dos povos da Alemanha e Inglaterra foram influenciadas pelo protestantismo, transformando a filosofia da luta ascética (desprendimento material e não valorização do corpo), propagada pela doutrina católica, num

saudável modo de encarar a vida terrena, em contraste com a eternidade, transformando o comportamento econômico, que passou a ser encarado de maneira racional.

As igrejas protestantes possuem características específicas que as diferem da Igreja Católica, essencialmente por não possuírem uma grande liderança centralizada, como a figura do Papa. Este foi um dos principais pontos para a cisão da igreja alemã com a Igreja Romana, ainda no século XV, gerando as diversas iniciativas protestantes. “Protestante” decorre do protesto contra as resoluções da ordem eclesiástica da época, especialmente o conteúdo das chamadas Bulas Papais⁴⁰.

Uma das principais Bulas Papais questionadas pelo iniciador da Reforma Protestante, Martinho Lutero, foi a que se refere às indulgências. O documento afirmava que os fiéis poderiam pagar pelo perdão dos pecados para si ou para outrem, incluindo já falecidos. Martinho Lutero considerava o “comércio da fé” e defendia que o perdão do pecado poderia ser conquistado através da confissão dos pecados e do sacrifício de Cristo e não através do pagamento de indulgências (POLACK, 1931).

A partir deste momento, surgiram denominações históricas como os Luteranos, Anglicanos, Presbiterianos, Batistas e Metodistas. Existem outras correntes atuais que derivam dessas denominações, e que apresentam divergências e práticas diferentes entre si (POLACK, 1931). Desse modo, pode-se afirmar que não existe uma igreja protestante ou evangélica única e centralizada.

A igreja romana na Europa, nesta época, passava por um processo de enfraquecimento, devido aos protestos liderados por Martinho Lutero⁴¹ – a Reforma Luterana. A vinda da Igreja Católica para as Américas, o chamado Novo Mundo, foi então uma estratégia usada para ampliar seus poderes nas novas terras, com a catequese dos gentios (HOORNAERT et al., 1997). Neste mesmo século, o Brasil estava sendo “descoberto” e iniciava-se sua colonização, com a forte presença da Igreja Católica, que exercia grande influência sobre a monarquia portuguesa. Assim,

⁴⁰ consistem em entendimentos e ordenanças emitidas pelo Papa a respeito de diversos assuntos. Tais entendimentos ou ordenanças são considerados regras de fé e prática e devem ser admitidas e seguidas por seus fiéis e clérigos (POLACK 1931).

⁴¹ Ordenado a padre pela Igreja Católica (1483), porém, excomungado em 1507 por possuir ideias contrárias às pregadas pela igreja, assim, foram criadas as primeiras Igrejas Luteranas – as chamadas igrejas protestantes.

sob as ordens jesuítas portuguesas, aconteceu a catequização dos nativos brasileiros, que teve início em 1549.

Deste modo, teve início o processo de conversão dos indígenas à fé cristã, mais precisamente conversão ao catolicismo. Vale salientar que, da união desta 'nova' religião com as crenças indígenas, por muitos não abandonadas por completo, nasceu a Macumba, com seus "caboclos" (OLIVEIRA, 2007).

No século XVII, chegou ao Recife/Pernambuco o judaísmo, pois, com a Inquisição europeia, os judeus foram obrigados a se refugiar em outros países, dentre eles o Brasil. (HOORNAERT *et al.*, 1997).

Já a Igreja Batista teve sua origem na Inglaterra, surgida ainda no século XVI. Espalhou-se por vários países, fixando-se principalmente nos Estados Unidos da América. Chegou ao Brasil por volta do ano de 1865, através de pessoas buscando terras férteis, com potencial agrícola e de baixo custo (POLACK, 1931).

No Brasil, posteriormente, com a vinda dos negros africanos das colônias portuguesas para o trabalho escravo, nas fazendas de lavoura canavieira no Nordeste e cafeeira no Sudeste, nasceu o candomblé, de uma mistura entre o sincretismo⁴² dos povos africanos e a crença nos santos católicos (OLIVEIRA, 2007). Nesse mesmo sentido Prandi (2008: 156) afirma que, a cultura religiosa no Brasil se destaca por possuir uma rica contribuição de religiões de origem africana, formando um relevante sincretismo afro-católico.

Em meados do século XIX, o espiritismo (ou kardecismo), sob influência francesa, chegou ao Brasil. Tendo se iniciado nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, logo se difundindo por todo o país (OLIVEIRA, 2007). Logo após, na primeira década do século XX, por fim, chegaram ao Brasil as primeiras Igrejas da Congregação Cristã e Assembleia de Deus.

Hoje existem diversas igrejas batistas independentes, não filiadas a nenhuma outra instituição. A Igreja Batista Central de Fortaleza é uma dessas Igrejas independentes, que não recebe diretrizes de nenhuma outra liderança, exceto de sua liderança máxima, o pastor-presidente da própria Igreja. Tal liderança é escolhida bienalmente através de assembleia geral com os membros da igreja.

Os Estados Unidos da América, país com predominância protestante, representou um dos principais difusores da religião evangélica no mundo. Assim, no

⁴² É a junção de diversas doutrinas religiosas, porém, conservando sua linha de origem.

ano de 1955, a Igreja Batista Central de Fortaleza foi idealizada por missionários americanos no estado do Ceará e fundada, oficialmente, no dia 7 de setembro de 1959. A organização surgiu com o intuito de propagar sua fé aos habitantes da cidade de Fortaleza (IBC, 2011).

Em 1982, após um mestrado em Teologia nos Estados Unidos⁴³, Armando Bispo da Cruz foi convidado a pastorear a pequena igreja em Fortaleza. Em 1983, Armando Bispo assumiu o pastorado da IBC. Nesta data, a congregação se reunia na primeira sede da IBC, um pequeno local no bairro da Aldeota, em Fortaleza-CE.

Nos anos seguintes, a igreja chegou a se reunir no salão de eventos de um Hotel em Fortaleza. Nesse local, muitos universitários e empresários passaram a frequentar os cultos, contribuindo para a formação do atual perfil da instituição. Em vista da necessidade de reunir-se em local mais amplo e definitivo, em 1998 a IBC adquiriu uma propriedade - "Campus Pedras", com 240 mil metros quadrados.

No final de 2002, a partir de um projeto inovador produzido por engenheiros e arquitetos, membros da Igreja, iniciou-se a construção inédita de uma tenda com 5.000 m² de área livre, constituída de lona de PVC tencionada, com tecnologia alemã e tempo de vida útil de mais de 30 anos, edificada próximo à Br 116, km13 (FIG. 42).

FIGURA 42 - Tenda da Igreja Batista Central



Fonte: IBC, 2011.

⁴³ Mestrado em Teologia no Grand Rapids Baptist Seminary/ Cornerstone University, EUA. Ver: <http://www.cornerstone.edu/grts>

A Igreja Batista Central possui cerca de 4 mil membros e sua estrutura é organizada em ministérios, que funcionam em forma de departamentos, em sua maioria através do voluntariado (IBC, 2011). Um desses é o ministério de Ação Social, chamado de Alcance Social, que organiza e administra diversas iniciativas de cunho filantrópico e assistencial, e nele está inserido o Projeto Barra do Bento. Esse projeto, de acordo com arquivos da IBC (2011), surgiu da intenção de ajudar mais relevantemente comunidades que estivessem sofrendo os efeitos da seca de 1998, que assolou o Nordeste do Brasil.

3.1 Religião e Dinâmica do Espaço Social

O Brasil é um Estado oficialmente laico, embora possua diversas religiões e povo muito religioso. Cabe salientar que a crença religiosa é uma demanda de foro íntimo. Assim, com tantas opções religiosas e promessas de prosperidade, tornou-se grande a rotatividade de fiéis de uma religião para outra. Devido aos diversos apelos e ofertas, na atualidade, pode-se afirmar que as estatísticas sobre a religião da população não são permanentes, uma vez que tais conversões são variáveis no espaço das religiões, sendo este dinâmico como o próprio espaço social.

A despeito desse processo de alternância religiosa, segundo o IBGE (2010), a população católica no Brasil corresponde a 64,6% do total dos que professam uma religião, enquanto que a população evangélica corresponde a 22,2%. Ao longo das últimas três décadas, o número de evangélicos passou de 6,6% para 22,2% da população (IBGE, 2010), sendo a religião que mais ganhou adeptos no Brasil.

Prandi (2008) salienta que a religião, na atualidade, apesar da facilidade de difusão, tem menor poder de imposição do que em tempos passados, sendo a conquista feita de indivíduo a indivíduo. Ainda assim, por lidar com a subjetividade, a religião exerce forte influência sobre a conduta do indivíduo, possuindo certo domínio sobre a cultura do povo (SANTOS,1999).

Para Chauí (1982), a religião resguarda valores éticos e cosmológicos de um determinado povo. Tal pensamento se completa com Damatta (1986), que diz ser a religião um guia de conduta de comportamento, linha de pensamento, e tudo que diga respeito ao grupo e ao seu mundo, sendo, portanto, forte influenciador e um indicador da cultura de um povo.

Esse fato se confirma na entrevista de um sertanejo, vítima da seca, à revista ISTO É. Eis um trecho da reportagem:

[...], o agricultor Francisco Euzébio Pereira, 55 anos e pai de seis filhos, conta que, na região, ninguém ganha nem cinquenta centavos há quatro meses. 'O feijãozinho que a gente plantou morreu logo. Vivemos escapando da morte e só Deus sabe o que será de nós', conforma-se (ISTOÉ, 2001).

Mais adiante, referindo-se à comunidade Barra do Bento, diz a reportagem: "Na comunidade Barra do Bento, Roque de Souza, 50 anos e cinco filhos, também sobrevive "graças à misericórdia de Deus", segundo suas palavras." "A gente come farinha seca com água e vai dormir; Não tem outro jeito", afirma resignado (ISTO É, 2001).

Alienados das verdadeiras causas do problema, estes e outros moradores da Barra do Bento seguem a vida acreditando que "o seu Deus" valoriza o homem resignado ao sofrimento, que tudo suporta sem reclamar, pois esse é o seu destino e obrigação. Isso é explicado por Santos (1999), que defende que esse poder religioso pode tanto levar as pessoas a se envolverem em temas sociais a favor da população, como alienar seus seguidores em relação às desordens políticas ou às discrepantes desigualdades sociais. Tais depoimentos mostram esta conformação e a resignação do sertanejo pobre e humilde, desconhecedor de seus direitos sociais, alienado, muitas vezes, por uma religiosidade que o induz a crer que a pobreza e o sofrimento são virtudes diante do "seu Deus" e que isso lhe trará recompensas, se não nesse espaço geográfico que habita, mas no espaço celestial.

Ainda na visão de Prandi (2008), as religiões interferem na maneira do indivíduo ver o mundo, alterando valores, costumes e norteados comportamento. Para Durham (2003: 231), é também a cultura que indica o caminho para esse processo e dá "significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana". Segundo os estudiosos, religião e cultura de um povo andam muito próximas, apesar das crises contemporâneas. Bauab (2005: 25), citando Santo Agostinho que em suas orações dizia a Deus: "vós criastes o homem à vossa imagem e contudo ele, desde a cabeça aos pés, está contido no espaço".

Reportando-se ao uso do espaço geográfico, é essencial que este homem possua o espaço de existência, o seu espaço de convívio social. Como assevera

Alberto P. Santos (2002:23):

[...] o espaço geográfico pode ser construído, sempre pelo homem, com inúmeras finalidades, assim, o trabalho humano constrói múltiplos espaços que, de acordo com as finalidades para as quais foram construídos, são marcados por traços, detalhes, enfim, por signos que denotam as finalidades ou funções a eles pertinentes.

O espaço possui coerência com suas funções, atendendo aos diferentes intentos estabelecidos pelo sujeito – espaço do lazer, espaço da saúde, espaço da família, espaço da religião e tantos mais quanto o homem julgue necessário. E reforça o referido autor (2002: 24): “Assim, na totalidade do espaço geográfico imbricam-se e articulam-se múltiplos espaços sociais”.

Destarte, no espaço geográfico inclui-se o espaço da religião, uma vez que este abrange uma dimensão geográfica com “categorias geográficas” como população e território. Nessa conjuntura, há uma dinâmica ativa entre o espaço visível e concreto - território religioso composto dos lugares sagrados: igrejas, centros espíritas e outros - e o espaço invisível e subjetivo do imaginário (OLIVEIRA, 2007).

No Brasil, a dinâmica do espaço religioso é ativa e diversificada, havendo um verdadeiro sincretismo religioso, como reflexo das modificações do espaço social no país.

Até 1889⁴⁴, no Brasil, havia grande perseguição às demais religiões que não fossem a católica, e só a partir de então a liberdade de credo religioso passou a ser admitida (OLIVEIRA, 2007). Porém, até meados do século XX, de modo mais velado, ainda existia esse preconceito. Depois dessa data, o espaço religioso brasileiro passou por grandes alterações, pois, segundo Alberto P. Santos (2002: 28), “É possível considerar que as transformações do espaço religioso vêm acompanhando, relativamente, a mesma dinâmica do espaço social brasileiro”.

Atualmente, com todas as mudanças ocorridas, o povo brasileiro, possuidor de grande religiosidade, divide-se numa heterogeneidade de religiões e credos, e “no limiar do século XXI a dinâmica do espaço religioso é veloz e diversificada” (op. cit., 2002: 28). Todas elas fazem a mesma promessa, de indicar os caminhos que cheguem a Deus e ao Céu, valendo-se de estratégias diversas, à cata de novos fiéis

⁴⁴ O catolicismo era a religião oficial do Império brasileiro, em 1889. Como consequência da Proclamação da República, foi criada a Constituição Brasileira (1891) e com ela a Igreja Católica foi desmembrada do Estado. (OLIVEIRA. J. H. M., 2007).

para, assim, ampliarem seu espaço na sociedade (SILVA, 2012b).

A expansão do espaço religioso se dá por meio da conquista destes novos convertidos⁴⁵. Mais fiéis significa mais espaço social e, conseqüentemente, mais poder religioso, econômico e político. Assim, na atualidade, há uma grande disputa entre as denominações religiosas na “caça” a novos adeptos, tendo como principal motivação a ampliação de seu espaço religioso-social-político-econômico, havendo entre estes e o número de fiéis uma real proporcionalidade (SILVA, 2012b).

Para Gil Filho (2007), o espaço sagrado pode ser compreendido entre o espaço sensível de expressões e o espaço das representações, o âmbito religioso se faz como materialidade imediata das coisas e práticas religiosas e as suas representações.

Embora a religião seja fator considerado importante, cabe destacar-se que a situação de miséria vivida pela Comunidade da Barra do Bento é a mesma vivida por outras centenas de populações no nordeste e no Brasil, e isso está vinculado à fatores históricos, econômicos e políticos, principalmente, e não ao seu exercício religioso.

Assim, o fator de desenvolvimento de um povo não está necessariamente vinculado com a religiosidade exercida por ele, seja esse povo Católico ou Evangélico, por exemplo, não tendo sido a religião o fator de ignição do desenvolvimento dessa comunidade, mas, sim, a intervenção direta de um grupo social interessado em favorecer o desenvolvimento da comunidade Barra do Bento.

3.2 Igreja Batista Central e sua Atuação na Comunidade Barra do Bento

Por volta de 1998, a Igreja Batista Central de Fortaleza, através do seu Ministério Alcance Social⁴⁶, diante do cenário desolador da seca que atingia o sertão do Ceará, resolveu participar de uma forma mais efetiva junto às populações interioranas afetadas, intentando ir além das cestas básicas já doadas por diversas instituições, e tendo uma participação social e evangelizadora mais determinante junto às comunidades afetadas.

⁴⁵ Convertido: aquele que se converte, que se transformou em outra coisa, ou que adquiriu nova forma, ou que passou a outro estado. Que mudou de crença, religião, opinião etc.

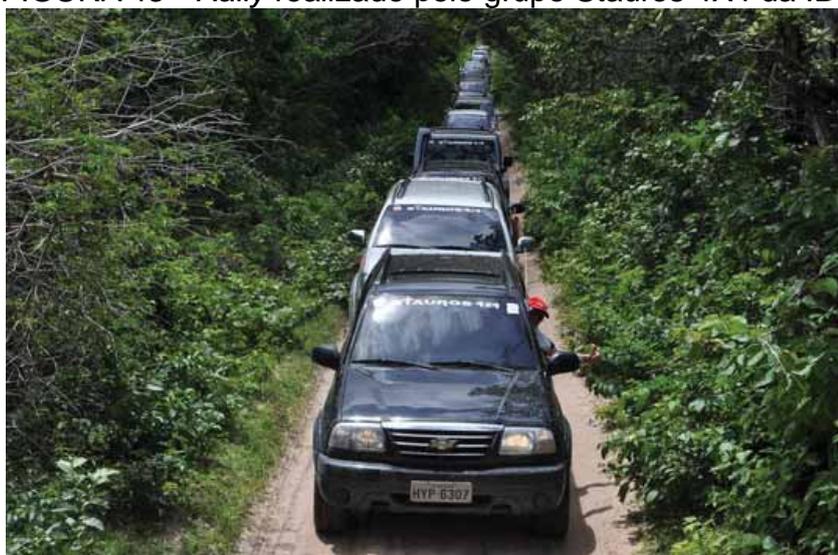
⁴⁶ Ministério Alcance Social da IBC visa disseminar apoio e sustentáculo às comunidades carentes e pessoas em circunstância de vulnerabilidade e risco social (IBC, 2012).

Segundo depoimento do Sr. José Cleiton Nogueira⁴⁷, surgiu assim o interesse em ajudar alguma comunidade a minimizar suas lutas e flagelos. O trabalho junto à comunidade visava desenvolver seus aspectos físicos e ambientais, orientando os moradores em relação ao desenvolvimento da terra; à extinção de práticas degradante ao meio ambiente, como, por exemplo, as queimadas no preparo do solo para o plantio; à adoção de melhores métodos de cultivo através do ensino e orientações técnicas. Visava, igualmente, oferecer assistência física e psicológica, educação, higiene e nutrição, buscando a melhoria da qualidade de vida da população a ser escolhida e, conseqüentemente, a elevação de sua autoestima e o resgate da dignidade humana.

Com esse objetivo, o ministério de Ação Social da IBC buscou, junto à Secretaria de Desenvolvimento Agrário do governo do Estado do Ceará, informações sobre as localidades mais assoladas pela seca, que estivessem com grande carência de recursos hídricos, econômicos, entre outros. A partir dessas informações, tomou-se ciência de que uma das localidades mais carentes do Estado e que não recebera qualquer assistência governamental era a Comunidade de Barra do Bento, pertencente ao município de Canindé.

A partir deste momento, 1998, membros da IBC passaram a fazer contatos com membros da comunidade, iniciando-se as visitas através de grupos de *rally* da IBC que iam até a comunidade averiguar suas necessidades (FIG. 43).

FIGURA 43 - *Rally* realizado pelo grupo Stauros 4X4 da IBC.



Fonte: IBC, 2011.

⁴⁷ José Cleiton Nogueira é formado em Agronomia, membro da IBC e integrante do Ministério de Ações Sociais.

Um grande *rally* foi organizado para chegar até o local, pois somente carros 4x4 conseguem ter acesso à comunidade, através de uma estrada íngreme e acidentada e, alguns locais, somente motos conseguem atingir.

A Igreja Batista Central interveio de várias formas. Inicialmente, em caráter emergencial, levou “cestas básicas” de alimentos e assistência médica e odontológica à população. Também foram doados remédios aos doentes, brinquedos, roupas, sapatos e até mesmo água potável, através dos “carros-pipa”, caminhões de abastecimento de água.

Essas visitas aconteceram semanalmente durante os seis primeiros anos, e posteriormente com visitas do Sr. José Cleiton Nogueira e, esporadicamente, de outros membros da IBC. Logo nas primeiras visitas dos voluntários⁴⁸ da IBC à Barra do Bento, houve uma aproximação natural entre o morador Raimundo Rodrigues de Sousa e a liderança do projeto social da IBC, sendo este um dos primeiros membros da comunidade a se “converter”, filiando-se à Igreja e tornando-se colaborador no projeto Barra do Bento.

Possuindo naturalmente papel de líder frente à comunidade, passou a representar um elo de ligação entre a instituição IBC e os habitantes da Barra do Bento. É importante salientar que Raimundo Rodrigues de Sousa é o único adulto da comunidade Barra do Bento que sabe ler e escrever⁴⁹, mesmo que deficientemente.

A IBC fundou a Igreja Batista da Barra do Bento e preparou Raimundo Rodrigues de Sousa para exercer a função de pastor⁵⁰. Sua liderança era reconhecida por grande parte da comunidade, no entanto, alguns rejeitaram tal liderança, movidos por suas fortes tradições católicas e por conflitos familiares naturais, muitas vezes posteriores à chegada da Igreja. Existe um ditado muito conhecido no sertão nordestino que diz: “Santo de casa não obra milagre”. Esse ditado poderia explicar muito bem o dilema enfrentado por Raimundo no exercício de sua liderança e autoridade religiosa perante sua comunidade.

Motivado por estes conflitos, Raimundo mudou sua residência para Canindé, ficando a comunidade sem uma liderança. Posteriormente, sem o surgimento de uma nova liderança na comunidade e solicitado por moradores e pela IBC, retornou a

⁴⁸ Os voluntários são membros da IBC que, tomando conhecimento do projeto Barra do Bento, se interessaram em ir a Barra do Bento auxiliar em diversos setores, de acordo com sua disponibilidade e conhecimento. As visitas e atividades obedeciam e respeitavam um cronograma previamente elaborado. Ver www.stauros4x4.org.br

⁴⁹ Sem contar com as crianças e adolescentes que estudam atualmente.

⁵⁰ Raimundo Rodrigues de Sousa foi preparado pela IBC e até a data da pesquisa continuava sendo orientado e recebendo ajuda financeira mensal da IBC, no valor de um salário mínimo.

Barra do Bento, onde exerce, até a data da pesquisa, a função de pastor.

Durante o mês de julho de 2002, foram realizadas diversas viagens com grupos de voluntários à comunidade da Barra do Bento. Cada grupo permanecia durante uma semana, sendo formado por estudantes, enfermeiros, médicos, odontólogos, psicólogos, pedagogos, cabelereiros, nutricionistas, dentre outros. No total, foram 4 semanas, com 20 membros da IBC tendo visitado a comunidade durante todo o mês de julho de 2002 (Voluntário C. G. B., entrevista concedida em 08 de agosto de 2011).

Durante o dia, conversavam sobre os diversos problemas que afligiam a população, eram realizadas consultas médicas e odontológicas, orientação sobre higiene, planejamento familiar, cuidados com a criança e programações com teatro de bonecos para as crianças. Voluntárias também participavam em atividades pedagógicas com as crianças (FIG. 44) e pintura das paredes do prédio que funciona como Igreja e Escola da Barra do Bento (FIG.45).

FIGURA 44 - Voluntárias da IBC em atividades pedagógicas com as crianças.



Fonte: IBC, 2011.

FIGURA 45 – Voluntárias pintando as paredes do prédio da escola e igreja.



Fonte: IBC, 2011.

À noite aconteciam os cultos, para os quais eram convidados todos os habitantes da comunidade. Muitos cultos foram realizados defronte à casa de Maria Rodrigues de Sousa - “Pipia”, mulher de grande credibilidade na comunidade, tia de Raimundo. Na ocasião, muitos habitantes afirmaram publicamente a intenção de um compromisso com Deus, conforme informações de um dos voluntários que esteve presente na comunidade em julho de 2002.

Sobre este período, um dos membros da Igreja Batista Central de Fortaleza, C. G. B., na época com 17 anos, comenta:

Foi um período de muitas experiências novas. Eu venho de uma família de classe média, costumava estar sempre conectado na internet e tinha acabado de prestar vestibular. De repente, ao chegar a uma comunidade isolada, sem água acessível, sem energia, sem nada. Nada de tv ou computador! A vida lá passava mais devagar, arrastada. Mas o sol era castigante e as caminhadas para qualquer coisa que quiséssemos eram duras. Para buscar água se andava muito, para se ir visitar alguém subia-se e descia-se muitos morros. Quando queríamos falar com parentes, andávamos 5 quilômetros para o telefone público mais próximo. Nem sinal de celular pegava lá Mas, foi um período de grande crescimento pessoal e acredito que fizemos tanto bem a nós mesmos quanto àquelas pessoas que tentamos ajudar de diversas formas. Muitas iniciativas estruturais foram feitas na comunidade, mas acho que a maior delas foi a atenção que ninguém dirigia a essas pessoas e que eles tiveram a partir de atitudes nossas. A conversão não é só um processo espiritual, mas uma transformação da própria terra. De nada adiantava levarmos a palavra de Deus se eles não percebessem

amor em nossos gestos. E amor é primeiramente matar a fome e a sede e dar estrutura para que eles vivam dignamente. Respeitamos como pessoas e mesmo com diferenças culturais mantivemos estreitos laços de amizade (Entrevista em: 20/08/2011).

Os voluntários, após um final de semana de trabalhos e serviços, seguiam a pé até o ônibus que os conduzia a Fortaleza, pois carros de grande porte, como ônibus, não chegam a Barra do Bento (FIG. 46). As visitas dos grupos de voluntários se seguiram até o ano de 2010 e, durante essas visitas, obras estruturantes foram planejadas e executadas, como a construção do açude em 2007/2008.

FIGURA 46 - Multirão de voluntários na Comunidade de Barra do Bento.



Fonte: IBC, 2011.

Conforme o relato do voluntário C.G.B., a IBC tentou realizar suas ações de maneira não impositiva, mas através da satisfação das necessidades básicas da população carente da comunidade. Embora de um lado se tenham pessoas bem intencionadas, é válido questionar se essa postura também não foi recebida com certa estranheza e desconfiança, fato observado em alguns moradores, que demonstravam não entender o que jovens e adultos “de boas condições” queriam com gente lá do “fim do mundo”, conforme depoimento de C. G. B. em entrevista em 20/08/2011.

Os voluntários, levados pela comoção diante da situação de penúria daquele povo, ao retornarem começaram a se mobilizar em prol daquela comunidade, na

tentativa de arrecadar recursos financeiros para a compra da fazenda Atanázio, onde se inseria a maior parte das casas da comunidade de Barra do Bento, porém não lograram êxito (C. G. B, entrevista concedida em: 20/08/2011).

Assim, a fazenda que pertencia ao espólio da família Fenelon foi comprada com recursos próprios do voluntário José Cleiton Nogueira (como já dito anteriormente), através de recibo do representante da família, o Sr. José Fenelon, ao valor de R\$ 18.000,00, no ano de 2003. José Cleiton Nogueira decidiu passar metade das terras a título de posse a alguns moradores, em termos de usufruto - "Isto em acordo verbal até que seja regularizada a documentação da fazenda, por estarem ainda em processo de legalização, pois a propriedade não possuía qualquer escritura legalizada" (Entrevista obtida em 08/08/2011).

A propriedade da terra é um ponto bastante sensível, já que devem ser criados mecanismos para garantir o uso igualitário da terra por todos, para que não surjam iniciativas de exploração ou dominação de nenhum membro da comunidade sobre outro. Para tanto, a IBC se empenhou em passar orientações sobre o uso igualitário e consciente da terra por todos, através de seus voluntários, bem como informações técnicas sobre o plantio correto e cultura sustentável, orientações sobre topografia e conservação do solo, dentre outros (José Cleiton Nogueira, entrevista em: 08/08/2011).

O entrevistado ainda ressalta que, por uma questão de sobrevivência, muitos são levados a ações prejudiciais ao meio ambiente, e acrescentando, justifica:

[...] alguns moradores criam caprinos soltos pela propriedade e outros tiram madeira (jurema preta) para queimar e fazer carvão, muito utilizados nas propriedades rurais. São ações danosas ao meio ambiente, mas, é uma forma de sobrevivência. Pois, se assim não for, a fome aperta e, quando acaba tudo em casa, o líder da família é obrigado a se deslocar para a sede de Canindé, na tentativa de conseguir ajuda de algum parentado ou de terceiros. Tudo isso é uma difícil questão, é necessário que eles passem por um processo de educação ambiental e conscientização da problemática (José Cleiton Nogueira, em entrevista concedida em 08/08/2011).

Esta conscientização leva o homem ao entendimento sobre a necessidade de cuidar e proteger o meio ambiente, num convívio harmonioso, portanto, uma ação que resulta numa constante e saudável troca entre o homem e seu meio. Segundo Masson (2004), a educação ambiental é um instrumento que dá ao homem a

compreensão da necessidade de preservação do ambiente e, somente uma relação consciente entre o homem e seu meio os reaproxima, oferecendo melhores condições de vida para todos.

3.3 Projetos Executados pela IBC e Poder Público na Comunidade Barra do Bento

Segundo afirma o Sr. José Cleiton Nogueira, a intenção da IBC, através desses projetos, foi “buscar a melhoria na qualidade de vida dos habitantes da Barra do Bento e a auto-sustentabilidade da comunidade, de forma a não necessitar do assistencialismo de terceiros” (entrevista em 20/08/ 2011).

Foram elaborados, inclusive, projetos de desenvolvimento sustentável para a comunidade, a partir da iniciativa de membros da IBC. Temos o exemplo da pesquisadora Marise Tissiane Parente Carneiro Adeodato, hoje residente em Calgary, no Canadá. Ela é doutora em arquitetura e urbanismo pela USP e desenvolveu pesquisas na comunidade de Barra do Bento, tendo iniciado seu interesse através do projeto da IBC, da qual era membro. Desenvolveu um projeto para a comunidade que foi relatado em artigo publicado no III ENECS - Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, no Paraná:

A idéia é de criação de infra-estrutura ecológica, propondo-se a utilização de energias alternativas, como a solar (nas edificações) e eólica (cataventos). Haverá uma cisterna coletiva, armazenando a água das chuvas para reserva e para evitar o desperdício, e uma caixa d'água para o abastecimento das residências. Propõe-se ainda um sistema de tratamento e reúso das águas servidas, onde deverão ser tratadas e reutilizadas nos jardins, como também reciclagem dos resíduos produzidos na comunidade Barra do Bento, em Canindé (ADEODATO E LIMA, 2003).

Adeodato e Lima (2003) desenvolveram um trabalho de pesquisa sobre a comunidade, apresentando a proposta de um projeto-piloto, de planejamento espacial (arquitetônico) e socioeconômico, para uma comunidade rural sustentável no sertão nordestino, a partir da Barra do Bento, visando assentamento das 30 famílias, com a criação de infraestrutura necessária à vida, nas áreas de habitação, educação, saúde, lazer, saneamento e projetos produtivos.

O projeto que idealizou uma vila sustentável e em harmonia com a natureza local previa o aproveitamento da água, da luz do sol e dos ventos, inclusive a

reutilização da água. Segundo Adeodato e Lima (2003), o projeto seria criado “observando-se para isso conhecimentos e práticas que privilegiam a sustentabilidade como a permacultura⁵¹, com agricultura orgânica, bioarquitetura, energias alternativas e outros” (FIG. 47).

FIGURA 47 – Projeto de vila rural para a Barra do Bento, elaborado no ano de 2001.



Fonte: Adeodato e Lima (2003).

Um ponto importante que merece ser debatido sobre o trabalho dos pesquisadores é quanto à participação da comunidade na elaboração desse projeto. Embora haja boa intenção dos idealizadores, muitas vezes as interferências externas ocorrem alienadas das reais motivações, interesses e características próprias dos lugares e pessoas. Por isso há necessidade de profundo conhecimento e interação com as comunidades para a elaboração de projetos para comunidades como a Barra do Bento. Só assim projetos de pesquisa saem das fronteiras acadêmicas para uma aplicação real e relevante.

Segundo Adeodato e Lima (2003), resta a expectativa de que o empenho investido nesse trabalho venha a ser, se não concretizado como projeto, ao menos,

⁵¹ Método holístico de planejamento de vilas, comunidades, aldeias de modo autosustentável e com justiça social.

como um esforço acadêmico e didático para mostrar novas perspectivas a serem consideradas para o futuro, na produção de um ambiente mais digno e sustentável para todos, mesmo no sertão semiárido nordestino.

Adeodato e Lima (2003) concluíram a pesquisa afirmando que:

Encontra-se, portanto, no meio rural um campo de desafios férteis e ávidos por soluções e propostas que venham a interferir positivamente na vida do homem do campo e na organização do seu espaço. A criação de um ecossistema projetado, buscando relacionar homem e natureza de forma harmônica e integrada, no contexto do semi-árido Nordeste, foi o desafio principal enfrentado na elaboração da Proposta de Reassentamento da Comunidade (ADEODATO E LIMA, 2003).

Apenas alguns elementos abordados nesse projeto-piloto foram realizados na Barra do Bento, porém, bem distante do que fora idealizado pela pesquisadora.

Outros projetos foram efetivamente realizados na comunidade, ao longo dos anos. Alguns dos mais importantes, mediante a ação da IBC e com apoio do poder público, foram os seguintes: escavação do poço amazonas à beira do riacho intermitente que atravessa a comunidade; distribuição de sementes de milho e feijão no pré-inverno; melhoria na via de acesso à comunidade; construção da Igreja; construção de casas em alvenaria, com a instalação de banheiros adequados, em substituição às antigas casas de taipa; construção de uma central de tratamento de água; construção de uma caixa d'água para abastecimento das casas.

Cabe aqui ressaltar que, durante o período em que durou a pesquisa, aconteceu a execução do projeto de instalação da água encanada para as residências de toda a comunidade.

Outras intervenções realizadas na Barra do Bento, com a colaboração do poder público, foram: construção do açude (2007/2008); construção de cisternas para coleta de água da chuva; instalação de postes e distribuição de energia elétrica para todas as casas; disponibilização de professores pela Prefeitura de Canindé; instalação de telefone público no ano de 2010.

A construção do açude na fazenda Atanázio (FIG. 48) foi uma das iniciativas de vital importância, planejada por membros da IBC, os quais, após concluído o projeto, buscaram representantes do Governo do Estado e conseguiram sensibilizá-los da grande necessidade daquela comunidade, alcançando assim seu intento.

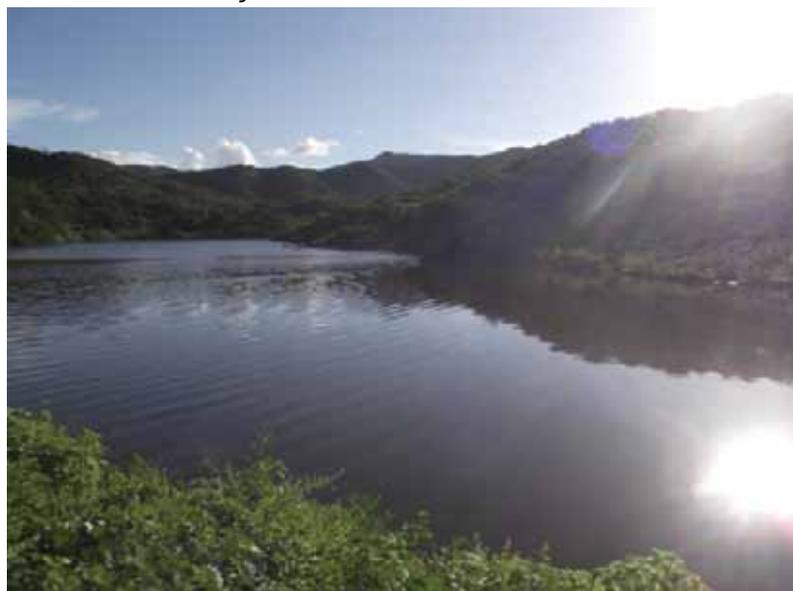
FIGURA 48 – Açude durante construção, iniciativa da IBC/apoio Governo do Estado.



Autor: Gutiérrez Jataí (2008)

O estudo de solo, a escolha de localização específica, o projeto de construção do açude, foram feitos por José Cleiton Nogueira, agrônomo e voluntário da IBC. A construção do açude se deu em tempo recorde - 3 meses - de dezembro de 2007 a fevereiro de 2008 (FIG. 49). Segundo o coordenador do Projeto Barra do Bento, o projeto de construção do açude iria custar, inicialmente, acima de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), se entrasse no orçamento e planejamento do Governo do Estado. Entretanto, seguido o projeto proposto pela IBC, custou aos cofres públicos pouco mais de R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais).

FIGURA 49 – Açude concluído em fevereiro de 2008



Autor: Quezado, Angela (2012).

O açude possui capacidade de armazenamento de 1.100.000 m³ (um milhão e cem mil metros cúbicos) de água, com aproximadamente 9,5 metros de profundidade, que se mantêm de forma perene. A comunidade, que contava apenas com um riacho intermitente em épocas chuvosas, tem agora, disponível, água durante todo o ano, inclusive durante a estiagem que assolou o Nordeste nos anos de 2011 e 2012.

Outro programa que beneficiou a comunidade de Barra do Bento foi o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, importante para acesso à água, promovido na comunidade. O projeto Um Milhão de Cisternas (P1MC), iniciado em julho de 2003, pelo Governo Federal, desencadeou um movimento de articulação e convivência sustentável com o semiárido, beneficiando os estados nordestinos afetados pelas secas (FEBRABAN, 2011).

As águas das chuvas são captadas para as cisternas que, se utilizadas de forma adequada (para beber e cozinhar), abastecerão uma família de cinco membros por 8 a 10 meses, período anual de estiagem (FIG: 50, 51 e 52).

FIGURA 50 - Cisterna instalada na comunidade Barra do Bento.



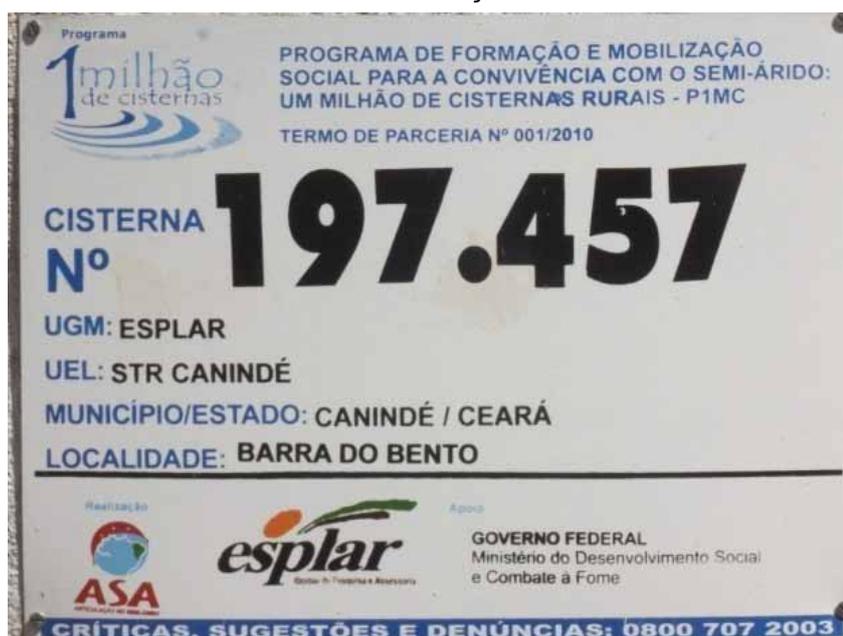
Autor: Quezado, Angela (2012).

FIGURA 51– Detalhe da abertura na cisterna para retirada de água.



Autor: Quezado, Angela (2012).

FIGURA 52– Placa de identificação em cada cisterna.



Autor: Quezado, Angela (2012).

Na comunidade de Barra do Bento, as cisternas foram construídas por pedreiros da própria localidade e pelas próprias famílias, que executaram os serviços gerais de escavação, aquisição e fornecimento de areia e água. Os pedreiros foram remunerados e a contribuição das famílias nos trabalhos de construção se caracterizou como a contrapartida.

Cada cisterna tem capacidade de armazenamento de 16 mil litros de água.

As águas são captadas através de calhas instaladas nos telhados das casas.

Através do P1MC, muitos moradores passaram a ter água estocada por quase 1 ano, saindo da condição anterior de grande escassez, registrada até bem pouco tempo. Como se vê, a vida moderna começou para os habitantes da Barra do Bento nos últimos anos, trazendo mais esperança para aquela comunidade.

Em imagem de satélite, com adaptação da autora, pode-se localizar e entender a disposição das benfeitorias realizadas pela IBC e poder público na comunidade Barra do Bento. (FIG. 53).

FIGURA 53 - Imagens por satélite da Barra do Bento e principais obras recebidas.



Fonte: Google Maps, 2011. Adaptado por Quezado, William (2012).

Pensar o espaço diante das mudanças espaciais acontecidas na Barra do Bento requer uma percepção voltada para as transformações sociais, culturais, econômicas e ambientais, em que o homem é o principal modificador do espaço e, ao mesmo tempo, passa a interagir com as novas mudanças ocorridas. A Geografia contribui para esse entendimento, refletindo sobre as implicações dessas mudanças

no próprio espaço e na vida das comunidades, trazendo à compreensão a relação do homem com o espaço.

Entender quais as consequências das mudanças no espaço vivido, na vida e nos costumes dos habitantes da Barra do Bento, e saber até que ponto houve alteração na sua relação com o meio, após essas transformações, são questões que serão analisadas no capítulo 4 de acordo com a reflexão e percepção dos moradores. A figura 54 mostra o morador Raimundo Rodrigues de Sousa e seu filho Jacó em Barra do Bento/ Canindé-CE.

FIGURA 54 - Sr. Raimundo Rodrigues e seu filho Jacó



Autor: Gutiérres Jataí (2008).

CAPÍTULO 4 -

A TRISTE PARTIDA – Antonio Gonçalves da Silva - Patativa do Assaré

Setembro passou	E assim vão deixando
Outubro e Novembro	Do berço querido
Já tamo em Dezembro	Com choro e gemido
Meu Deus, que é de nós,	Céu lindo azul
Assim fala o pobre	Chegaram em São Paulo
Do seco Nordeste	Sem cobre quebrado
Com medo da peste	E o pobre acanhado
Da fome feroz [...]	Percura um patrão [...]
Entonce o nortista	Trabaia dois ano,
Pensando consigo	Três ano e mais ano
Diz: "isso é castigo	E sempre nos prano
não chove mais não" [...]	De um dia vortar
Eu vendo meu burro	Mas nunca ele pode
Meu jegue e o cavalo	Só vive devendo [...]
Nós vamos a São Paulo	Lhe bate no peito
Viver ou morrer [...]	Saudade de móio
E vende seu burro	E as água nos óio
Jumento e o cavalo	Começa a cair
Inté mesmo o galo	E aquela famia
Venderam também	Não vorta mais não [...]
Pois logo aparece	Faz pena o nortista
Feliz fazendeiro	Tão forte, tão bravo
Por pouco dinheiro	Viver como escravo
Lhe compra o que tem [...]	No Norte e no Sul.
Chegou o triste dia	
Já vai viajar	
A seca terrível	
Que tudo devora	
Lhe bota pra fora	
Da terra natal [...]	

4 O HOMEM, O ESPAÇO E A PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO NA COMUNIDADE BARRA DO BENTO.

A sociedade tem vivido um período de rápido crescimento e transformações expressivas nas tecnologias e nos costumes. A velocidade dessas transformações gera dinâmicas igualmente velozes, com consequências diversas, proporcionando uma nova realidade para quem as vive (SANTOS, 2000).

Esta, porém, não era a realidade da comunidade Barra do Bento/Canindé, sertão do Ceará, que vivia, até o ano de 1998, em total abandono e precariedade, à mercê da própria sorte, no sertão brasileiro negligenciado pelos governos, onde não há isonomia de investimentos com as cidades litorâneas.

O contraste entre as cidades litorâneas e as cidades do sertão brasileiro é mostrado na obra de Nísia Trindade Lima, 'Um Sertão Chamado Brasil' (1998), em que a autora fala da desigualdade de um país evoluído no litoral, contrapondo-se a um sertão alheio à modernização econômica. O correto, segundo a autora, seria que o sertão fosse favorecido, também, nos projetos governamentais de modernização, em todos os níveis.

Diante da situação de precariedade, e não havendo políticas públicas de desenvolvimento para a Barra do Bento, a Igreja Batista Central (IBC) se colocou na posição de benfeitora, com a implantação de projetos de medidas estruturantes, para a solução de parte dos problemas provocados pela seca na comunidade.

A IBC, ao mesmo tempo em que buscava minimizar o sofrimento de seus habitantes, ajudou a desfazer o mito de que não há solução para os problemas causados pelas secas no Nordeste, provando que é mais uma questão de falta de políticas públicas e compromisso por parte dos governantes.

Com as transformações ocorridas na Barra do Bento, através da intervenção da IBC e do Poder Público, o sentido de lugar para os moradores também foi alterado, e a comunidade Barra do Bento pôde ser vista como um caso de transformação do espaço, da paisagem e do espaço vivido.

Para se compreender as alterações acontecidas na paisagem da Barra do Bento, em seus detalhes, é necessário, também, que se conheçam as relações dos habitantes com seu meio e com os demais, sendo esse comportamento social uma característica inerente ao homem.

A esse respeito, Merleau-Ponty (2006) afirma que o entendimento do sujeito

que observa e vivencia o fenômeno é prioridade no estudo fenomenológico. Este entendimento se dá como resultante do processo da relação entre natureza e consciência humana, processo este ligado a sua identidade, como ser que vivencia, sente e age, selecionando na memória seu mundo vivido, no qual constrói a própria história, repleta de atitudes, entendimentos, sonhos, emoções e sentimentos únicos

Para entender tais relações, foram analisadas as respostas dos entrevistados sobre sua compreensão do espaço e das mudanças decorrentes da intervenção da Igreja Batista Central (IBC). Conhecer as vivências sociais e a subjetividade do morador da Barra do Bento foram essenciais para se compreender sua realidade e seu entendimento sobre os fenômenos ocorridos. Partilhando do pensamento de Lane (1996), para quem toda pesquisa que envolva comunidade abrange linguagem, representações sociais, sentimentos e afeições, levando a compreender o grau de conscientização e identidade dos sujeitos.

Para análise das respostas, as perguntas da entrevista foram organizadas em três categorias: perfil socioeconômico e cultural, perfil religioso, e compreensão do lugar e das mudanças espaciais. A partir dessas três categorias, foram analisadas as respostas dos entrevistados, conforme se apresenta a seguir.

Os entrevistados autorizaram a exposição de suas identidades, alguns deles demonstrando certa vaidade em ter seus nomes em uma pesquisa apresentada no Estado de São Paulo.

4.1 Perfil Socioeconômico e Cultural

O perfil socioeconômico dos moradores da Barra do Bento é ponto importante para a análise das respostas. A ele foi acrescentado, também, o perfil cultural dos entrevistados.

Em relação ao nível de escolaridade, quatorze dos adultos pesquisados são analfabetos, sem nenhum domínio da escrita e da leitura, restringindo-se somente a assinar o próprio nome e, alguns, nem mesmo isso. O único entrevistado que possui domínio da leitura e da escrita é Raimundo Rodrigues de Sousa, que já possuía alfabetização básica quando da chegada da IBC na comunidade. O nível de leitura e escrita de Raimundo Rodrigues foi aprimorado pelo hábito da leitura da Bíblia, após sua conversão e, também, pela preparação de seus “sermões” para pregação nos

cultos da Igreja, já que desempenha o papel de “pastor” na congregação religiosa Igreja Batista Barra do Bento (entrevista em 08/08/2011).

Quanto ao nível de escolaridade dos jovens, ficou constatado na pesquisa que esse percentual vem se alterando, pois, com o advento de uma escola dentro da própria comunidade, esses têm maior acesso à educação formal. Portanto, a chegada da escola pode ser avaliada como um evento bastante positivo trazido pela IBC aos habitantes da Barra do Bento. Este novo processo resulta no desenvolvimento da conscientização dos cidadãos, que sentem e conhecem seu espaço e seu lugar, preservando seu meio e valorizando sua cultura, com seus valores e experiências de vida.

Quanto à análise do aspecto renda dos demais moradores, identificou-se uma grande carência por parte dos habitantes da Barra do Bento, sendo esta um dos maiores desafios para o sertão nordestino. Como mostrado no Capítulo 2, o clima, o solo e a falta de irrigação para os cultivos na comunidade não permitiam uma agricultura comercial, impedindo que os agricultores da comunidade tivessem uma renda mensal. Assim, as famílias da Barra do Bento vivem, basicamente, de aposentadoria rural ou de algum tipo de bolsa fornecida pelo Governo Federal. Muitos indicaram o Bolsa família e outras assistências para a agricultura como principal renda.

Vale aqui salientar que Raimundo Rodrigues de Sousa recebe, mensalmente, auxílio de um (1) salário mínimo da Igreja Batista Central como salário, por seu trabalho como pastor. A IBC levou em conta a dificuldade econômica em toda a região, conseqüentemente a Igreja Batista Barra do Bento não recebe nenhuma ajuda dos fiéis.

Esse perfil econômico classifica estas famílias no índice de linha de pobreza, sendo este definido pelo Banco Mundial como o de renda de 1,25 dólares por dia por pessoa. Já o Governo Federal brasileiro definiu o índice de linha de pobreza em 70 reais-mês por pessoa⁵². Isso demonstra claramente o quanto a população da comunidade Barra do Bento possui restrições de consumo e sobrevivência.

Cabe ressaltar que, segundo os entrevistados, é prática muito comum em épocas de seca alguns membros das famílias, em geral o chefe ou um filho, se deslocarem para o interior de São Paulo, na época do corte da cana-de-açúcar⁵³, e

⁵² Disponível em: <http://www.mds.gov.br/brasilsemisera/brasil-carinhoso> Acessado em 05/05/2013

⁵³ Para esse tipo de contratação de mão de obra as fazendas empregadoras disponibilizam transporte que

lá permanecerem por 5 a 8 meses, retornando ao final da safra, trazendo algum dinheiro para manutenção da família por alguns meses.

Essa atitude, se por um lado beneficia, por outro, muitas vezes, leva ao desagregamento familiar. De acordo com os entrevistados, com isso acontece também a entrada de hábitos alheios à comunidade. Na fala de quatorze pesquisados, ficou evidenciado o desejo de não mais migrar atrás de “serviço” para outras regiões do estado ou do País.

A respeito do deslocamento de moradores da Barra do Bento para outros locais, Francisca Pereira de Sousa, a “Orlanda Nem”, conta que três tios e dois irmãos foram morar em Canindé e quatro irmãos foram trabalhar durante o período de corte da cana-de-açúcar no interior do estado de São Paulo. Mas, segundo ela: “todos prefeririam ter trabalho aqui, para não terem que ficar longe da família” (entrevista concedida em 30/08/2011). Outro exemplo é Francisco de Sousa Ribeiro, que foi para São Paulo na época de colheita da cana-de-açúcar. Já Aldemir Sousa Ferreira foi para a cidade de Pindoretama-CE buscar serviço trabalhando na duplicação da Rodovia.

Ainda falando sobre o deslocamento de moradores da Barra do Bento para outros locais, Antonia Eliane Rodrigues de Sousa, a “Alani”, informou que seu marido está morando em Fortaleza, trabalhando como auxiliar de pedreiro.

Vale salientar que todas essas pessoas, não possuindo a mínima qualificação profissional, saem para desempenhar funções de baixa remuneração, que muitas vezes não são aceitas pelos habitantes das grandes cidades, e por isso mesmo os empregadores buscam mão de obra mais barata no interior do estado. Mesmo em condições sub-humanas, muitos são os que vão em busca de emprego e renda.

Segundo Fátima Sousa Ribeiro, muitos moradores da comunidade saíram por falta de serviço, mas não gostariam de precisar ir novamente, e explica: “é porque aqui é o nosso cantinho” (entrevista concedida em 30/08/2011). Quando a entrevistada se referiu ao seu ‘cantinho’, ela estava falando do seu lugar, lugar de suas experiências, aprendizados, lembranças, emoções e de toda sua vida. Aqui, baseado em Tuan (1980), pode-se afirmar que as peculiaridades do lugar se dão através de representações subjetivas do homem, o que lhe conferem um sentido

de humanização. Este é um espaço delimitado em suas relações e experiências de cada um, o que lhe confere identidade – é o espaço das relações sociais intrínsecas ao homem.

É importante ressaltar que, dos 15 pesquisados, 14 (93%) responderam que amam a Barra do Bento, sendo este o motivo de morar e continuar morando na Comunidade. Aqui se destaca a fala de Francisca Pereira de Sousa, a “Orlanda Nem”, em entrevista no dia 30/08/2011: “Moro aqui porque gosto. Aqui é tranquilo e não tem a violência que se vê na televisão”. Vale ressaltar que a televisão só veio com a chegada da energia elétrica na comunidade.

Para Tuan (1982), é importante o sentido do lugar que as pessoas dão ao seu mundo vivido. O modo como o homem lida com sua história, seu trabalho, as suas atitudes, o convívio diário com o vizinho, sua alimentação, identificam a sua cultura. Cada sociedade tem uma cultura específica e esta, na Barra do Bento, é passada de pai para filho através da rotina diária no trabalho do campo, no preparo das comidas, bem como, através das histórias contadas, sendo este um dos fatores identificadores do lugar.

Continuando, a entrevista de 30/08/2011, Francisca Pereira de Sousa, a “Orlanda Nem”, diz: “aqui estou perto de toda a minha família, e agora, como todo mundo diz, está melhor ainda”. Assim se conclui que, com as transformações ocorridas em seu espaço, muitos moradores da Barra do Bento têm buscado se estabelecer e não mais migrar para outras localidades, demonstrando um maior “gosto” em permanecer na comunidade, num forte apego e um sentimento de identidade com o local.

No item local de nascimento, dos 15 respondentes, 14 nasceram na Barra do Bento e apenas um não é natural do lugar, residindo ali há cerca de sete anos, por ter se casado com uma pessoa da comunidade.

No que se refere às condições de vida das famílias, pode-se constatar, como reais, que as difíceis condições climáticas, ambientais e geográficas dificultam o desenvolvimento e a vida da população da Barra do Bento, sertão semiárido. Chuvas escassas, clima seco e sol forte compelem esse sertanejo a uma vida penosa e aflitiva.

Como já visto anteriormente, a própria agricultura na região é feita de maneira deficitária, mal dando para a própria subsistência, sendo necessária a compra de alimentos nas localidades próximas. Segundo Raimunda Rodrigues de

Sousa - Sandra, muitos dos gêneros alimentícios são comprados fora:

A gente compra os alimentos na sede de Monte Alegre – lá tem boas mercearias, ou em Canindé em dia de feira. Mas é bom porque hoje podemos comprar coisas melhores, a farinha lacta, o detergente, muitas bolachas. Antigamente a gente plantava feijão, macaxeira, mandioca, milho, mas, com tanta seca é melhor comprar tudo já feito (Raimunda Rodrigues de Sousa - Sandra, entrevista concedida em 08/02/2011).

O que se constata, então, é a maior facilidade na aquisição destes alimentos, em detrimento da grande dificuldade e tristeza que é para o sertanejo plantar e não ter colheita devido às constantes secas. Conclui-se, portanto, que tais eventos estão causando em alguns sertanejos um certo grau de acomodação.

Nesta pesquisa, também ficou evidenciada a forte relação de parentesco entre os membros da comunidade, e assim as relações de vizinhança são acentuadas pelos fortes laços familiares e de consanguineidade. Na comunidade, a família Souza compõe 93 % dos habitantes. São tias, primos, irmãos, pais e avós, que convivem e constituem uma grande família, sendo o aspecto familiar forte característica do lugar.

Quanto às relações dos moradores da Barra do Bento com o meio ambiente, apesar da proximidade familiar, cada morador tem sua visão própria, e suas ações e reações frente ao meio são diferenciadas, de acordo com suas expectativas e julgamentos, muitas vezes de modo inconsciente (FAGGIONATO, 2002). Vê-se muito claramente essa diferenciação nas entrevistas de Pedro de Sousa Ferreira, homem de pouca conversa, que pouco sai da Barra do Bento, e de Raimunda Rodrigues de Sousa, a Sandra, mulher que gosta de conversar e se informar, atual líder comunitária, que diz:

As palestras do Dr. Cleiton são muito boas, ele fala sobre os cuidados que a gente deve ter com a natureza, as plantas, as serras, a água do açude e a terra. Ele disse que se a gente não cuidar bem da terra, ela vai morrendo e, depois de algum tempo as plantas não vão mais crescer por falta de alimento na terra. Aí o que será dos nossos netos? Vão morrer de fome. Já pensou que triste a terra sem plantação? Hoje a gente sabe que não pode plantar em alguns lugares⁵⁴. Foi o Sr. Cleiton que ensinou a não estragar o solo. Mas tem muita gente teimosa, que continua fazendo tudo errado porque quer, mesmo! (Raimunda Rodrigues de Sousa, a Sandra, entrevista concedida em 08/02/2011).

⁵⁴ Quando Raimunda Rodrigues de Sousa - Sandra diz: “plantar em alguns lugares”, leia-se: nos declives de monte ou encostas.

Contrário às palavras de Raimunda Rodrigues de Sousa, e não concordando com os ensinamentos do agrônomo, Pedro de Sousa Ferreira disse estar revoltado por não poder brocar e fazer a queimada, e desabafa:

eu não sei o que o Dr. Cleiton quer da gente, se eu não fizer a broca e a queimada, como é que vou conseguir plantar? Aí a gente tem que comprar tudo. Acho isso muito errado, meu pai sempre fez a broca e a queimada, o pai dele também, e tá sem planta na terra? Isso é só para dificultar a vida da gente... não pode isso, não pode aquilo. (Pedro de Sousa Ferreira, entrevista concedida em 08/02/2011).

Cabe ressaltar que, este homem na busca de sua sobrevivência, é um possível transformador da paisagem, pois, com atitudes equivocadas e dependendo da extensão afetada, poderá causar prejuízos a qualidade de vida humana e do ecossistema. Em Barra do Bento, a degradação dos recursos naturais é uma realidade constante, que pode ser atribuída não somente a razões climáticas, mas, inclusive, a modelos errôneos políticos e educacionais dos envolvidos.

Os diferentes entendimentos dos moradores da Barra do Bento estão entre os maiores problemas a serem enfrentados para a mudança de atitudes no trato com o meio ambiente. A solução acontece a partir da conscientização, que leva o homem a uma melhor convivência com a natureza.

Constatou-se, através das observações na comunidade, que quando este grau de conscientização é atingido, a natureza recompensa o homem dando-lhe alimento (FIG. 55). Diante desse perfil socioeconômico detectado na pesquisa, observou-se que somente o sertanejo bem informado, consciente e crítico terá capacidade de explorar, de modo coerente e sustentável, a natureza.

FIGURA 55 - Horta no quintal da casa do morador da Barra do Bento.



FONTE: Ematerce - Crisanto Teixeira (2013).

Para que isso ocorra é necessário que haja políticas públicas visando o desenvolvimento social e educacional igualitário e acessível a todos. Do contrário, a exclusão social, como no caso de Pedro de Sousa Ferreira, mostrará a incompatibilidade entre a falta de conscientização ambiental e o desenvolvimento social (LUCHIARI, 2001), como explicita a autora:

Hoje, a preservação representa a elitização social na seletividade dos lugares. Apenas os que puderem pagar pelas paisagens naturais idealizadas no imaginário social contemporâneo ganharão a hegemonia nessa nova configuração territorial. (LUCHIARI, 2001, p.19).

Essa desigualdade social, educacional e econômica traz grandes prejuízos e sofrimento ao sertanejo vitimado pelas secas, acarretando, também, atraso aos municípios onde isto ocorre. Felizmente, são muitos os preocupados com esse tipo de situação, no país e também no mundo. José Saramago, em 18 de março de 2002, no discurso lido na cerimônia de encerramento do Fórum Social Mundial, apela por justiça social dizendo:

[...] da implantação no mundo daquela justiça companheira dos homens, daquela justiça que é condição da felicidade do espírito e até, por mais surpreendente que possa parecer-nos, condição do próprio alimento do corpo. Houvesse essa justiça, e nem um só ser humano mais morreria de fome ou de tantas doenças que são

curáveis para uns, mas não para outros (SARAMAGO, 2006).

Esta justiça social, que passa distante nas grandes cidades, é praticamente inexistente nos recônditos do país, no sofrido sertão da Barra do Bento. A esse respeito, Adeodato e Lima (2003) afirmam:

Diante da ausência quase total de estruturas mínimas de sobrevivência e a carência quase absoluta de planejamentos e intervenções que venham a melhorar as condições existentes, tem-se que a convivência do homem sertanejo com a seca tem sido uma batalha constante contra a escassez de água, a miséria, e o esquecimento político e social.

Essa constante peleja do sertanejo da Barra do Bento para obtenção dos serviços mais básicos de sobrevivência, desde água e comida, até educação, evidencia a negligência do poder público. Desse modo, sem justiça social e educação, caminhos que levam à conscientização do homem sobre a importância de um saudável convívio social e de uma exploração planejada e sustentável da natureza, torna-se impossível obter melhor qualidade de vida para todos.

4.2 Perfil Religioso: mudança de religião na comunidade Barra do Bento

Sobre o funcionamento da Igreja Batista Barra do Bento, Raimundo Rodrigues de Sousa relatou que, inicialmente, cerca de 50% dos moradores (80 pessoas) se converteram à religião batista, porém, atualmente, apenas 11% (dezessete pessoas) permanecem frequentando os cultos (entrevista concedida em 08/08/ 2011).

Constatou-se, durante a pesquisa, que Raimundo Rodrigues de Sousa foi preparado pela IBC, sendo, ao final de seus estudos bíblicos, designado como pastor da Igreja Batista Barra do Bento.

Os cultos, inicialmente, eram realizados ao ar livre. Raimundo Rodrigues de Sousa, mesmo com baixo grau de instrução, realizava a leitura e pregação da Bíblia, tudo à luz de lamparinas de querosene, fato que era visto com muita naturalidade.

Algumas pessoas não permaneceram na religião batista por compreenderem que para receberem os benefícios não era necessário ser membro da igreja evangélica; outros, por falta de hábito e disciplina para estarem todos os domingos

na igreja, já que nunca frequentavam a igreja para as missas dominicais.

A esse respeito, Raimundo Rodrigues de Sousa afirma:

Muita gente se converteu com sinceridade, outros por medo de perder os benefícios que a Igreja dava. Mas a igreja distribuía os benefícios de forma igual e sem distinção de ser convertido ou não. Então quando passava o tempo e eles viam que era assim, muitos deixaram de frequentar a igreja e voltaram a beber e a fazer 'coisas erradas'⁵⁵. Mas, os que continuam, continuam de coração, isso é importante" (entrevista concedida em 08/08/ 2011).

É importante salientar que o respeito ao exercício religioso é direito humano básico e, em Barra do Bento, esse direito foi preservado. Assim, mesmo com as chamadas "ações de evangelismo", foram respeitadas as opções religiosas de cada morador da comunidade, fato indicado pelos pesquisados durante as entrevistas, conforme pode ser visto na resposta de Lia Pereira de Sousa, a "Beré" (entrevista em 30/08/2011), quando afirma: "Não me senti forçada a ser crente. Eles me convidaram. Eu fui para um culto. Me converti a crente, mas depois desisti. Só me converti para receber as cestas básicas, a luz, a cisterna, mas todo mundo acabou recebendo tudo. Aí deixei de ser crente".

Através da análise da pesquisa, foi observado não haver concessão de privilégio para quem se convertesse à doutrina batista, o que desfez, parcialmente, a impressão de alguns moradores de que precisariam ser "crentes" para receber os benefícios como cestas básicas, acesso à água, energia elétrica, dentre outros. Durante as entrevistas, ficou constatado não ter havido coação ou preconceito por parte da IBC em relação aos moradores e suas crenças religiosas⁵⁶.

Segundo Aldemir Sousa Ferreira, em entrevista de 30/08/2011, "não é porque os crentes chegaram aqui que agora eu vou ter que ser crente também. Já fui crente. Tem gente aí que se converteu só para ganhar benefício. Minha mãe era católica e eu também sou católico novamente e estou bem assim, mas quem sabe, não é?"

É importante salientar que, pela sua própria natureza, o "evangelismo" cristão, de maneira geral, é invasivo e até, de certo modo, coercitivo, uma vez que parte do pressuposto de que as pessoas estão "perdidas" e precisam ser "salvas".

⁵⁵ Leia-se nesse momento, sair à noite para farras com outras mulheres e adulterar (fora da Barra do Bento), conforme explicado ao pesquisador pelo entrevistado.

⁵⁶ A intolerância religiosa é crime previsto na Constituição da República Federativa do Brasil - Código Penal Brasileiro: "Artigo 5º - VI: *é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de cultos e a suas liturgias*".

Assim, a chamada “grande missão” cristã já nasce da filosofia de difundir suas crenças mundo afora e de que possui uma verdade que os outros não possuem. Obviamente que, nesse processo, culturas são subjugadas pela filosofia e hábito cristão, achando-se um processo quase natural.

Na presente análise, não cabe se fazer juízo de valor, julgando de forma maniqueísta como bom ou mal tal processo. Cabe, sim, atestar e fazer uma reflexão de como esse processo ocorre, seja ele positivo ou negativo para a população. Foi assim, por exemplo, na relação entre os índios e os jesuítas, quando eles vieram para evangelizar os habitantes nativos do Brasil recém-descoberto, impondo sua cultura “superior” importada da Europa.

Uma consideração importante a se fazer é que, apesar dos moradores virem de forte tradição de pertencer à igreja católica, passada por seus pais, não havia na comunidade nenhum membro ativo que a representasse. Diante dessa realidade, e não havendo nenhuma igreja católica na comunidade Barra do Bento, a Igreja Batista Central achou um campo aberto para suas pregações, as quais, juntamente aos benefícios trazidos pelo projeto Barra do Bento, contribuíram para conversões de alguns moradores, fundando assim a Igreja Batista Barra do Bento.

Atualmente, a comunidade Barra do Bento conta somente com a igreja evangélica⁵⁷, que exerce certa autoridade sobre seus moradores. Segundo Alberto P. Santos (2013:76), a “construção de templos religiosos se configura como uma estratégia na complexa geopolítica das igrejas evangélicas”, e acrescenta que esta é uma tática “de representação e domínio do território, na relação entre religião-população e poder” (SANTOS, 2013:76).

Porém, durante a entrevista, José Cleiton Nogueira declarou que a IBC não planejou abrir uma “filial” na Comunidade Barra do Bento, e explicou:

Hoje, a pequena congregação que lá se reúne, o faz de forma independente e autônoma. A IBC, atualmente, dá suporte principalmente no que diz respeito a investimentos na formação da liderança, provendo treinamentos e orientação. A Igreja se chama - Igreja Batista da Barra do Bento por ter se alinhado com a filosofia Batista, mas não é parte da instituição Igreja Batista Central (entrevista em 08/08/2011).

Para Damata (1986), as igrejas (templos) representam, para o homem, um intermediário entre este mundo terrestre e o mundo eterno de tranquilidade e paz

⁵⁷ O prédio da Igreja Batista Barra do Bento, foi construída pela IBC.

que muitos acreditam que um dia irão habitar, sendo esta sensação o que atrai a muitos.

É importante salientar que, apesar de não irem à missa nem em época de Natal, muitos moradores da Barra do Bento vão a Canindé no mês de outubro, pela tradição das romarias, mas, principalmente, pela ‘festa de São Francisco’, onde encontram conhecidos, bebem e se divertem nos parques, como foi relatado pelos moradores durante as entrevistas. A esse respeito, Francisca Pereira de Sousa, a ‘Orlanda nem’, em entrevista em 30/08/2011 afirma: “Tem gente aqui que é crente num dia e no outro cai na bebedeira. Aí deixa de ser crente e fica desviado da igreja”.

Tal atitude mostra a volatilidade dos comportamentos, bem como a falta de convicção religiosa de alguns membros da comunidade. Mostra, também, que a religião pode ser considerada como um balizador do comportamento do homem, agindo este de acordo com regras e normas ditadas e tidas como corretas e aceitáveis dentro da religião que segue.

Segundo Chauí (1982), a religião resguarda valores éticos e cosmológicos de um determinado povo. Tal pensamento se completa com Damatta (1986), que diz ser a religião como um guia de conduta de comportamento, linha de pensamento, e tudo que diga respeito ao grupo e ao seu mundo, sendo, portanto, forte influenciador e um indicador da cultura desse povo. Isso foi identificado durante a pesquisa, com a adoção de novos hábitos e mesmo na formatação de uma nova cultura, orientada por padrões de comportamento típicos da doutrina evangélica/cristã, como modo de se vestir, modo de falar, extinção de hábitos como o consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, valorização da família e até as músicas ouvidas no rádio e programas de televisão.

Santos (2002) recomenda que se considere o poder da religião sobre os costumes e atitudes do sujeito e que se verifique, também, que fatores externos levam a mudanças na religião.

Max Weber (1864-1920), conforme anteriormente abordado, afirmou, em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, haver uma forte relação entre a religião e os aspectos do desenvolvimento econômico e cultural de toda uma nação. Conforme o que foi apurado na pesquisa, esse entendimento também pode ser aplicado à realidade da Barra do Bento, mesmo que de maneira relativamente artificial. Artificial por ter sido provocada por uma intervenção externa e

objetivamente focada em desenvolver a comunidade nos aspectos sociais, mas que não é dissociada de seu caráter religioso e de sua identidade própria evangélica – leia-se protestante. Assim, junto à vinda da igreja, constatou-se também a chegada do desenvolvimento social, econômico e cultural.

No que se refere às festas tradicionais católicas em Canindé, Ana Luiza Gonçalves dos Santos “Aninha”, em entrevista em 30/08/2011, afirma:

A gente era católica aqui. Ia para romarias e missa. Eu fazia promessa e rezava novena. Agora a gente é crente. A gente dizia que era católico, mas eu mesma nem lia a Bíblia, que é a palavra do Senhor, né (sic)?! Não sabia direito as coisas da religião. Sempre depois da missa tinha forró e bebedeira. Agora vou para encontrar minha família que passo tempo sem ver.

Para alguns, as festas são um momento e um modo de devotar ao Santo, de pedir soluções para seus problemas, de agradecer, de abastecer seu sentimento de fé e esperança. Há, porém, um outro lado igualmente importante das datas religiosas para os entrevistados: é muito mais um momento de lazer e convivência social, de rever amigos e parentes que só se encontram anualmente, a cada festa. É neste dia que vestem a melhor roupa, sendo um evento de socialização com outras pessoas fora da comunidade, visto que alguns dos que frequentam esta festa só vão a Canindé nesta data, sendo até mais importante do que o próprio natal.

Christoffoli (2007: 16), mencionando Durkheim (1858-1917), explica que há uma “ligação íntima entre religião e festas, [...] mostrando a proximidade entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exagero das festas”, numa união entre sagrado e profano, sendo este lado profano o que mais atrai os moradores da Barra do Bento para a ‘festa de São Francisco’.

Segundo Claval (1999), deve ser observada a importância da religião na construção do imaginário e na percepção do espaço vivido e suas representações na paisagem e no espaço social, pois esta atua fortemente na subjetividade das pessoas.

Sobre a chegada da igreja evangélica e as mudanças de religião dos moradores, Pedro de Sousa Ferreira afirma: “Sou católico, mas às vezes assisto o culto”. Já Ana Luiza Gonçalves dos Santos diz que hoje está alegre e “na presença de Deus” e tem mais paz de espírito. Isto mostra uma liberdade de fluência entre as religiões, o que, antigamente, era visto com “maus olhos” pela sociedade. Em Barra

do Bento essa fluência se intensificou, principalmente, pela comunidade não possuir um templo católico.

Alguns entrevistados não são tão convictos, como Aldemir Sousa Ferreira, que diz: “fui crente mas saí e já penso em voltar”, e Francisca Pereira de Sousa, que comenta: “Às vezes eu ouço as orações do primo Raimundo e tenho vontade de voltar a ser crente”. Segundo Claval (1999), um fato que pode ser questionado são os motivos que levaram as pessoas a saírem da igreja e, da mesma forma, que motivos os levam a ter vontade de voltar.

Existe, ainda, seis entrevistados que não se identifica nem com uma religião e nem com outra. Desse modo, pode-se averiguar o direito do exercício da livre crença por parte dos moradores na escolha da religião que desejam seguir, não tendo sido indicado nenhum tipo de constrangimento por parte dos habitantes com relação às ações da IBC, no sentido de se sentirem coagidos a participarem da igreja. Aqui cabe lembrar que:

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 18.º)

A esse respeito, Antonia Eliana Rodrigues de Sousa, a “Alane”, tem a seguinte percepção: “Estou bem com minha decisão sobre religião. Agora não volto nem pra católica nem para os crentes. Vou pensar”.

A despeito de tais intervenções terem ocorrido através da iniciativa de uma instituição religiosa, evidentemente também interessada em difundir suas crenças além da questão humanitária em si, é importante sempre ser cultivada a liberdade de crença e de escolha, por mais que ajam fatores de influência para uma crença ou outra.

4.3 A compreensão de espaço, paisagem e lugar, antes e depois das mudanças

Os fundamentos fenomenológicos geográficos da realidade, segundo Relph (1979), estão constituídos sobre ‘três pilares: espaços, paisagens e lugares’. O

referido autor (1979, p. 16) diz: “Os espaços são contextos onde se desenvolvem nossas ações e percepções”, sendo este o concreto. Já a paisagem é o que está ao alcance da visão, enquanto lugar é a totalidade “de significados no espaço e na paisagem” (RELPH, 1979: 16), justificando seu entendimento de que, dentro da experiência humana, o lugar pode ser considerado como o mais importante, pois é possuidor de paisagem, espaço e intenções e vivências do homem. Porém, não há uma demarcação precisa entre estes três como fato vivenciado, como mundo vivido, entretanto, o lugar possui a história e a cultura de seu povo.

Compartilhando deste pensamento, Gomez (1996) afirma que o espaço deve ser compreendido como algo vivido, experimentado e constituído pelos que nele habitam, os quais, através de suas relações sociais, produzem suas formas espaciais e sociais em todas as suas peculiaridades.

O espaço da comunidade Barra do Bento se estabeleceu em consonância com a eficácia de seus moradores, suas experiências, cultura e modo de ocupação, que foram alterados, visivelmente, com a aplicação do projeto Barra do Bento e apoio do poder público. No espaço, torna-se visível e notória a materialização dos projetos executados, através de sua paisagem, dando a compreender como se deu a consolidação da atuação dos antepassados e como ocorre com os atuais moradores.

Essas características imprimem nos habitantes da comunidade identidade com o lugar e sentimento de pertencimento e apego. A Barra do Bento, nos últimos anos, tem evoluído e progredido em diversos aspectos, que conferem mais qualidade de vida e satisfação com o lugar, conquistando, através das intervenções, novas características próprias e, com isso, uma nova identidade para seus habitantes.

A Barra do Bento vivencia, hoje, uma realidade paisagística marcada pelas intervenções no seu espaço geográfico, ocorridas nos últimos anos. Atualmente, apresenta uma paisagem incrementada com açude, cisternas, postes de fiação elétrica, antena parabólica, dentre outros pontos que marcam desenvolvimento social. Todo esse desenvolvimento promove uma modificação no *habitat* natural, material e, conseqüentemente, no patrimônio cultural.

Para Corrêa e Rosendahl (2001), a paisagem deve ser mais do que simplesmente uma cena observada pelo homem, mas, também, vista através da visão pessoal, numa relação de individualidade e relação com as demais paisagens.

Todos esses incrementos materiais que transformaram o espaço e a paisagem da Barra do Bento são importantes para o estudo sobre essa população, uma vez que ressignificam a compreensão que os próprios moradores possuem da sua paisagem, bem como qual patrimônio cultural está sendo (re)formado, que elementos culturais estão sendo perdidos e que novos estão sendo adquiridos na comunidade da Barra do Bento.

Embora todas essas mudanças venham acontecendo, é importante que a cultura histórica dessa população seja preservada, como elemento de composição da própria compreensão do lugar. Muitas vezes, com o advento acelerado do desenvolvimento, a compreensão do lugar muda tão radicalmente que também se muda ou se perde o patrimônio cultural e, juntamente com ele, a identidade própria que caracteriza o local.

As características do lugar também perpassam pela visão, entendimento de suas peculiaridades e sentimentos de seus moradores. Desta forma, alguns componentes da paisagem são vistos e compreendidos apenas pelos seus moradores. Rio e Oliveira (1996) afirmam que o homem tem seu mundo natural e construído, que muitas vezes não é notado ou reconhecido por outra pessoa que esteja ali somente de passagem. Quando o homem compõe a sua história e a sua identidade com o local, estas permanecem independentemente das mudanças e alterações no meio e nas relações sociais.

Sendo as relações sociais parte do desenvolvimento do espaço deste homem, que vive com seu meio uma relação de reciprocidade, pode-se dizer ainda que cada povo possui sua realidade, que pode ser transformada, porém, sua memória nunca apagada, pois faz parte de sua história e sua história é o que verdadeiramente o identifica, diferenciando-o dos demais.

É no lugar que o homem, com suas vivências, angústias e afetos, chega à percepção que, de acordo com Merleau-Ponty (2006), é o intermediário dos sentidos e da formação da subjetividade das significações. A relação com o lugar é tão importante quanto a relação com as pessoas, as quais, para Carlos (1996), têm uma história e um modo de vida próprios.

O homem da Barra do Bento, ao exprimir sua percepção a respeito de suas vivências habituais e corriqueiras, traduz características únicas e próprias, também consequência do afeto pelo lugar. De fato, Barra do Bento é vista por seus moradores como “lugar privilegiado”, de momentos que marcaram a existência de

seus moradores, como seu local de nascimento, das brincadeiras da infância, tudo com determinado grau de afetividade (BUTTIMER, 1985).

Este lugar, ao qual quatorze dos quinze entrevistados expressaram grande apego e afeto, mais que simplesmente uma definição geográfica de localização, é um modo de experimentar o mundo como sendo parte dele, na identidade com 'seu lugar'. Lugar da família, dos amigos, dos afetos, um espaço delimitado e repleto de sentimentos, que, de acordo com Tuan (1980), é possuidor de valores previamente determinados.

O espaço geográfico da Barra do Bento detém a união de relações sociais passadas e do presente no imaginário de seu morador, como partes integrantes do ecossistema. Portanto, o homem faz sua história e é capaz de refazer seu presente, de mudar sua própria história e do seu lugar. O imaginário e a valoração deste homem são relativos à sua visão de espaço e de mundo.

Este mundo deve ser compreendido como algo em constante mudança, de onde derivam as atuações humanas com seus objetos e comportamentos próprios; deve ser entendido como instável, construído no tempo/espaço mediante repetições padronizadas de códigos (muitas vezes ocultos ou subliminares) e atos próprios, produzindo a ilusão de ser permanente. Este contexto socioespacial é expresso em atos realizados pelas pessoas durante a vivência das identidades. Assim, o espaço vivido é resultante da interação entre o homem e seu meio, tornando o físico e o emocional seu ambiente. Por isso, entende-se que um acontecimento que para uns é simplesmente um acontecimento, para outros é um fato carregado de valores e consequências.

O entendimento da percepção do espaço pelos habitantes da Barra do Bento foi feito a propósito da relação indivíduo/espaço, a partir de dados⁵⁸ levantados junto a seus moradores, com base nos usos e significados, identificando-se as mudanças de ordem econômica, social, cultural e religiosa, levando em consideração o modo de vida dessa população. É neste lugar onde ocorre a percepção do espaço. O lugar representa uma ponte entre o espaço local e o espaço social, sendo componente indispensável à "estruturação do espaço" (FRÉMONT, 1980). Neste entendimento, a percepção pode ser vista como uma das fases da ação desempenhada pelo homem, a propósito do lugar. Portanto, o

⁵⁸ Os dados foram obtidos através de entrevistas, depoimentos, rodas de conversas.

presente estudo foi feito levando em consideração a vivência cotidiana do morador da Barra do Bento.

Mudanças aconteceram na comunidade num curto espaço de tempo, de aproximadamente 12 anos. A comunidade, anteriormente, não dispunha de energia elétrica, morava em casas primitivas, sofria com a falta de alimentos e com escassez de água, sem acesso aos elementos básicos para uma vida digna. Ao passar por uma reestruturação, foram agregados a ela novos valores físicos, religiosos e culturais, a partir das relações com o “mundo lá fora”, provocando, assim, uma diversidade de percepções de seus moradores sobre seu novo espaço físico, social e a influência de uma nova cultura sobre a sua. Todo o processo de transformação ocorrido na comunidade foi induzido sobre as condições preexistentes de vida das famílias, mediante atuação da instituição IBC e Poder Público.

Muitos elementos podem ser observados e comparados, num processo de “antes e depois”, para efeito de comparação. Quando se trata de comparação estrutural, esse processo é relativamente simples, bastando-se observar o que efetivamente foi modificado. No entanto, tratando-se de comportamentos e percepções, este processo se torna mais complexo.

A compreensão do espaço, resultante do imaginário humano, não é indiferente ou mensurável. Segundo Bachelard (1993: 19), “É um espaço vivido. É vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades do imaginário”, transformando-se assim em ‘lugar’.

Para esta análise, buscaram-se nas entrevistas as respostas para uma série de aspectos e a percepção dos entrevistados a respeito do seu lugar e das mudanças advindas das estruturas e transformações no espaço físico.

As transformações trouxeram diversas melhorias para os moradores. Com a melhoria da via de acesso, por exemplo, a Barra do Bento passou a ser frequentada por comerciantes, mais costumeiramente, entrando na rota dos vendedores: “Hoje é melhor. As coisas ficaram mais fáceis. Com a estrada melhor vem até vendedor de consórcio de moto” (Pedro de Sousa Ferreira, em entrevista no dia 30/08/2011).

Vale salientar que a moto é o veículo mais econômico nos dias atuais, em relação a sua funcionalidade e benefícios, razão pela qual se difundiu fortemente ao longo das cidades interioranas do Nordeste. Inclusive, passou a substituir o tradicional jumento em muitas propriedades rurais, para idas e vindas e para busca de mantimentos nas cidades próximas.

Em entrevista do dia 30/08/2011, Lia Pereira de Sousa, a “Beré”, elogia as melhorias na comunidade: “melhorou muito porque antes não tinha nada. Hoje, assisto televisão, tenho água fácil e o telefone para ligar para o meu marido quando ele viaja. Antes, tinha que andar 7 quilômetros para poder telefonar”.

Quanto à construção da escola pela IBC e à chegada dos professores contratados pela Prefeitura de Canindé, equipamento básico que a comunidade não possuía, na compreensão dos moradores da Barra do Bento representa a chegada da esperança de ‘melhores dias’ para os seus filhos e a merenda escolar para alimentá-los mais adequadamente, conforme entrevista de Raimunda Rodrigues de Sousa – Sandra em 08/08/2011. Já, na concepção das crianças⁵⁹, foi a possibilidade de receber uma merenda “muito gostosa”, brincar com os colegas e aprender a ler para usar o computador.

Isto mostra que a visão dos moradores sobre a construção da escola vai além da transformação da paisagem, indicando também que a compreensão do homem acontece em conformidade com seus interesses e vivências, confirmando as palavras de Tuan (1980: 06), de que: “[...] duas pessoas não veem a mesma realidade”, a percepção é individual e de acordo com as expectativas, maturidade e experiências de cada um, porém, dentro de um grupo social, valores, ideias, sentimentos e expectativas são muito semelhantes.

Tuan (1983) refere-se ao aperfeiçoamento humano e cultural como sendo o resultado da vivência e da maneira como este homem lida com suas experiências cotidianas, e seu grau de maturidade como algo pessoal, que dependerá de ter ou não aproveitado suas experiências vividas como aprendizado para utilizar em sua vida cotidiana:

[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983 p. 10).

O prédio onde funciona a Escola Municipal Francisco Rodrigues de Sousa foi construído pela IBC em 2008 e serve tanto para as aulas como para os cultos da igreja (FIG. 56).

⁵⁹ As crianças responderam sobre esse item quando visitadas na Escola no momento de aula, com a permissão dos professores, em 08/08/2011.

FIGURA 56 – Escola/ Igreja construída pela IBC na comunidade Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2012)

O homem é, também, responsável pelo seu aprimoramento como Ser que vive e convive com seu meio e seus semelhantes.

Igualmente, episódios ocorridos no local de moradia do indivíduo têm um teor de expressão de acordo com o valor a eles atribuídos, sentimento por este local, junção de sua cultura, sentimento de identidade, e é isto que vai determinar e dar identidade a este lugar. Independentemente do lugar em que esteja em seu momento presente, o homem sempre tem o seu lugar. A identidade de lugar é um conjunto de símbolos, experiências e desejos. O homem não pode ser visto independente do mundo e vice-versa; mundo e ser humano são intrínsecos um ao outro, conforme argumenta Evangelista (2013):

Durante o processo de construção de identidade, o grupo se apropria dos valores culturais, perpetuando-os na sua história, transmitindo-os de geração a geração. É necessário um esforço coletivo da população para conhecer ou reconhecer seu próprio lugar, sua qualidade e seus bens, para que a mesma possa preservar sua memória e valorizar sua identidade local (EVANGELISTA, 2013: 51).

A nova ordenação do espaço da Barra do Bento alterou a forma de viver do seu habitante, conferindo novos modos de apropriação e estilo de comportamento, e

esta nova condição definiu uma posição diferente na estrutura social. Claval (2001: 63), referindo-se à cultura, diz que, além dos “valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas”, tem-se “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos”, concluindo-se que a comunidade Barra do Bento sofreu alterações, também, em sua cultura.

No que se refere à moradia, pode-se destacar que esse foi um ponto importante na melhoria das condições de vida da população de Barra do Bento, ocorrida pela substituição das casas de taipa por novas casas de alvenaria. Constatou-se durante a pesquisa, a respeito da construção das casas dos pesquisados, que seis são de alvenaria e têm até cinco anos. Três casas em taipa têm de seis a nove anos. Quatro casas em taipa têm de dez a doze anos de construídas, uma tem aproximadamente cinquenta e cinco anos de construída e uma mais antiga tem cerca de setenta anos. Nota-se, assim, que as casas mais antigas são de taipa, construção predominante no sertão nordestino, à base de madeira e barro, conforme apresentado no capítulo 2.

As casas construídas há menos de seis anos são predominantemente de alvenaria. É importante ressaltar que até a chegada da IBC à Barra do Bento havia apenas uma casa de alvenaria em toda a comunidade. Com o projeto de “moradia digna para a Barra do Bento”, a IBC construiu algumas das casas de alvenaria para moradores da comunidade. Foram construídas, ainda, mais cinco casas de alvenaria, totalizando seis casas.

Sobre esta melhoria, em entrevista no dia 30/08/2011, Antonia Eliane Rodrigues de Sousa disse: “Meus filhos ficaram mais felizes e, com o telhado mais alto diminuiu o calor, a casa ficou mais fresquinha”. Neste momento da entrevista, seu filho adolescente J. R. S⁶⁰, que estuda na sede do distrito Monte Alegre, interferiu e disse: “é muito bom morar nessa casa nova, ela é igual a casa da minha professora. Nossa casa nova ficou mais bonita que as dos que moram em casa de taipa” (FIG. 57).

⁶⁰ J. A. S., 17 anos de idade, estudante da 6ª série do ensino fundamental, na sede do distrito de Monte Alegre.

FIGURA 57 - Estilo de casa construída pela IBC, para moradores da Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2012)

Ao sair para estudar fora da comunidade, o adolescente J. R. S. vivencia uma nova realidade, percebendo assim o mesmo objeto de modo diferente de sua mãe. Este fato demonstra que o modo de compreensão está ligado aos valores de cada um, de acordo com a visão do mundo que o rodeia, suas experiências e julgamentos, tendo, cada indivíduo, uma visão diferenciada sobre o mesmo objeto (TUAN, 1980), porém sofrendo influência do grupo social do qual é parte integrante. Esta compreensão está baseada em processos cognitivos e expectativas de cada pessoa (FAGGIONATO, 2002).

Vale ressaltar que o projeto de construção das casas de alvenaria não teve continuidade por limitação de recursos financeiros. Cabe aqui uma reflexão sobre a substituição das moradias de taipa, construção típica do sertão: não seria importante a preservação da cultura e do estilo de vida típico do sertanejo, incluindo seus hábitos construtivos? Não seria possível oferecer moradia e condições dignas de modo conciliatório com sua cultura secular? Em suma: existe possibilidade de conciliar o desenvolvimento com a preservação de hábitos, costumes e cultura de uma comunidade? Isso inclui os hábitos construtivos, como a formação do espaço individual da família, o lar, elemento essencial para a percepção do espaço como um todo.

Durante as entrevistas, também se constatou que existe uma desvalorização dos hábitos sertanejos, como a própria casa de taipa. Vale ressaltar que, em

diversos países, as construções típicas são valorizadas e são elementos agregadores da cultura e da identidade do povo, sendo utilizadas como elemento enriquecedor do mercado turístico e cultural.

Tal reflexão leva ao cuidado de não se renegarem estes valores culturais do sertão, o que pode acarretar um enfraquecimento dos laços deste homem com seu espaço vivido – o seu lugar. Esses laços devem ser mantidos entre o homem e seu meio ‘ambiente material’ (TUAN, 1980).

Ao longo das entrevistas com os moradores da comunidade Barra do Bento, ficou constatada uma ânsia por possuírem casas de alvenaria, tendo-se nisso um símbolo de desenvolvimento e ganho de qualidade de vida, em detrimento da casa de taipa, considerada por eles como referência de pobreza. Para eles, a “nova e moderna” casa de alvenaria representou não somente uma melhor moradia, com melhoria na qualidade de vida, mas, também, maior *status* social, representando elevação da autoestima da família.

Referindo-se à modernização do espaço e às memórias e histórias de vida do homem, Arroyo (2000: 1) diz: “podemos modernizá-lo, mas nunca deixamos de sê-lo”. Neste sentido, cabe ressaltar que, para se estudar o espaço presente é necessário que se conheçam as lembranças e o imaginário desse povo. As afirmações sobre o presente fundem-se às descrições de um passado experienciado.

Durante as visitas realizadas, foi observado um aspecto importante no que se refere à moradia, o valor dado à cozinha. Para o morador de Barra do Bento, ela é um recinto de muito valor, é o local da conversa em família e com os amigos mais próximos, mas, principalmente, é o lugar das refeições, tão desejadas e esperadas pelo sertanejo. Isto ficou muito bem traduzido na fala de D. Maria Rodrigues de Sousa, a “Pípia”, quando afirma: “A cozinha é o lugar mais gostoso da casa, é lá que a gente come, toma um cafezinho, joga conversa fora... é muito bom” (entrevista em 30/08/2011). E foi nesse local e nesse clima de cafezinho que aconteceram quase todas as entrevistas.

Sobre a construção da estação de tratamento de água, para 100% dos entrevistados ela representou melhoria da qualidade da água e conseqüente benefício para a saúde e qualidade de vida da população (FIG. 58).

FIGURA 58 - Central de tratamento de água construída na Barra do Bento.



Autor: Quezado, William (2012)

Em relação às melhorias referentes ao uso dos recursos hídricos, Francisca Pereira de Sousa, a “Orlanda-Ném”, em entrevista do dia 30/08/2011, afirma que “tudo ficou mais fácil depois das cisternas e da água do açude, para poder criar galinha e ter uma horta. A vida ficou mais fácil”.

Água, um bem mínimo para a sobrevivência de todo ser vivo, e qualidade de vida do ser humano. Sem água, ou com grande escassez dela, como ocorria antes na Barra do Bento, muitos não aguentavam viver e se mudavam para outros lugares.

Ainda no item fornecimento de água, cabe lembrar que a comunidade foi beneficiada com o projeto P1MC. Porém, de acordo com a fala de Francisco de Sousa Ribeiro, oito famílias não aceitaram a construção da cisterna, pois desconfiavam das reais intenções dos “benfeitores” e receavam ficar vinculados e em débito com eles.

Outro motivo para a negativa destes moradores em aceitarem o benefício se deveu ao fato de não quererem despendar trabalho braçal no auxílio da construção das cisternas, como contrapartida. A família beneficiada deveria participar das construções, e essa participação correspondia a 10% dos custos da obra. “Assim, sua participação é em trabalho braçal e, por este motivo algumas famílias recusaram este benefício”. Das 30 famílias residentes na Barra do Bento, apenas 22 aceitaram

a construção da cisterna, como relatou Fátima Sousa Ribeiro, em entrevista concedida em 30/08/2011.

Percebe-se que a falta de coerência e indisposição para o trabalho impediram que famílias viessem a usufruir de benefícios de extrema importância ao bem-estar e saúde da família. Com a cisterna, cada família passou a ter água de boa qualidade, conseqüentemente, mais saúde, melhor qualidade de vida, ficando livre da busca por água em outros locais.

Também sobre o fornecimento de água, Antonia de Sousa Ferreira, “Antoniete”, em entrevista concedida em 30 de agosto de 2011, afirma: “foi bom demais para mim. Minhas condições mudaram. Hoje, em tempo de chuva, a gente tem água mais fácil e fica estocada durante muito tempo. Antes a gente andava muito, ia longe para pegar uma água mexida (água turva e barrenta)”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que, nos países em desenvolvimento, 80% das doenças são decorrentes de veiculação hídrica e que 70% da população rural não dispõe de água de boa qualidade e tratada (ZANCUL, 2006).

O acesso à água é uma condição mínima necessária para a sobrevivência humana. Sem ela não há como sobreviver, plantar ou criar animais. É aspecto básico da dignidade humana. Essa intervenção solucionou um grande problema da comunidade, oferecendo água adequada ao consumo humano e, mais do que isso, proporcionou conforto, menos sofrimento e uma melhor qualidade de vida aos habitantes locais.

Atualmente, 21 casas da comunidade possuem até mesmo água encanada, o que tem tornado mais digna a rotina destes moradores. O que explica o fato de nem todas as casas estarem com água encanada é o mesmo que aconteceu em relação às cisternas, a exigência da participação de cada família nas escavações para a colocação dos dutos de água. Novamente se recai na desconfiança de alguns de alguns membros da comunidade, na acomodação e na indisposição em trabalhar para a aquisição de um benefício.

Para essas pessoas a aquisição da água encanada não está como prioridade em suas vidas. As prioridades se diversificam baseadas nos interesses de cada um, relacionados às suas peculiaridades, que para “uns aferram-se às coisas concretas e sensíveis, vivem no gozo do dia; outros perseguem, através do acaso e do destino, grandes finalidades que proporcionem duração à sua existência”

(DILTHEY, 1977: 13). Neste sentido, cada morador vivencia seu dia-a-dia de acordo com o que almeja receber da vida e do mundo, e de acordo com suas aspirações para o futuro.

Em entrevista de 30/08/2012, com Luiza Gonçalves dos Santos “Aninha”, ao ser perguntada sobre a água encanada, disse: “é muito bom, [pois] tenho as costas “tortas” e agora não preciso ficar me abaixando todo tempo pra pegar balde d’água. Já é muita vantagem”(sic). Isso significa mais qualidade de vida para os moradores em seu dia-a-dia e nos aspectos ligados à saúde.

Além da chegada da água na comunidade de Barra do Bento, a instalação da energia elétrica, em dezembro de 2006, foi condição *sine qua non* para o desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida de seus habitantes. Esse foi considerado como o segundo fator mais importante pelos entrevistados.

Para alguns moradores, a falta de energia elétrica era tida como algo normal, já que muitos não se viam como merecedores dela, de algum modo, como demonstrado na fala de Francisca Pereira de Sousa (Orlanda Nem): “antigamente eu nem pensava que a energia ia chegar aqui na Barra do Bento, eu achava que só os mais ricos podiam ter e pagar, mas agora eu sei que todo mundo pode ter” (entrevista concedida em 30/08/2011).

Antonia Eliana Rodrigues de Sousa, a “Alane”, afirma: “Sem luz, a gente vivia no escuro” (entrevista em 20/08/2011). A falta da energia elétrica implicava na impossibilidade de uso até de itens mais simples, como os eletrodomésticos, itens tão banais para os habitantes das cidades. A chegada da energia elétrica trouxe a possibilidade da aquisição de bens como a geladeira, a televisão, o liquidificador, ferro de passar roupas, os quais melhoraram, em muito, a qualidade de vida dessas pessoas. Outro importante benefício trazido pela energia elétrica foi o acesso à água encanada, que depende do bombeamento através de motores elétricos.

A chegada de água e da luz foi vista por Raimundo Rodrigues de Sousa como: “Muito bom. A gente chega de uma roça e bebe uma água gelada. É bom demais”. Um conforto que antes as pessoas da comunidade não tinham acesso, bem como a conservação de alimentos, que só podiam ser consumidos, praticamente, no próprio dia. Hoje, com a geladeira, podem ser conservados por mais tempo.

Outro elemento importante vindo através da energia elétrica foi a chegada da televisão. Com a televisão vieram as informações do mundo fora dos limites

geográficos da comunidade, e com isso a visão e o conhecimento de outras culturas. Esse fato levou a uma nova percepção do mundo, o que, conseqüentemente, ocasionou a alteração de alguns de seus padrões culturais levando a uma cultura de globalização. Evangelista (2013), em abordagem sobre a produção dos espaços e a globalização, argumenta que:

Com o advento da globalização, que intervém de forma acentuada na produção e reprodução dos espaços, observa-se uma severa intervenção no arcabouço identitário, com possível perda do vínculo com o lugar. Quando isso ocorre as relações se fragilizam e, conseqüentemente, o espaço como noção agregadora e afetiva se compromete (EVANGELISTA, 2013: 50).

De acordo com Masson (2004), quando os padrões culturais de um homem são alterados, este terá uma nova percepção sobre o meio ambiente.

Cabe considerar que a análise das entrevistas deixou claro que a percepção sobre a chegada da energia elétrica variou de acordo com a vivência e interesses de cada entrevistado. Para as mulheres de meia idade, foi sentida como favorável a aquisição da geladeira para ter uma água “geladinha” (FIG. 59). Já para os mais jovens, a televisão foi o item mais importante “trazido” pela energia elétrica, por representar contato com o mundo exterior e acesso às novelas, programas de música e filmes, significando uma opção de lazer e entretenimento.

Figura 59 - Um sonho – A geladeira de Maria Rodrigues de Sousa “Pipia”.



Autor: Quezado, Angela (2011).

Com relação ao meio ambiente, os entrevistados se referiram à Barra do Bento como “um local tranquilo, de muita natureza bonita e hoje bem cuidada” (Francisco de Sousa Ribeiro, entrevistado em 30/08/2011) Assim, pela tranquilidade e pelos laços com o lugar, elemento de suas identidades, os moradores optam por continuar vivendo na comunidade e usufruindo de todas as benesses que a zona rural pode oferecer, aliando-se a isso os confortos trazidos pela vida moderna, que apenas bem recentemente têm chegado à comunidade da Barra do Bento.

Todas as sociedades possuem seu modo de vida diferenciado e cada uma delas tem seu próprio modo de ajuste ao meio. Há uma maneira de ser do homem do campo, outro do homem urbano; do homem culto e do inculto. O equilíbrio entre sociedade e meio dependerá do grau de exigência do grupo, tal como Cândido (1982) se refere:

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos dos meios físicos, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio (CÂNDIDO 1982: 23).

Na Barra do Bento, estão inseridos seus moradores, com seu comportamento frente aos fenômenos de transformação de seu meio. Este homem sertanejo e trabalhador braçal do campo lida constantemente com a natureza, é detentor de sabedorias e segredos da natureza e das intempéries do sertão. Moura (1986), em estudo sobre o camponês, observa que o homem do campo está envolvido e reconhece bem próximos os ‘segredos da terra’:

Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar os seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e do espaço é profundo e já existia antes daquilo que convencionamos chamar de ciência. (MOURA, 1986: 9)

É adequado, neste momento, remeter a uma colocação bem conhecida do grande escritor Euclides da Cunha (1984), que diz: “o sertanejo é antes de tudo um forte”, que recomeça tudo no próximo ano, na esperança de que a natureza, desta vez, colabore enviando chuva.

O sertanejo da Barra do Bento realiza seu trabalho na esperança do sustento da família, porém, não é essa a sua única motivação; há, também, a ideia

de que, aliada a sua produção, vem a evolução não só econômica, mas também de seu status. O trabalho para esse homem é mais do que um simples ato físico, existe também uma subjetividade nessa ação.

O trabalho é o momento em que os mais velhos ensinam aos mais novos as heranças culturais do trato com a terra, muitas positivas, outras danosas ao ecossistema. Esse momento, além de produzir cultivos, também produz cultura. No caso da Barra do Bento, foram observadas *in loco*, ainda, práticas prejudiciais como as queimadas e os plantios nas encostas, bem como a caça predatória de aves silvestres.

A organização do espaço é o resultado das atividades do homem, desde seus ancestrais, num acumulado de gerações (CORRÊA, 1990). A paisagem relaciona-se diretamente com o sujeito, pois o meio e os animais interagem e modificam o sujeito e, de igual modo, são por ele modificados. Exemplo disso é a influência climática do semiárido sobre o sertanejo e seu comportamento, muitas vezes acomodado, sendo uma forte característica da vida no sertão, que afeta diretamente sua vida e estrutura física (FIG. 60).

FIGURA 60 - Um sertanejo de Barra do Bento.



Autor: Quezado, Angela (2012).

Tanto o homem quanto a paisagem são resultantes “da interação direta entre os quatro elementos da natureza – energia, ar, água e terra – e os seres bióticos, inclusive o homem”, sendo a paisagem “formada pelas ações e relações constantes

do homem, desde o seu nascimento até a morte, com o espaço natural” (KELTING e LOPES, 2011: 13) numa relação de reciprocidade.

Lugar e paisagem, tem um apreço a eles conferidos pelo homem de acordo com suas experiências pessoais, numa relação entre anseios e ideias. O conhecimento do fato e a percepção das informações chegam a esse homem através de seus sentidos biológicos - ver, ouvir, sentir, cheirar, gustar, sendo as informações processadas e armazenadas dependentemente da importância que lhes é atribuída, obtendo uma significação particular para o sujeito (TUAN, 1983; LIMA, 2003).

Os órgãos do sentido realizam a conexão entre mundo real e mundo do sentido. Sobre isto, Tuan (1983) cita Susanne Langer, que assegura: “o mundo do sentido é o mundo real interpretado por abstrações imediatamente fornecidas pelos órgãos dos sentidos” (LANGER, 1958, *apud* TUAN, 1983: 10).

A junção do mundo sentido (subjetivo) com o mundo real, num conjunto de vivências e desejos, leva à identidade do lugar. O lugar do homem que não pode ser percebido alheio ao seu mundo. Segundo Christofletti (1985), há uma ligação subjetiva de afeto entre o homem e o lugar específico, repleto de lembranças e de significâncias e apego. É no lugar que o homem se sente adaptado, compreendendo-se como parte dele.

Sobre as mudanças na forma de ver a terra e o meio ambiente, Francisca Pereira de Sousa, a “Orlanda Ném”, em entrevista de 30 de agosto de 2011, afirma: “Hoje vejo melhor a natureza e mais bem cuidada. Não espalho lixo na natureza, não sujo mais a natureza. Ela não pode ser maltratada. Meu pai e outras pessoas da comunidade ainda praticam a queimada da mata para o plantio”.

Já a opinião de Francisco de Sousa Ribeiro é bem diferente, para ele “em relação à agricultura, piorou, porque não pode mais desmatar e falta alternativa”. Ele acha que tudo está bem melhor do que era, mas acha que na parte produtiva não está bem. Sobre os cuidados com a natureza e com a terra, ensinados pelo técnico do “projeto Barra do Bento” à comunidade, afirma:

É ruim essas coisas de preservação, porque o Sr, Cleiton não quer mais que a gente faça queimada. Diz que pode estragar a terra e que a terra pode ficar sofrida e ruim. Mas vejo a natureza mais cheia e verde e é como uma mãe que dá alimento pra gente. Na minha mente o jeito que a gente fazia era certo (Francisco de Sousa Ribeiro entrevista em 30/08/2011).

Isto demonstra a falta de conscientização sobre a necessidade de novas práticas para conservação do solo, apesar dos esforços despendidos para tal, pelo técnico. Este é um processo que demanda tempo, pois exige mudanças culturais e comportamentais em relação ao que era percebido como sendo o natural e correto, vivido durante toda vida.

Aldemir Sousa Ferreira, durante entrevista em 08/08/2011, disse: “antigamente era tudo roçado, agora é tudo verde”. Ele afirma plantar em curva de nível. Segundo ele, o que modificou o seu novo modo de pensar o meio foram as palestras sobre os cuidados com a natureza, juntando-se à vontade de aprender novos hábitos e melhorar a qualidade de vida. Nesse sentido, pode-se dizer que toda e qualquer alteração na vida do sujeito é grave, parecendo-lhe preocupante e muitas vezes impraticável, porém, é a partir dessa mudança que sobrevém um novo olhar do mundo, um olhar mais consciente (LEFEBVRE, 1991). Com a chegada do projeto, portanto, combateu-se o roçado nas encostas e houve um reflorestamento natural.

O roçado e a sequeidão eram paisagens recorrentes na comunidade. Com a preservação de certas áreas, surgiram matas, árvores e muito verde, embelezando o lugar e recompondo a paisagem original.

Raimunda Rodrigues de Sousa, a “Sandra”, diz que não usa mais veneno no plantio. Já Raimundo Rodrigues Sousa afirma que não planta mais em encosta muito inclinada, não desmata, não joga lixo nas águas. Hoje tem respeito pela natureza.

Segundo Lia Pereira de Sousa, a “Beré”:

está muito melhor agora. Água só tinha a 1,5 légua. As encostas eram desmatadas e com plantação de feijão, milho, mas quando secavam ficava muito feio. Hoje é diferente. O Seu Cleiton explicou e não deixa mais fazer isso. Hoje é mais bonito, pois a mata se recuperou. (Entrevista em 30 de agosto de 2011).

Para Antonia Eliana Rodrigues de Sousa, a “Alane”, “era triste sem plantação porque não tinha água pra agoar. Hoje é muito bonito, pois zelando a terra ela é boa pra gente. Antes desmatava” (entrevista em: 20/08/2011).

Conforme foi possível observar, doze dos pesquisados (80%), atualmente, não fazem a plantação em encostas, porém, ainda é comum a prática de queimadas

no roçado.

Francisca Pereira de Souza fala sobre os cuidados com a natureza:

antigamente o povo devorava muito a natureza, mas hoje não destrói muito. Muitos não plantam nas encostas. Hoje, vejo melhor a natureza. É mais bem cuidada. Não espalho lixo na natureza, não sujo mais, ela não pode ser maltratada. Planto acerola, bananeira e sem queimadas, em canteiros (30/08/2011).

Foi observado nas respostas dos pesquisados que o grande desafio é seguir as orientações passadas pelos especialistas da IBC. Muitos enfrentam dificuldades devido ao relevo acidentado do terreno, grande parte em encostas, e pelos cuidados que exigem muitas vezes mudança de cultura, educação, o que somente se consegue ao longo de anos.

Ana Luiza Gonçalves do Santos afirma preocupar-se com a conservação das águas, elemento de extrema importância em pleno sertão nordestino. O cuidado com o riacho intermitentes e com as águas do açude fica evidenciado na fala de todos pesquisados, que afirmam não ter qualquer prática que contamine as águas, como lavar roupa no açude.

A compreensão do indivíduo, sua cultura, o modo como se organiza, como produz, como vive e se relaciona com outros e com a natureza, tudo isso leva ao entendimento do espaço. No estudo geográfico de uma sociedade, é imprescindível que se conheça e compreenda como são atendidas suas necessidades, o modo como cuidam do solo e como fazem uso dele. Estes são aspectos importantes para o entendimento do espaço e das transformações que são experienciadas pelo homem.

É preciso salientar que nove dos pesquisados já passou por situação de fome, literalmente, no passado. Hoje, usufruem de um desenvolvimento que afasta da pequena comunidade esses males históricos. Pedro de Sousa Ferreira aborda como era antes e como são, hoje, as condições de vida na comunidade da Barra do Bento:

Já passei muita fome, carne só de vez em quando. Hoje, melhorou cem por cento com a graça de Deus. É um lugar de benção. Coisa que não existia antes estou vendo agora. Quando a gente adoecia só usava coisa do mato. Era um lugar triste. Era um lugar que matava muita gente. Hoje tem muita coisa boa, mas tem coisa ruim também, como filme que não é pra criança assistir. Mas a gente se diverte. Acho até melhor hoje. Porque antes não pegava nem rádio, a gente se reunia e ia pra casa de quem tinha rádio a pilha. Mas a gente era

muito humilhado (entrevista em: 08/08/2011).

O desenvolvimento está presente em questões mais sérias, como o acesso à alimentação, mas também em aspectos mais triviais, embora de grande importância, como o lazer e a novos hábitos culturais. Antonia Eliana Rodrigues de Sousa, a “Alane”, afirma: “Hoje é um bom lugar, [podemos] assistir tv em casa e não precisar (sic) sair. As famílias se reúnem para assistir tv, mas, falam menos com os vizinhos”. Isto mostra uma mudança no hábito cultural dentro da comunidade, que antes se reunia à noite para as conversas no terreiro das casas, onde eram contadas as histórias de seus pais e avós.

Dentro desse contexto, cabe considerar que o espaço das conversas em torno das fogueiras, no terreiro da casa de Maria Rogrigues de Sousa, a Pipia, é mais que um espaço material, é o espaço das lembranças da infância, das histórias, do mundo vivido, o qual, segundo Bachelard (1979), não é um espaço mensurável, mas um espaço de vivências do homem e “vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1979: 19).

A percepção se exterioriza de acordo com os sentimentos e visão de cada sujeito (TUAN, 1980). Isto é notado na fala de Lia Pereira de Sousa, “Beré”, que, sobre o desenvolvimento, afirma:

Temos luz para iluminar a noite, temos mais conforto, é um lugar melhor, um lugar que a gente tem esperança na vida. Gosto deste lugar, da minha família, por ter me criado aqui, minhas brincadeiras quando era criança. Não mudou nada. A gente vai um na casa do outro. Só que tendo tv em casa, a gente não se junta mais para andar atrás de casa com televisão (entrevista em 30/08/2011).

Aqui, nota-se claramente o afeto da entrevistada pelo lugar, e assim, o que se percebe da realidade do mundo não são apenas os objetos, mas também um horizonte de ideias e emoções. (MERLEAU-PONTY, 2006).

Ainda sobre as transformações em Barra do Bento, na opinião de Ana Luiza Gonçalves do Santos, com a chegada de tanto desenvolvimento, as coisas ficaram melhores e mais fáceis: “Antes, não tinha nada na comunidade e agora está mais animado com as coisas que foram feitas. Esse meu lugarzinho é bom demais”. Na fala da entrevistada, nota-se uma grande afeição e identidade com a Barra do Bento, identidade esta que provém de vivências e experiências num determinado espaço, que levam a um sentimento de pertencimento, sem o qual o homem

submerge na perda de significados de sua existência (RELPH, 1980). Para Tuan (1980), há fortes laços afetivos entre o homem e o lugar, espaço onde ele vive suas experiências e seus afetos.

Francisca Pereira de Sousa afirma perceber as mudanças e o que elas trouxeram:

antigamente não tinha nada, mas, hoje a gente olha “praqui” e pracolá” e vê que tudo mudou pra melhor, bem melhor, tudo diferente e bom. Notei [que] os vizinhos antes se reuniam pra assistir tv bem longe, mas agora é bom porque não precisa sair de casa. Os encontros acabaram, mas a gente vai uns nas casas dos outros. Assisto novelas, mas também jornais que fala a realidade e a novela é invenção. Aprendemos muitas coisas boas sobre medicina no “bem-estar” [programa da Globo], mas também, mostra muitas coisas ruins. Os filhos ficam mais rebeldes (30/08/2011).

Conclui-se que a visão do mundo é única e diferenciada, pois cada indivíduo escolhe e reage de maneira diversa um do outro, sob influência de experiências anteriores, sentimentos, sendo a percepção, também, uma atividade mental, através da qual o homem interage com seu meio (TUAN, 1980), porém, tal atividade sofre influência do grupo social ao qual pertence. Espaço, tempo e lugar estão indissociavelmente ligados pela experiência, agindo sobre a percepção do homem. Assim sendo, deve-se dar a devida importância aos aspectos psicológicos do indivíduo para se chegar ao conceito de espaço, que vai além do espaço geográfico, geométrico ou físico, e com isso compreender a relação homem/espaço (OLIVEIRA, 1979).

O homem atual, possuidor de maior conhecimento do mundo, tem anseios que vão além de simplesmente atender suas necessidades básicas; ele almeja ascensão social e satisfação de desejos materiais, necessários ou não. Assim aconteceu com os moradores de Barra do Bento, que tiveram sua visão de mundo ampliada e a introdução de “novas necessidades”, advindas dos novos conhecimentos recebidos através do seu recém adquirido ‘bem de consumo’, a televisão, apreendendo o que lhes interessa “agora”. Isto é explicado por Lowenthal (1982), que compreende que a apreensão dos fatos é elucidada como sendo seletiva, criativa e imprecisa, fornecendo impressões mais convenientes a cada sujeito.

Aldemir Sousa Ferreira tem uma opinião ponderada quanto às mudanças. Para ele, com a chegada da energia e da televisão, as pessoas ficaram mais

isoladas. Ele diz que, antigamente, os moradores da Barra do Bento se visitavam mais.

Raimunda Rodrigues de Sousa, a “Sandra”, tem também uma opinião negativa quanto o uso da televisão, e afirma:

Depois da energia as pessoas se iludiram com música, tv, bebida, drogas, crianças de 14 anos em drogas e bebidas e surgiu inveja entre os moradores. [...] Antigamente ficavam ao redor da fogueira. Hoje, as pessoas não têm mais interesse em se reunir. Estão envolvidas com a televisão (Raimunda Rodrigues de Sousa, entrevista em: 08/08/2011).

A inveja a que se refere a moradora é em relação à aquisição de bens materiais. Infelizmente, viver em sociedade globalizada esbarra, também, na satisfação de exigências centradas no prazer do consumo, voltadas para o ‘ter’, como processo de alcance de maior *status*, muitas vezes gerando esse sentimento de inveja⁶¹ entre os moradores.

Raimundo Rodrigues Sousa, apesar de entender que a chegada da energia elétrica foi uma alteração positiva para o desenvolvimento da comunidade, em certo ponto compartilha da mesma opinião de Sandra:

Era melhor antigamente do que agora. Apesar de nas viagens para São Paulo, as pessoas voltavam bebendo direto, todo dia quando chegavam. Hoje as pessoas ouvem som muito alto e ninguém consegue dormir direito por causa da ‘muvuca’ (bagunça). A gente tinha mais comunicação. Hoje as pessoas andam menos na casa da gente (entrevista em 08/08/2011).

As drogas e a bebidas são problemas recorrentes nas mais recônditas comunidades do Brasil. Em muitas cidades do interior, já se observa o avanço das drogas e do alcoolismo, assim como também entre tribos indígenas relativamente distantes e isoladas, conforme relatado em diversas matérias jornalísticas⁶². O grande problema, além do próprio vício, é que tais entorpecentes deixam seus usuários transtornados e sem suas faculdades e discernimentos plenos, podendo incorrer em agressões e crimes de toda ordem, desde pequenos furtos até crimes mais graves.

⁶¹ A inveja é um sentimento de frustração gerado no indivíduo diante do que outrem conquista e ela própria não possui, causando-lhe desejo de possuir exatamente o mesmo bem, quer material ou imaterial. Sendo um sentimento recriminado pelas igrejas cristãs e pela sociedade em geral.

⁶² Ver Jornal Nacional, Edição do dia 20/05/2013, acessado em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/05/vicio-do-crack-alcanca-indios-em-aldeia-do-amazonas.html>

As igrejas têm sido as grandes difusoras de projetos para controle dos vícios, promovendo o tratamento de milhares de pessoas que se encontram mergulhadas nas drogas⁶³.

Outro fator relevante nesta pesquisa foi a compreensão de que suas interações⁶⁴ e relações sociais vão além de seus costumes e comportamento, incluem seus desejos e sentimentos e o valor atribuído às suas vivências e percepções. Entende-se, portanto, que há diferentes entendimentos para o mesmo acontecimento – o que para uns é simplesmente um acontecimento, para outros é um fato carregado de valores.

Com uma nova visão de mundo, a população da Barra do Bento passou a interagir com um mundo exterior à sua realidade, e a conviver com pessoas de nível sociocultural e econômico diferentes, adquirindo bens como a televisão, passando a conhecer e acrescentar ao seu cotidiano novos hábitos e valores econômicos, sociais e culturais.

Na comunidade de Barra do Bento, a nova realidade corresponde, também, a um processo que representa alterações no território geográfico, como infraestrutura, novos conhecimentos e acesso a um novo credo religioso, conseqüentemente, originando alteração no seu modo de vida e de conceber a vida e seu lugar, modificando sua relação com seu meio. Holzer (2005), citando Lowenthal, explica que, diante de transformações tão profundas como as que passou a comunidade de Barra do Bento, é imprescindível que a visão das coisas vá além de como elas se apresentam, mas, entendendo de que modo poderão vir a ser no futuro.

Tais novidades trouxeram à comunidade mudanças sociais, tecnológicas, culturais e religiosas profundas para seus moradores, mudando, de certa forma, sua visão de mundo e sua compreensão a respeito do seu próprio espaço e lugar, tudo num intervalo de pouco mais de 12 anos.

Antes, uma terra limitada e de muito sofrimento, mas ainda assim, sua terra; hoje, um lugar de mais conforto e possibilidades, que trouxe consigo um maior

⁶³ Hoje, diversos centros de tratamento de viciados pertencem a grupos religiosos. Inclusive a IBC possui um projeto-referência no estado do Ceará, recentemente agraciado com uma Menção Honrosa pela Câmara dos Vereadores de Fortaleza, o projeto Celebrando a Restauração, que utiliza como base os 12 passos do Alcolicos Anônimos (AA). Ver <http://www.cmfor.ce.gov.br/acoes-de-combate-as-drogas-sao-debatidas-pela-camara-de-fortaleza/> e <http://ibc.org.br/cr/>

⁶⁴ *Interagir* é sentir, perceber e responder, de maneira eficaz (neurociências comunicação evolução). Disponível em: <http://www.mindasks.com/#!/interagir/c1han> Acesso: 20/04/2012

apego e identificação com o lugar. A Barra do Bento, que antes já existia no coração de sua gente, em certo sentido, passou a existir também no mapa da dignidade humana. A figura 61 mostra Emília, uma criança de Barra do Bento, numa realidade ainda muito longe do ideal para toda e qualquer criança.

FIGURA 61 - Emília, criança de Barra do Bento, com sua boneca Emília.



Autor: Bezerra, Massimiliana (2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se é verdade, ademais, que a comunidade camponesa pode, hoje, renascer, em função de exigências e sobre bases modernas, nada mais interessante que este renascimento – do qual sairá, talvez, um novo sentido da Terra!” (LEFEBVRE 1981: 162).

Esta pesquisa buscou contribuir para o entendimento de como as intervenções em uma comunidade podem influenciar na concepção que os moradores têm de seu próprio lugar. Através de ampla pesquisa, buscou-se atingir o objetivo geral, que foi: analisar e compreender como os moradores da Barra do Bento apreendem e vivenciam as mudanças em seu espaço geográfico e em suas relações sociais e ambientais, mediante as intervenções da Igreja Batista Central (IBC) com apoio do Poder Público.

Todo o trabalho de pesquisa foi realizado visando responder aos objetivos específicos: I) refletir sobre a relação indivíduo/espaço, com base na compreensão dos moradores da Barra do Bento sobre seu meio; II) conhecer a história, os hábitos culturais e religiosos da comunidade de Barra do Bento; III) identificar as mudanças de ordem social, cultural, econômica e religiosa, que ocorreram na comunidade Barra do Bento, mediante a intervenção da Igreja Batista Central; IV) identificar elementos que possam colaborar com as discussões a respeito do tema indivíduo/espaço, levando em consideração o modo de vida dessa população e sua visão do espaço.

Buscando-se atingir o primeiro objetivo específico, foi possível fazer uma reflexão sobre a relação dos moradores com o espaço em que habitam, baseando-se na sua visão sobre o meio e seu modo de vida, próprio do sertanejo simples, que sobrevive a tantas dificuldades e escassez.

Alcançado o segundo objetivo específico, conheceu-se a história, os hábitos culturais e religiosos da comunidade Barra do Bento, bem como, a sua origem, o comportamento e as condições vividas antes do processo de intervenção da IBC/Poder Público, o que foi primordial para se comparar com o momento vivido na época da pesquisa. A miséria que se vivia antes foi observada nos relatos dos pesquisados, quando narraram as dificuldades, como fome e falta de condições

mínimas de vida.

Quanto ao terceiro objetivo específico, identificou-se que a intervenção da instituição Igreja Batista Central (IBC), com apoio do poder público, pouco trouxe de avanço ou mudanças de ordem econômica, no sentido de emprego e renda, já que a comunidade continua vivendo basicamente da agricultura de subsistência, auxiliada pelos projetos de assistência do Governo Federal. Mas, no sentido do ganho de condições de vida digna, mostrou-se que ocorreram várias mudanças positivas, como a construção do açude, chegada da água encanada, energia elétrica, escola, construções de moradias dignas, melhoria na via de acesso até a comunidade e orientações sobre conservação e proteção do meio ambiente.

Já nos aspectos sociais, culturais e religiosos ocorreram diversas mudanças. Foram incorporados novos hábitos sociais, como uma maior permanência dos moradores em suas casas, com o novo costume de assistir televisão, e menor frequência na casa dos vizinhos para as antigas rodas de conversa. O senso de preservação da natureza, a diminuição da prática da queimada e os novos hábitos de consumo são algumas das mudanças sociais e culturais identificadas na comunidade. Identificaram-se, também, novos hábitos religiosos, com parte da população passando a ser evangélica e cultivando valores fortemente apregoados por essa cultura religiosa.

Atendendo ao quarto objetivo, a presente pesquisa também forneceu elementos para colaborar nas discussões que levem em consideração o modo de vida da população e seu entendimento do espaço, mostrando que mudanças verdadeiras só acontecem se forem fomentadas em consonância com a cultura dos moradores locais, respeitando-se as diferenças de visão de mundo. Sua maior contribuição, no entanto, foi mostrar como a percepção dos moradores da Barra do Bento, a respeito do seu próprio lugar, evoluiu e foi impactada positivamente através da iniciativa da instituição Igreja Batista Central.

As respostas das entrevistas foram organizadas em três categorias para a devida análise, sendo: perfil socioeconômico e cultural; perfil religioso, e a compreensão de espaço, paisagem e lugar, antes e depois das mudanças.

A análise das respostas mostrou que esse novo espaço preenche os anseios e as necessidades da população da Barra do Bento, significando que a comunidade, realmente, passou por um processo de desenvolvimento socioespacial que resultou na melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Os habitantes da Barra do Bento vivenciaram uma época de muito sofrimento, mas também um momento de transformação positiva em sua realidade, conforme observado em pesquisa. Tais mudanças trouxeram a esperança de que, provavelmente, seus filhos não terão que passar pelas agruras que suportaram. Isto foi ponto muito comum nas conversas com os entrevistados.

Durante a pesquisa, os habitantes envolvidos tiveram a oportunidade de refletir sobre seu lugar e o uso do seu espaço - espaço dos acontecimentos, da existência no mundo, de suas vivências, suas histórias e memórias, enfim, espaço vivido, o seu lugar, onde se encontra algo de si, algo que pertence somente a si. O lugar é uma experiência na existência humana, estando no imaginário do sujeito. Vínculos de afetividade, sejam concretos ou abstratos, mantêm a ligação entre homem e seu espaço, um lugar vivido que passa a inspirar emoções, sentimentos, afetos e lembranças.

Com uma nova visão de seu meio, em decorrência das transformações ocorridas, e com a aquisição de bens como a televisão, os moradores da Barra do Bento passaram a conhecer um mundo exterior aos limites de sua área física, o que os induziu a inovações em seus hábitos e valores. Bens de consumo, como camas (em substituição à tradicional rede), geladeiras, fogão a gás, aparelhos de som, entre outros, passaram a fazer parte do dia a dia dos moradores.

A mudança de hábitos de consumo também pôde ser vista no advento da moto, ou da intenção de tê-la, em detrimento dos tradicionais animais de transporte.

Ainda quanto às alterações de hábitos e valores, pode-se citar a mudança de religião de alguns moradores, que tradicionalmente estavam vinculados à Igreja Católica, embora em sua grande maioria não-praticantes, pela ausência de uma representação da instituição na comunidade. Com essa mudança, surgiram novos valores morais, não difundidos, anteriormente, pela ausência de qualquer igreja, católica ou evangélica, como a “condenação” à bebida alcoólica e ao cigarro e, prezando pela valorização da família e pela fidelidade conjugal, por exemplo.

Uma preocupação relatada é quanto ao acesso à televisão. Para vários entrevistados ela é fonte de “benção e maldição”, numa relação quase maniqueísta. Num sentido positivo, ela traz ensinamentos, como cuidado com a saúde, conforme relatado, mas, por outro lado, abre caminho para coisas inapropriadas para crianças e adolescentes, que não deveriam ter acesso a determinados tipos de programação, como sexualidade exacerbada e violência gratuita. Casos comentados pelos

respondentes. Deste modo, por mais que a IBC queira pregar um estilo de vida para as pessoas da comunidade, ela sempre esbarrará no próprio desejo da comunidade.

O hábito de assistir televisão em casa, em detrimento do costume das rodas de conversa ao redor das fogueiras, à noite, trouxe um nivelamento da linguagem e a formação de uma cultura de massa, que consome ou anseia consumir produtos muito similares aos encontrados nas grandes cidades. Isso seria, de certa forma, o advento máximo da Globalização.

Isso demonstra que a ideologia dominante se apodera das ideologias subjacentes, de grupos sociais periféricos, impondo seus valores, ideias, aspirações, necessidades, desejos e sonhos. Isto ocorre porque, na visão de mundo do grupo dominante, o seu modo de ver a vida é o verdadeiramente correto.

Quanto ao manejo e cultivo da terra, a visão dos moradores de Barra do Bento parece seguir duas linhas: a primeira, a das pessoas que entenderam e aplicaram as melhores práticas, sem desmatamento, queimadas e sem plantar em encostas. A segunda, daqueles que não aprovam as novas orientações dadas pelo agrônomo da IBC, considerando difícil a continuidade de uma agricultura que já se caracterizava como de subsistência, anteriormente.

Cabe aqui fazer uma reflexão baseada no que foi observado ao longo dessa pesquisa: nem sempre o que se considera melhor para as pessoas será aceito e praticado por todas. Muitas vezes os voluntários fazem uma visão romantizada das pessoas 'simples' das comunidades rurais carentes, como se fossem ingênuas, desprovidas de qualquer opinião, e se esquecem de que cada povo tem sua cultura própria, que vivencia e respeita. Nesse sentido, entende-se que a cultura e a percepção de um grupo precisam ser levadas em consideração em qualquer processo interveniente.

Existem diversos moradores da comunidade que simplesmente não estão interessados em mudanças e melhorias, alguns por preguiça, outros por se sentirem confortáveis como estão. Nesse ponto, faz-se referência às questões ligadas a melhorias, como a instalação das cisternas ou da água encanada, que não foram aceitas por 8 (oito) da comunidade, por acomodação ou desinteresse de alguma ordem.

Numa visão reducionista e behaviorista, poderia-se considerar que existem conexões simples entre estímulos e respostas, quase num jogo de ação e reação, através das quais o ser humano reage meramente conforme idealizado e

estimulado, semelhante a uma máquina programável. Felizmente ou infelizmente, o ser humano não funciona tal qual uma máquina, em que se ensina ou se programa algo e ela reproduz o que foi aprendido. O processo de aprendizado de novas práticas é bem mais complexo e envolve, entre outras coisas, a aceitação de quem deve aprender ou praticar o novo hábito ou comportamento, exigindo um exercício de introspecção.

Infelizmente, conforme relatado por parte dos pesquisados, muitos têm aprendido diversos novos maus costumes, como, por exemplo, o consumo de bebidas e drogas, de certa maneira associados ao progresso.

Pelo contexto apresentado, já se percebe que os desafios enfrentados pela pequena comunidade de Barra do Bento já começam a mostrar traços dos problemas de uma região que começa a se desenvolver e enfrentar males que antes eram próprios somente das grandes cidades.

Outro problema relatado pelos moradores é que nem todos aderem aos métodos de cultivo, mesmo existindo verba do governo para projetos de manejo adequado da terra, através da Associação dos Moradores da Barra do Bento. Nem todos participam de tais projetos por serem opostos a qualquer tipo de atividade que despenda esforço físico e os que participam informam que um problema que eles enfrentam, quando da época de colheita, é o roubo do produto a ser colhido. Alguns chegaram a informar que iriam participar do projeto, mas ao saber que não receberiam o dinheiro e sim o material necessário para o plantio, saíram do projeto. Ou seja, desejavam apenas receber o dinheiro, provavelmente para o uso em outras finalidades.

São muitos os desafios enfrentados na tentativa de se ajudar uma pessoa, quanto mais uma comunidade inteira. E por mais que ocorram intervenções de instituições, as mudanças nunca serão perenes se não forem abraçadas pelas pessoas desse grupo. E isso não ocorre com imposição. A educação e o ensinar a pensar são praticamente as únicas formas de desenvolver o homem e elevá-lo como ser humano. A implantação de nova estrutura e equipamentos básicos, que antes a pequena comunidade não tinha, deve ser apenas o primeiro passo de um projeto maior, o investimento em educação inclusiva. A educação abre a visão das pessoas e amplia seus horizontes e limites. Sem ela, o povo continua subserviente a interesses de outros, muitas vezes espúrios.

A despeito disso, é preciso considerar o grande esforço por parte da

instituição IBC e do poder público (mesmo que a reboque), que colocaram a pequena comunidade no mapa dos direitos básicos e da assistência de condições mínimas. As transformações espaciais e sociais ocorridas na comunidade Barra do Bento interferiram positivamente sobre o local e as famílias, favorecendo uma melhor qualidade de vida, bem como, uma nova visão de seu espaço e de mundo, aumentando o senso de pertencimento e o sentimento de apego pelo lugar.

Vale ressaltar, também, o grande empenho de pessoas voluntárias, que continuam a apoiá-la, mesmo após a IBC ter diminuído os investimentos na Barra do Bento, o que tem feito, relativamente, nos últimos anos. Pessoas como o Sr. José Cleiton Nogueira e Sr. João Barbosa de Vasconcelos continuam sempre presentes na comunidade, utilizando muitas vezes recursos financeiros próprios, quase como numa missão pessoal.

Hoje, com certeza, os pesquisados têm melhores impressões sobre o lugar em que vivem, nutrindo mais carinho pela terra e pelo próprio meio ambiente, tendo um dos entrevistados, inclusive, comparado a natureza a uma mãe que nos alimenta e todos afirmando terem agora mais respeito por ela. Isso decorre dos conceitos e práticas ensinadas e propagadas pela IBC, principalmente na pessoa do Sr. José Cleiton Nogueira.

Sem as condições mínimas, como água, os moradores aparentavam estar cansados e tristes com sua própria terra, sofridos pela miséria. Com as intervenções, surgiu a satisfação com o lugar e com isso o aumento do apego e carinho para com a terra. Hoje existe paixão pelo lugar em que habitam, pela tranquilidade, pelos morros e ladeiras, pela natureza que os cerca.

Outro ponto que merece análise e reflexão é quanto à idealização que os povos urbanos fazem dos povos rurais. Muitas vezes, lamenta-se a perda de seus costumes e hábitos, tal como o da casa de taipa e chão de barro batido, no entanto, cabe aqui a lembrança de que todos querem 'melhorar de vida'. As pessoas da Barra do Bento, também. Uma vez que eles têm contato com o mundo urbano, suas tecnologias e benesses, buscam, agora, conforto e comodidade, e passam a querer mais.

O desejo da pesquisadora é que a cultura do sertão não se perca, e que esta tese possa servir, também, a essa reflexão: como o desenvolvimento pode conviver com a preservação dos hábitos e costumes de um povo, diante das pressões e influências dos agentes de transformação. Para isso, são necessárias a

identificação e a preservação de seus valores culturais, a fim de que reconheçam seu próprio lugar.

Somente através da valoração da sua própria cultura, essa pequena comunidade passará a ter uma identidade, e com ela a percepção de um lugar de pertencimento.

A pesquisa mostrou que, muitas vezes, o que se idealiza para as comunidades, como novas técnicas, culturas ou mesmo um grandioso projeto-piloto, não se concretizam ou o fazem de maneira limitada, ora por escassez de recursos humanos, técnicos e financeiros, ora por desinteresse das próprias pessoas que são alvo das mudanças e que deveriam ser as maiores interessadas.

Em Barra do Bento, 25% das famílias mostrou-se interessada apenas em um assistencialismo imediato, como sujeito passivo das ações de transformação, numa relação com o paternalismo histórico brasileiro, que sempre espera que o outro, ou o próprio Estado, faça tudo pelo cidadão. Claro que isso, de maneira nenhuma, isenta o Estado da execução do que lhe é devido e do apoio mínimo às comunidades.

Para trabalhos futuros, fica aqui a sugestão de aprofundamento em técnicas de intervenção social que busquem preservar hábitos e costumes, levando em consideração o entendimento que os habitantes possuem do seu lugar em comunidades rurais e/ou carentes. Fica também a sugestão para aprofundamento do estudo de projetos bem sucedidos que desenvolveram a geração de emprego e renda em comunidades rurais, objetivo não atingido, ainda, pela atuação da IBC e do poder público na Barra do Bento.

Espera-se que esta tese sirva como reflexão e exercício de ajustes para novas práticas nos processos intervenientes junto às populações e comunidades, entendendo-se que estas possuem culturas e percepções próprias do mundo e do lugar em que vivem, e que precisam ser observadas e respeitadas. Um processo hiper-acelerado de desenvolvimento que se processa, de repente, sobre esses lugares, muitas vezes traz com ele efeitos colaterais e novos desafios, conforme apresentado aqui. Por isso, tais desafios precisam ser devidamente estudados e respondidos.

Finalizando, apresenta-se o momento do abraço do Sr. Cleiton em um morador da Barra do Bento (Fig. 62).

Figura – 62 Sr. Cleiton e morador da Barra do Bento.



Autor: Quezado, William (2011).

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A.N. – **Os Domínios da Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, (1974) 2003.
- ABRAMO, P. – **Pesquisa em Ciências Sociais** in: HIRANO, S. – **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- ADEODATO, M. T. P. C.; LIMA, M. A. – Proposta de Reassentamento Rural Para a Comunidade de Barra do Bento, em Canindé-CE. III ENECS-Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis. UFPR ANAIS, 2003 Disponível: http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2003/2003_artigo_086.pdf Acesso: 12/04/2011.
- ALBERTI, V. - **A Existência na História**: revelações e riscos da hermenêutica. Estudos históricos-Historiografia, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.31-57, 1996.
- ALVES, J. M. B.; SILVA, R. A.; Souza, E. B.; REPELLI, C. A. **Principais Secas Ocorridas Neste Século No Estado Do Ceará**: Uma Avaliação Pluviométrica 1998.– In Anais Congresso Brasileiro de Meteorologia. Brasília. Site: http://www.cbmet.com/edicoes.php?pageNum_Recordset_busca=9&totalRows_Recordset_busca=623&cgid=13&imageField2.x=43&imageField2.y=12 Acesso em: 24/08/2012.
- ANDRADE, M. C. de. - **Geografia, Ciência da Sociedade** – uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. 143 p.
- ANDRADE, M. C. de. - Sertão ou Sertões, uma homenagem a Euclides da Cunha. In: SILVA, J. B. da; CORREIA, E. W.; ZANELLA, M. E. (orgs.). **Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.
- ANDRÉ, M. E. D. A. - **Etnografia na Prática Pedagógica** – Campinas, SP: PAPIRUS, 14ª EDIÇÃO, 2008. 131 P.
- ARROYO, M. - **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BACHELLARD, G. - **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** (182 p; In Os pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAUAB, F. P. – **Da Geografia Medieval às Origens da Geografia Moderna**: contrastes entre diferentes noções de Natureza, Espaço e Tempo. Tese de Doutorado, UNESP- Presidente Prudente, 2005 313 pp.
- BAUMAN, Z. – **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BETTANINI, T. **Espaço e Ciências Humanas**. trad. L. Laganá Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. - **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

BUSSOLOTI, J. M. – **Construindo Indicadores para a Paisagem do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Santa Virgínia**. Tese (doutorado) UNESP, Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Rio Claro, 2011. 255 f.

BRAGA – H. P. V. - Universidade Federal do Ceará- UFC, 1976 *In* IBAMA 1992. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos.

BRASIL 2010 <http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos/portugues/revista1.pdf>
Acesso: 12/04/2010.

BRASIL, 2011 (<http://www.brasilrepublica.com/nordeste.htm>, 2011. Acesso: 28/09/2011.

BRASIL 2013 - IDH - **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2013
Acesso: 03/03/2013.

BRASIL, 2011 Governo Federal - Ministério da Agricultura, Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/animal/especies/caprinos-e-ovinos> Acesso: 12/02/12.

BUTTNER, A.- Apreendendo o Dinamismo do Mundo vivido. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. - **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p.165-193.

CAMARGO, J. C. G.; ELESBÃO, I. - **O Problema do Método nas Ciências Sociais: o caso da Geografia**. Mercator – Revista da UFC, Ano 03, N. 06, 2004.

CANDIDO, A. – **Os Parceiros do Rio Bonito**. 6 edição. São Paulo: Livraria duas Cidades. 1982. 284p.

A Geografia Brasileira, Hoje: algumas reflexões. *Terra Livre*, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, jan./ jun. 2002, p. 161,162. -178.

O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CASTELLETTI, C. H. M.; SANTOS, A. M. M.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. da - Quanto Ainda Resta da Caatinga? Uma Estimativa Preliminar *In*: **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008. 719 – 734. p.

CASTRO, I. E.; GOMES P.C.C.; CORRÊA R.L. - **Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CASTRO, B. - Voltar à Terra: camponato, territorialidade e globalização. *In*: ALMEIDA, M.G; CRUZ, B.N. (Org.) **Território e Cultura**: Inclusão e exclusão social nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia, 2009.

CASTRO, M. E - **Os Assentados** - lavradores do século XXI: Assentamento tiracanga logradouro em Canindé, Ceará, Brasil (2007 -2008). Universidade Estadual do Ceará – UECE. Dissertação de Mestrado em Geografia, 2009.

CEARÁ, 2002 - <http://www.ceara.gov.br/index.php>. Acesso: 14/10/2011.

CEARÁ. 2009 <http://www.ceara.gov.br/index.php/municipios-cearenses/782-municipios-com-a-letra-c#munic-pio-canind> Acesso: 23/04/2011.

CEARÁ, 2011. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/index.php>. Acesso: 14/10/2011

CEARÁ, 2012. - Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/index.php/turismo-religioso>. Acesso:15/07/2012.

CHAUÍ, M. - **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. 3. Ed. São Paulo: Ed. Contemporânea, 1982.

_____ – Janelas da Alma, Espelho do Mundo *In*: NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CHRISTOFFOLI, A. R. – **Turismo e Religiosidade no Brasil**: um estudo dos discursos da produção acadêmica brasileira. Universidade Vale do Itajaí-SC. Tese de Doutorado. 2007. 145 pp.

CHRISTOFOLETTI, A. (Org). As características da nova geografia. *In* CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985, p.71-101.

CLAVAL, P. - **O Território na Transição da Pós-modernidade**. *In*: GEOgraphia - Ano 1- nº 2, 1999 b. pp. 07-26.

_____ - **A Nova Geografia**. Coimbra: Livraria Almedina. 1978.

_____ – O Papel da nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. *In* ROZENDAHL, Z. e CORRÊA, L. (org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____ – **O Tema da Religião nos Estudos Geográficos**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, n. 7, p. 37-58, Jan/Jun 1999.

COISADECEARENSE 2011.Caatinga na Região de Canindé, Ceará www.coisadecearense.blogspot.com.br. Acesso: 24/08/2011.

CORIOLOANO, L. N. M. T - **O Turismo Litorâneo Cearense**: do local ao global. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará – UECE, 1998. 187 pp.

CORRÊA, R. L. - Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. *In*: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (ORGS) **Manifestações Da Cultura No Espaço**. RIO DE JANEIRO: EDUERJ, 1999. 248 pp.

_____ & ROSENDAHL, (org.)– **Geografia Cultural**: um século. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRESPO, A. P. A.; GUROVITZ, E. – **A Pobreza Como Um Fenômeno Multidimensional**. RAE-eletrônica, volume 1, número 2, jul/dez/2002. p.12 <http://www.rae.com.br/eletrônica/index.cfm?fuseAction+Artigo&ID=1178&Secao=PÚBLICA&Volume=1&numero=27Ano=2002>.

CUNHA, E. da - **Os sertões**. São Paulo, Editora Três, 1984.

DALLAGO, J. e ALMEIDA, L., 2010. Acesso 08/02/2012. <http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/posts/2010/11/09/romaria-em-caninde-um-passeio-motofotografico-no-ceara-339042.asp> .

DAMATA, R. (1986 b) - **O que faz o Brasil?** 2.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

DARDEL, R. - **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, A. - **O que é a Fenomenologia?** Centauro Editora , São Paulo: 2010.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 18.º) Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm#18> Acesso em: 20/02/2012.

DEMO, P. - **Introdução a Metodologia Ciência**. São Paulo. Atlas, 1987 118 p.

_____ – **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo. 4ª Ed. Atlas, 1985. 255 p.

DILTHEY, W. – **Os Tipos de Concepção do Mundo**. Tradução: Artur Morão, Vol. VIII: Weltanschauungslehre. Abhandlungen zur Philosophie der Philosophie, B. G., Teubner Verlagsgesellschaft, Estugarda/Vandenhoeck & Ruprecht, Gotinga, 1977. Disponível em: www.lusosofia.net Acesso em: 20/09/2011

DUARTE, M. de B. e MATIAS, V. R. da S. - **Reflexões Sobre o Espaço Geográfico a Partir da Fenomenologia**. CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line. ISSN 1678-6343. Instituto de Geografia ufu. Programa de Pós-graduação em Geografia. Minas Gerais. 190 – 196 p. out/2005 <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>

DUQUE, J. G. – **Solo e Água no Polígono das secas**. 6 ed. Fortaleza: Ed. Banco do Nordeste do Brasil. 2004, 334 pp.

DURHAM, E. R. - **Depoimentos**. Revista de Antropologia (São Paulo), São Paulo: v. 46, n. 2, p. 361-363, 2003.

EMATERCE, 2013. Disponível em: <http://www.c4noticias.net/2013/04/caninde-acude-construido-pela-ematerce.html>. Acessado em 15/04/2013.

EVANGELISTA, I. M. – **Uma Leitura Sobre a Praia de Iracema – Fortaleza (CE):** transformação socioespacial do lugar e suas representações. Rio Claro: Tese (Doutorado) UNESP/IGCE. 2013. 212 pp.

FAGGIONATO, S. - **Percepção Ambiental**. Disponível em: http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html Acesso: 25/05/2011.

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos, disponível em: www.febraban.org.br Acesso: 20/08/2011.

FERRAZ, M. L.; ORTIGOSA, S. A. G. – Indicadores de Qualidade de vida Urbana como Instrumento de Avaliação de desenvolvimento Sócio-Espacial no Pólo Tecnológico de José dos Campos-SP. In GERARD, L. H. O.; FERREIRA, E. R. (org) – **Saberes e Fazeres Geográficos**. Rio Claro UNESP/IGCE: AGETEO, 2008.

FORGHIERI, Y. C. - **Fenomenologia e Psicoterapia**. São Paulo: Ed. Cortez. 1984.

FREIRE, P. - **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

FRÉMONT, A. - **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Ed. Almedina, 1980

FUNCEME - Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. 2011. Governo do Estado do Ceará: <http://portal.cogerh.com.br/plano-de-contingencia-de-cheias/apresentacao> Acesso em 09/02/2011.

FUNDAJ, 2011

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=719%3Amuseu-paraense-emilio-goeldi&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1

Acesso em 05/09/2011.

G1GLOBO, 2012 - Acesso: 22/11/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/nosso-ceara/noticia/2012/11/estatua-de-santo-sem-cabeca-faz-sucesso-em-caridade-no-ceara.html>.

GADAMER, H. G. – **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 7. ed. Petrópolis: Ed. Vozes; São Paulo: Ed. Univ. São Francisco, 2005.

GALVÃO, J. de C. – **Água a Redenção para o Nordeste: discursos das elites políticas cearense e paraibana sobre obras hídricas redentoras e as práticas voltadas ao setor hídrico**. 372 f. Tese de Doutorado em Geografia Humana. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

GIL FILHO, S. F. - Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o Idealismo Crítico. In: KOZEL, S. (org.). **Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

GIRÃO, R. - **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza/CE: BNB. ETENE, 1985.

GOLDMANN, L. – **Dialética e Cultura**. Trad. Luis Fernando Cardoso e outros. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMÉZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMENÉZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibre, 1996. 305 p.

GOOGLE MAPS, 2011 - Disponível em: https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-PT&q=canind%C3%A9&ie=UTF-8&ei=ISWmUf-TFcnJ0wHUsoCYAg&ved=0CAsQ_AUoAg Acesso: 14/01/2012.

GUIMARÃES, S. T. de L. - **Nas Trilhas da Qualidade**: algumas idéias, visões e conceitos sobre qualidade ambiental e de vida. Geosul, Florianópolis, v.20, n.40, p.7, jul/dez. 2005.

HEIDEGGER, M. - **Construir, Habitar, Pensar**. Tradução: Eustaquio Barjau. Conferencias y Artículos. Serbal, Barcelona: 1994. Acesso: 20/12/2012. Disponível em: http://personales.ciudad.com.ar/M_Heidegger/construir_habitar_pensar.htm.

HOLZER, W. **Paisagem e Lugar**: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. São Paulo, USP, 1994. (Tese de Doutorado pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia Humana)

_____ – **A Geografia Cultural e a História**: Uma leitura a partir da Obra de David Lowenthal. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N.19-20, P. 23-32, AJN/DEZ. de 2005.

HOORNAERT, E. – **História da Igreja no Brasil**. 2. Edição. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997. 11 v. 2. P. 163-4.

IBGE 2010 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=23&dados=0> Acesso: 11/09/2011.

IBGE, 2011 - <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/caninde.pdf> Acesso em 28/08/2011.

IPECE, 2002 - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - Perfil Básico Municipal, www.ipece.ce.gov.br/ Acesso em: 17/01/2012.

IPECE, 2006 - Governo do Estado do Ceará – Secretaria do Planejamento e Coordenação- SEPLAN; Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará-. Site: www.ceara.gov.br/ Acesso 15/08/2011.

IPECE, 2006 - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará acessado em

www.ipece.ce.gov.br/ Acesso em 17/01/2012.

IPECE, 2007 - Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/12/129x.htm>
Acesso: 25/04/2011

ISTOÉ - Revista - Ed: 1658, 11.06.2001. ON LINE. Acesso: 26/02/2011. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/38955_TRAGEDIA+ANUNCIADA.

JACOMINE, P. K. T. – Solos Sob Caatinga, Características e Uso Agrícola. 95-111pp. *In*: ALVAREZ, V. H.; FONTES, L. E. F.; FONTES, M. P. F. (Orgs.). **O solo nos grandes domínios morfológicos do Brasil e o desenvolvimento sustentável**. Viçosa/MG: SBCS; UFV, DPS. 1996. 930pp.

KELTING, F. M. S. e LOPES, J. L. S. - **Vislumbrando Paisagens**. 2ª Ed. Fortaleza: Edição própria, 2011. 120p.

LANE, S. T.M. **Histórico e Fundamentos de Psicologia Comunitária no Brasil** *In* Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. Regina H.F. CAMPOS (org.) 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LANGER, S. K. – Philosophy in a New Key. New York, Mentor Book, 1958 p. 85 *apud* TUAN, Yi-Fu – **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983 p. 10.

LEFÈBVRE, H. - **Ideologia e Marx**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

LEMOS, A. I. G. (Org.). - **Turismo**: Impactos Socioambientais. 2 ed. São Paulo: Hutech, 1999. 308 pp.

LENCIONI, S. – **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003

LIMA, N. T. - **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

LIMA, R. T. de. - **Percepção Ambiental e Participação Pública na Gestão dos Recursos Hídricos**: Perfil dos moradores da Cidade de São Carlos, SP. UFSCar, 2003 (Dissertação de Mestrado) 114 p.

LOWENTHAL, D. - Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. *In*: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. Tradução de Mª Hosana de Souza e Antonio Christofolletti. São Paulo: DIFEL, 1982. pp.103-141.

LUCHIARI, M. T. P. A - (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. *In*: Org. ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

MALVEZZI, R. – **Os Biomas Brasileiros**. s/d Disponível em: http://cliquesemiárido.org.br/not_0110.htm Acesso: 24/01/2012

_____ - **Semiárido - uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007. 140 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINELLI, M. - **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008. 110p.

MARTÍNEZ-SOTO, J., **Comportamiento Proambiental. Una Aproximación al Estudio del Desarrollo Sustentable con énfasis en el comportamiento persona-ambiente**. Revista THEOMAI/THEOMAI Journal Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo/Society, Facultad de Estudios Superiores Zaragoza; Universidad Nacional Autónoma de México. Número especial – 2004.

MARTINS, J. S. (Org.) - **Introdução Crítica a Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec: 1981.

_____ e BICUDO, M. A. V. - **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Ed. Moraes. 1994.

MASSON, I. – **A Gestão Ambiental Participativa: possibilidades e limites de um pressuposto de múltiplas relações**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. (Dissertação de Mestrado). 2004. 165 pp.

MELO FILHO, J. F. & SOUSA, A. L. V. – **O Manejo e a Conservação do Solo no Semi-árido Baiano: desafio para a sustentabilidade**. In: Revista Bahia Agrícola, v. 06, n. 3, Nov. 2006. Disponível em: http://www.seagri.ba.gov.br/pdf/socioeconomia_04_v7n3.pdf Acesso: 24/01/2012.

MELO, J. B. de – **Leituras da Paisagem: Jardim do Seridó-RN em Foco** In: Ateliê Geográfico Goiânia-GO, v. 2, n.3, 05/2008. 77-102 pp.

MENEZES, R. S. C.; BAKKE, O. A.; BAKKE, I. A. – Potencialidades para a Implantação de Sistema Agrosilvipastoris em Regiões Semi-Áridas *In* **Sistema Agrosilvipastoris no Semi-árido**. BAKKE, I. A.; BAKKE, O. A.; SILVA, A. M. A.; MELO, A. C.; FREIRE, A. L. O.; LOBO, K. M. S. (Orgs). Patos-Paraíba: UFCG, 2009 01-30 pp.

MERLEAU PONTY, M. - **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo-SP, Editora Wmf Martins Fontes, 2006. 662 pp.

_____ - **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971. 274pp.

MINAYO, M. C. - **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Ed. Vozes. 1993.

MOURA, M. M. - **Camponeses**. São Paulo. Editora Ática, 1986.

MOURA, M. S. B. **Clima e Água do Semi-árido**. 37-59 pp. In: Potencialidade da água de chuvas no semi-árido brasileiro. Brito, L. T. L.; Moura, M. S. B.; Gama, G. F. B. (Editores). Petrolina/PE: Embrapa, 2007. 181 pp.

MOURA, Wallace *In*: PMC (2010) - www.caninde.ce.gov.br/ Acesso 08/02/2012.

NOBRE, M. R. C. - **Qualidade de Vida**. São Paulo: Editorial Instituto do Coração do Hospital das Clínicas – FMUSP, 1995. P. 299-300. Disponível em: <http://www.arquivosonline.com.br/pesquisartigos/Pdfs/1995/v64N4/64040002.pdf>
Acesso: março/2012.

O GRITO DO BICHO - Acesso: 30/10/2011. Disponível em: www.ogritodobicho.com/2011_08_07_archive.html .

OLIVEIRA, A. U. de – **Os Possesiros e a Luta Contra o Capital: “...A terra é de ninguém”** Faculdade de Filosofia, (USP). Caderno Prudentino de Geografia - Nº27, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Presidente Prudente-SP, 2005 P.09-22.

OLIVEIRA, R. C. – **O trabalho do Antropólogo** – 2ª edição, Brasília; Paralelo 15;^a , São Paulo: co-edição: Ed. UNESP, 2000. 222 p.

_____ & OLIVEIRA M.D de. - **Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la.** *In:* Pesquisa Participante. Org. Carlos Rodrigues Brandão. 5ª Edição, Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

OLIVEIRA, V. P. V. de. A Problemática da Degradação dos Recursos Naturais no Domínio dos Sertões Secos do Estado do Ceará-Brasil. *In:* SILVA, J. B. da; DANTAS, E. W. C.; ZANELLA, M. E.; MEIRELES, A, J. de A. (orgs.) - **Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006-b.

OLIVEIRA, J. H. M. – **Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo.** UFRJ, INSTITUTO DE Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2007.

P1MC, Projeto 1 Milhão de Cisternas – Perfil Sócio-Econômico de Canindé - Série PRODER - SEBRAE-CE. P1MC, Projeto 1 Milhão de Cisternas – Site: http://www.asabrazil.org.br /Portal/Informações.asp ?COD_MENU=1150 Acesso: 12/10/2011.

POLACK, W.G. **The Story of Luther**. Concordia: Publishing House, 1931. 153 p.

POMPEU SOBRINHO, T. - **História das Secas (Século XX)** - S/D. Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/historia_das_secas_xx.pdf Acesso: 07/01/2012

PORTAL CANINDÉ, 2012 Disponível em: <http://www.portalcandinete.net/> Acesso 10/12/2012.

PRADO, D. E. – As Caatingas da América do Sul. *In:* LEAL, I. R., TABARLLI, M. e SILVA, J. M. C. da (Editores). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. 3 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 822p. il. 03-73 pp.

PRANDI, R. **Converter indivíduos, mudar culturas.** *Tempo soc.* [online]. 2008, vol.20, n.2, pp. 155-172. ISSN 0103-2070. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/08.pdf> Acesso: 04/06/2012.

_____ - Referências Sociais das Religiões Afro-brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização. In CARDOSO, C. e BARCELAR, J. (orgs.). **Faces da Tradição Afro-brasileira: Religiosidade, Sincretismo, Anti-sincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas/Salvador: CEAO, 2008, p. 93-111.

PMC, 2009 - Prefeitura de Canindé - www.caninde.ce.gov.br/ Acesso 16/01/2012.

PMC , Disponível em: <http://www.caninde.ce.gov.br/> Acesso: 26/08/2011.

REBOUÇAS, A. da C.. **Água na região Nordeste: desperdício e escassez**. *Estudos Avançados* [online]. 1997, vol. 11, n.29, PP.154. ISSN 0103 -4014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100007 Acesso: 12/08/2012.

REIS, A. C. S. – **Clima da Caatinga**. Rio de Janeiro: Anais Academia Brasileira de Ciências, 1976, 48(2). PP. 325-335.

REIS, J. V. - **O Ensino de Ciências numa Escola Rural: um olhar crítico com base no cotidiano**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

RELPH, E. – **Place and place lessness**. London: Pion Limited, 1980. 156p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 334 p.

RIO, V. Del & OLIVEIRA, L. de (org.) - **Percepção Ambiental: A experiência Brasileira**. Ed. UFSCAR: São Carlos: São Paulo, 1996. P. 97-119.

ROCHA, S. – **Opções metodológicas para estimação de linhas de indigência e pobreza no Brasil**. Ipea, Rio de Janeiro, abr. 2000. (texto para Discussão, n. 720).

ROSS, J. L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997. 111 p.

SANTOS, A. P. dos - **Geografia do (In)visível: O Espaço do Kardecismo em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. USP, Depto de Geografia, São Paulo: 1999.

_____ - **Introdução à Geografia das Religiões**. São Paulo: Espaço e Tempo, GEOUSP, Nº 11, 2002, pp. 21-33.

_____ – **Novas Geopolítica, Igrejas e População Sem Religião: Anarquia Religiosa no Brasil?** GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, Nº33, 2013. PP. 68-83,

SANTOS, M. - **Por uma Outra Globalização do Pensamento único à Consciência**

Universal. Editora: Record. 2000.

SANTOS, M. – **A convivência com o Semi-árido.** Petrópolis: Coleção Convivendo com o Semi-árido. 2003. 56 pp.

SANTUÁRIO, 2011 Disponível em:: www.santuariodecaninde.com/santuاريو/
Acesso 10/11/2011.

SAQUET, M. – **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões. 2011.

SARAMAGO, J. - **As Pequenas Memórias.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHINEIDER, S. e FIALHO, M. A. V. – **Pobreza Rural, Desequilíbrios Regionais e Desenvolvimento Agrário no Rio Grande do Sul.** Passo Fundo-RS: Teor. Evid. Econ., v. 8, n.15, p. 117-150, novembro 2000

SEEMANN, J. - **Geografia, geograficidade e a poética do espaço:** Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (CE). Ateliê Geográfico, Revista Eletrônica v. 1, n. 1 UFG-IESA 2007 Site: http://www.academia.edu/187815/Geografia_geograficidade_e_a_poetica_do_espaço_o_Patativa_do_Assare_e_as_paisagens_da_região_do_Cariri_Ceara

SILVA, R. M. A. – **Entre o Combate à seca e a convivência com o Semiárido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese (Doutorado em Geografia) CH, Universidade de Brasília/DF, 2006

SILVA, R.A.; SANTOS, A. M. M.; TABARELLI, M. – Riqueza e Diversidade de Plantas Lenhosas em Cinco Unidades de Paisagem da Caatinga. *In: Ecologia e Conservação da Caatinga.* 3 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. pp. 337-365

SILVA, R. I. da, - **Geografia da Religião:** uma contribuição da abordagem através das práticas espaciais de intolerância religiosa na urbanidade carioca. RS: Revista Magistro – ISSN: 2178-7956. v. 1, n.1, 2012. <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1411/81>

SILVA, V. M.; ARAÚJO FILHO, E. R.; LEITE, V. L. A.; PEREIRA, E. S. A. – **Manipulação da Caatinga e seu Efeito Sobre Parâmetros Fitossociológicos e de Produção, em Serra Talhada, Pernambuco.** p. 58-61 In Anais da Reunião da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Brasília – DF, 1995.

SOUZA, L. C. T. de, - **A Percepção Geográfica do Espaço Sertanejo sob o Olhar de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa:** Uma Possibilidade Metodológica de Interpretação do Espaço. Bahia: UNEB, 2005.

SOUZA, M. J. N. – **Condições Geoambientais do Semi-Árido Brasileiro.** Notas e comunicações de Geografia. Recife, Série B: Textos Didáticos, N. 15, 1996.

SZYMANSKI, H. *et al.* (Org.). - **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora, 2002. 87 p.

THIOLLENT, M. J. M. - **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo. 5ª ed. Editora Polis, 1987, 270 p.

THOMPSON, P. – **A voz do Passado**: História Oral. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

TUAN, Y. – **Topofilia**: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____ - Geografia Humanística. *In*: Christofolletti, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, 143-164. (orig. 1976).

_____ – **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIANNA, H. M. - **Pesquisa em Educação** - a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

WEBER, M. A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004, p. 335.

WOORTMANN, E.F. - **O Trabalho da Terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Editora da Universidade de Brasília. Brasília, 1997.

ZANCUL, M. de S. **Água e Saúde**. Revista Eletrônica de Ciências. São Carlos: Faculdade de Ciências Farmacêuticas – UNESP. N. 32, 04/2006. Disponível em: http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_32/atualidades.html Acesso: 23/07/2012.

ZANELLA, M. E. As Características Climáticas e os Recursos Hídricos do Ceará. *In*: SILVA, J. B. da; DANTAS, T. C.; CORREIA, E. W. **Ceará: Um Novo Olhar Geográfico**. 2 ed. Atual – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

APÊNDICES

PESQUISA COM A COMUNIDADE BARRA DO BENTO

1. Ciclo de Vida, Composição Familiar, Alfabetização e Renda:

Faixa Etária	0 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	+ de 60	Sabe ler e escrever?		Nível de escolaridade		Nível de Renda	
									Sim	Não.	Ens. Fund.	Ens. Médio	Benefício	Trabalho
Homem														
Mulher														
Filho 1														
Filho 2														
Filho 3														
Filho 4														
Filho 5														

2. Posse de itens e condições:

ITEM	SIM	NÃO	1	2	3 ou +
Energia Elétrica					
Cisterna					
Banheiro					
Televisor					
Antena Parabólica					
DVD					
Telefone Celular					

Som					
Computador					
Geladeira					
Fogão a Gás					
Bicicleta					
Moto					
Carro					
Animal para Transporte					

PERCEPÇÃO DO LUGAR

3. Onde você nasceu? Se em outra localidade: como veio para a Barra do Bento? **(Caso não tenha nascido no lugar, pular para pergunta 5)**
4. Como foi sua infância na Barra do Bento?
5. Como você brincava e se divertia e como se relacionava com a natureza?
6. Que lembranças e sentimentos você tem de ter crescido aqui? São sentimentos positivos e agradáveis ou não?
7. Você já morou com sua família em outro lugar? Como era a relação de sua família com o lugar? Seus pais e sua família queriam crescer e permanecer na Barra do Bento? Em algum momento demonstraram ou falaram em se mudar e ir para outro lugar ou sempre quiseram manter raiz na própria comunidade?
8. O que Barra do Bento significa para você? Qual a importância deste lugar para você?
9. Do que você gosta nesse lugar?
10. Do que você não gosta nesse lugar?
11. Se você puder, pretende mudar-se e morar em outro lugar ou pretende permanecer sempre neste lugar? Por qual motivo você se mudaria para outra localidade?
12. O que é mais marcante na paisagem da Barra do Bento para você?

PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS

13. Você percebe atualmente alguma mudança (espacial) na Barra do Bento? Quais foram essas mudanças? Houve mudanças que você considere que foram boas ou ruins? Cite.
14. Com relação às mudanças ocorridas na Barra do Bento – a chegada da escola, da energia elétrica, da TV, do telefone, da geladeira, da água através de cisternas e do açude, entre outras coisas – como você vê/percebe hoje a comunidade? Essas mudanças foram importantes para você e para a comunidade?
15. Após a chegada da igreja de Fortaleza e das melhorias (açude, energia...), houve mudanças em sua vida e na sua relação com este lugar e com a comunidade em que você vive?

PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

16. Qual a sua ocupação/ profissão?
17. Quantos na casa trabalham e com o quê trabalham?
18. A família possui aposentadoria, Bolsa Família ou outro benefício?
19. Qual a renda da família?
20. Criam Animais para alimentação da família, para venda ou para os dois casos?
21. Plantam cereais, legumes e verduras - para alimentação da família, para venda ou para os dois casos?
22. Possuem árvores frutíferas?
23. Onde são comprados os alimentos que são necessários e que vocês não produzem?
- i. Compram na própria comunidade
 - ii. Compram nas localidades próximas (Bonitinho ou Monte Alegre)
 - iii. Compram em Canindé
24. O que você e sua família costumam fazer para se divertir na Barra do Bento? E o que vocês costumavam fazer antes da chegada da igreja e da energia elétrica?
25. Você considera a comunidade unida? Por quê?

PERFIL RELIGIOSO

26. Qual a religião dos membros da família?
27. Você mudou de religião após a chegada do projeto da igreja?
28. Por que você mudou de religião? Atualmente você permanece na mesma religião? Explique.
29. Como você se sente hoje em relação a sua religião?

ANEXOS

ANEXO A - EDITORIAL DO SITE DA IBC SOBRE O PROJETO

<http://www.ibc.org.br/site/index.php>Central de Notícias

Projetos do Alcance Social

por Central de Notícias em 23/07/2010

Atualmente o Alcance Social possui 10 projetos em andamento e depende constantemente de voluntários na prestação dos mais diversos tipos de serviços e apoio. Se você se identifica com algum dos projetos, junte-se a nós!

Alcance Social: 3444-3619/3620

PROJETOS SOCIAIS

Alcance Barra do Bento

Localização: Barra do Bento, município de Canindé- CE.

Objetivo: Alcançar a comunidade da Barra do Bento, promovendo a autonomia, sustentabilidade e o amadurecimento espiritual dos envolvidos, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida na região.

Público: Comunidade local (todas as idades).

Atividades: Apoio à produção agrícola e ao desenvolvimento das demais potencialidades da região, obras de infraestrutura, segurança alimentar, ações de cidadania, formação de lideranças, cultos e grupos de aconselhamento.

<http://www.ibc.org.br/site/index.php>Central de Notícias

ANEXO B – MATÉRIA DO JORNAL “O POVO” SOBRE O PROJETO DA IBC

O POVO Online



Fortaleza CE, 21 Dez 2007 - 00h56min

SOLIDARIEDADE

Rali solidário

Pilotos e Navegadores do Ceará Realizam Amanhã um Rali em Prol da Comunidade Barra do Bento, em Canindé. A Comitativa Larga às 7h30min, Próximo ao Anel Rodoviário.

Pilotos e navegadores de carros off-road participam amanhã do Rali Solidário, evento beneficente em prol da comunidade de Barra do Bento, localizada a 20 km depois de da cidade de Canindé e que é composta por 30 famílias. A comitativa de carros 4x4 sairá da tenda da Igreja Batista Central (IBC), às 7h30min, na BR-116, perto do Anel Rodoviário, e seguirá até a localidade.

"Nós estamos chamando de rali, por causa da participação dos carros. Mas é uma grande caravana de solidariedade", explicou o organizador do evento, o piloto Armando Bispo. Segundo ele, a comunidade já vem recebendo assistência da IBC, da qual Bispo é pastor, há algum tempo. "Nós vamos lá para uma comemoração. Será inaugurada uma barragem, que poderá receber cerca de 500 mil metros cúbicos de água, com um bom inverno em 2008. A comunidade sofreu com várias doenças e agora, merece algo assim, que ajude na melhoria de vida", disse Bispo. A barragem foi construída com a ajuda da Igreja e de dois órgãos públicos: a Secretaria de Recursos Hídricos do Estado e a Ematerce.

A caravana de pilotos e navegadores também levará para o local roupas, calçados, material escolar e alimentos para os moradores da Barra do Bento. Serão entre 30 e 40 carros participando do evento. "Muitos deles são campeões dentro e fora do Estado", disse Armando Bispo. Mas outras pessoas que tiverem interesse em ajudar a comunidade da Barra do Bento podem participar do rali. Para Bispo, não há nenhum problema. Basta ter interesse em ajudar o outro. "As pessoas que quiserem participar conosco deste momento de solidariedade, estão convidadas a

estar na nossa tenda, às 7 horas. O caminho até a comunidade é de fácil acesso e outros carros, que não são 4x4, podem chegar até lá." É a chance de contribuir para um Natal melhor para quem é carente.

ANEXO C – TEXTO NO JORNAL “O POVO”**Relato do líder Armando Bispo da IBC sobre o projeto Barra do Bento****TODA A HISTÓRIA DO “PROJETO BARRA DO BENTO”**

Jornal O Povo

Fortaleza-CE, 08 Abr 2008 - 00h30min

4X4

O milagre das águas

Armando Bispo

Barra do Bento era uma comunidade de 30 famílias, distante 25 km de Canindé, cujos moradores dependiam de um combalido jumento para buscar água a mais de 5 km de distância. Seco era o lugar do povoado e secas as esperanças daquele povo não visitado, não assistido, nem mesmo pelos que fazem da pobreza um reduto para angariar voto. Até porque candidato não anda de jumento!

A penúria daquele povo sensibilizou um grupo de jipeiros que decidiu transpor os obstáculos e levar água potável, cestas básicas e dignidade para aqueles, cujo sonho estava no trocadinho ao pé da CE 020, nas frequentadas festas de Canindé ou no abandono da família em direção da riqueza no sudeste do país.

As primeiras incursões levaram os potentes 4x4 às trilhas rumo à Barra do Bento e ao contato direto com a comunidade. Cestas, águas e palavras de conforto marcaram os primeiros dias. A comunidade deslumbrada com as super-máquinas, foi contemplada com a amizade, o carinho e a solidariedade daqueles que deixavam suas casas e rotinas para servir e ajudar as famílias no projeto de auto-sustentabilidade.

Depois de alguns anos, foi realizado para aquela comunidade o 1o. Rally da Família Solidária. Famílias e amigos de Fortaleza, alguns ligados à Igreja Batista Central de Fortaleza, largaram de Fortaleza, passaram por Baturité, subiram até Guaramiranaga e desceram pelo outro lado da Serra em direção a Caridade, cidade próxima a Canindé.

O Rally da Família Solidária propiciou momentos de muita emoção para todos os participantes, pois, além de levarem alguns suprimentos para aquela comunidade, eles mesmos nos serviam daquilo que tinham em casa ou na pequena

lavoura plantada sob sol escaldante.

Muitas transformações de vida e da estrutura de sobrevivência foram acontecendo ao longo dos últimos anos. Agora, nossos dois últimos desafios eram luz e água em abundância. O grande esforço daquele grupo de jipeiros e amigos, proporcionou a eletrificação da comunidade e, por último, o milagre das águas.

Foi construída uma barragem com seus 12 metros de altura, capaz de armazenar mais de 1 milhão de litros d'água e grandes possibilidade de desenvolvimento sustentável para as 30 famílias da Barra do Bento. As últimas chuvas fizeram o açude sangrar, por isso, no dia 21 de Abril (feriado), vamos retornar àquele lugar com alguns jipeiros e competidores de off-road, para celebrarmos o milagre das águas na Barra do Bento.